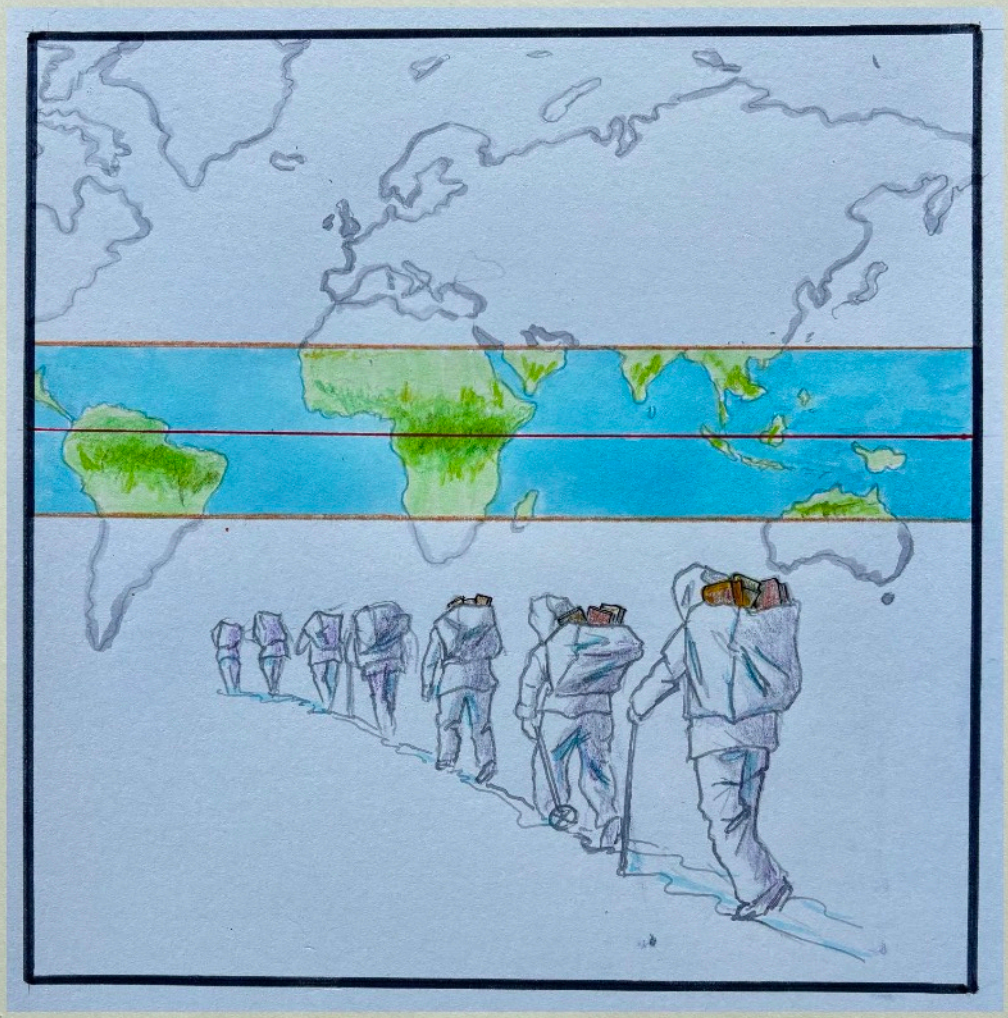
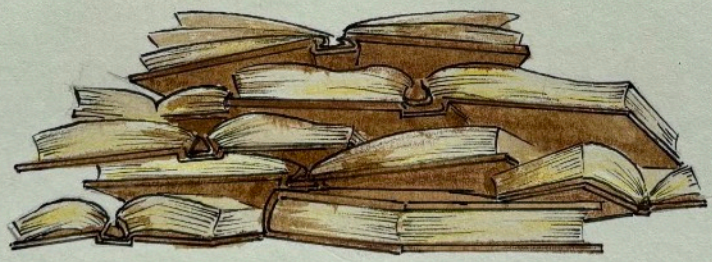
A Saga Magister-Auctor





A refuridição do murido

Catherina Auctor Liberty Auctor

Versão 2.03

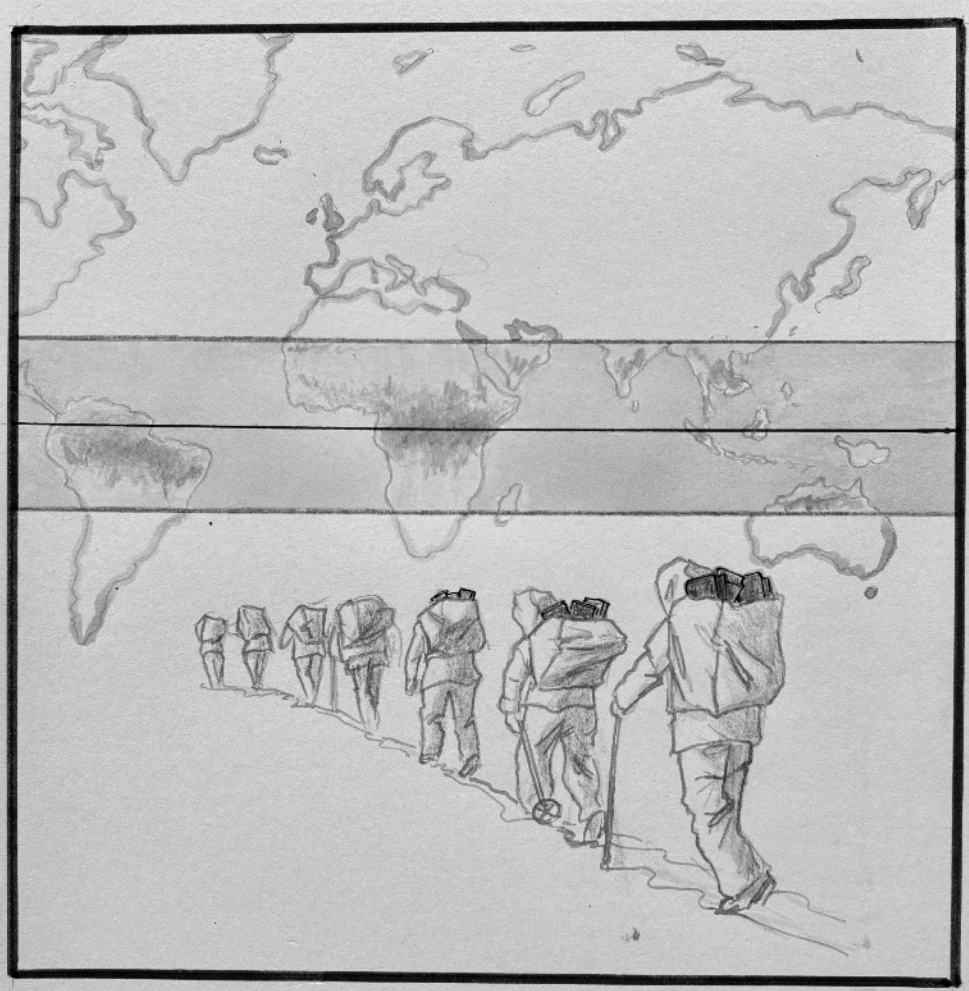
Título: A Saga do Magister Auctor. 12. A Refundição do Mundo
Título original: De Magister Auctor Saga 12. De heropbouw van de wereld
Co-autores: Catherine Auctor e Liberty Auctor
E-livro em fonte *Charter 14*

Para o século XXI, A Saga do Magister Auctor © 2020-2026 Pascal Paulus
com capa de livro de Frank Nuyts lançado sob a licença CC BY-NC-ND 4.0

Nos dois últimos livros da saga Magister-Auctor recorremos frequentemente a conversas gravadas por Catherine e Liberty Auctor com os seus avós Lev Auctor e Sara Lector, e os seus pais Alberto Auctor e Maria Liber.
Essas conversas oferecem-nos um relato pessoal de alguns dos eventos que ocorreram durante a Refundição do mundo humano na Terra após o Inverno Vulcânico.

Na altura da gravação das conversas, Lev tinha 80, Sara 78, Alberto 54 e Maria 52 anos.
As conversas foram gravadas em 122.07 logo após o regresso da viagem de Liberty e Wolfgang a Marte.

A Saga Magister-Auctor



A refuridição do murido

Catherina Auctor Liberty Auctor

Para Manuel, Sebastião
e Olívia

No contexto da Saga Magister-Auctor, a minha irmã e eu concordamos em retratar o período entre o regresso de muita EquivaGente de Bibliopolis da Lua para a Terra e a morte de Emmy Lehrman mãe de avô Lev (121.45 - 121.92).
A mãe do avô desempenhou juntamente com Sang N'Kondo Ngô um papel de liderança na organização de nove princípios com a rede de *Convivialis Civitas* que hoje agrupa a grande maioria das comunidades da parte habitável da Terra.

Inicialmente tínhamos pensado em usar as gravações como base para escrever o livro. Mas as gravações eram muitas vezes tão vivas que decidimos editar levemente as conversas com o Avô Lev, a Avó Sara e os nossos pais, Alberto e Maria.

Assim a *Refundição do Mundo* conta-se principalmente na primeira pessoa. Torna-se um relato pessoal de membros da família Magister-Auctor. Pensámos que se enquadra bem no pretendido para a saga toda

O adendo *Convivialis Civitas Consolidatus?* foi escrito pela minha irmã Liberty.
Ela considerou que uma breve homenagem a Emmy Lehrman era uma boa maneira para terminar este livro.
Boa leitura.

Catharine Auctor, Bibliopolis 122.15

Prefácio lunar

"Fala-nos da vossa estadia na Lua. No total, passaste lá quase seis anos."

Com essas palavras, queríamos pôr o Avô Lev a contar as suas aventuras. O Avô é um bom contador de histórias. O nosso pai pode ter herdado a mesma qualidade, embora ele sempre diga que não sabe contar histórias.

Mas o avô não monstra esse tipo de "falsa modéstia".

Estávamos sentados no jardim com um pequeno gravador digital entre nós. O jardim é mais uma horta e fica por tràs da pequena casa para onde ele se tinha mudado com a Avó Sara depois do meu pai e a minha tia saíram de casa.

O Avô começou a falar.

"Claro, eu estava furioso com a minha avó, como sabem. Ela convenceu os meus pais de fugir para a Lua porque não tínhamos certeza do que iria acontecer com a Terra. Eu acusei-a de sofrer do Síndrome de Megalissipo. Afinal, ela costumava contar histórias em como convencera os pais a fugir daquela Polis quase quarenta anos antes. É claro que em retrospectiva e naquele caso ela estava certa. Até o pai dela percebeu-o. Rapidamente teve que seguir o resto da família.

No entanto, eu acusava-a de agora ter medo de ficar, daí a invenção do Síndrome de Megalissipo. Ela e a tia-avó Joana falavam às vezes de Megalissipo e de cidades entretanto desabitadas alguns havia então já 50 anos ou mais. A minha tia-avó alegava que a minha avó costumava fugir espontaneamente em tempos passados. Como disse, parti revoltado para a Lua

ainda adolescente. Fiquei sobretudo indignada porque tive que deixar os meus melhores amigos Simba e Amadu para trás na Terra. O único consolo foi que os pais de Faisal também decidiram embarcar para a Lua."

"Simba, Amadu, Faisal?" pergunta minha irmã.

"Ah, sim, claro. Essa é a minha geração. Simba Zoungrana, Amadu Cheboi e Faisal Chakma. Foram três amigos de peito com quem passava muito tempo no meu grupo de aprendizagem.

Claro, não sabia de tudo enquanto criança. Acontece que a Avó Fernanda ficou profundamente impressionada com o que ela ouviu de geólogos acerca das perfurações subterrâneas, as explosões nucleares até, em muitas áreas costeiras, pouco antes dos caçadores de dinheiro partirem para sua cidade espacial *Elysium*. Certamente sabem que o manto terrestre é mais fino na maioria das áreas costeiras. Segundo os geólogos, foram causados danos consideráveis à camada superior do manto. O ocorrido pode ajudar a explicar certas erupções vulcânicas inesperadas e o aumento da atividade tectónica.

Lembro-me a viagem em si. Foi uma experiência e tanto. No fim das contas, era uma viagem no espaço. A base lunar enviou um meio de transporte. Fomos levados em grupos familiares até ao lago, onde uma espécie de nave flutuante nos aguardava. A minha avó estava muito animada. Para ela também era a sua primeira viagem espacial. No seu caso era ainda mais especial, pois ela iria experimentar pela primeira vez ela própria os efeitos práticos do seu trabalho matemático.

A decolagem foi estranha e, no fim de contas bastante desagradável. Sentimos como se estivéssemos a ser esmagados

contra os assentos. Mesmo no momento em que pensei não aguentar mais, a pressão diminuiu. Os meus pais olharam preocupados para os filhos e para os dois idosos a bordo.
Logo a seguir fomos transferidos para outra nave. Esta segunda nave era muito maior. Dez outras famílias fizeram também o check-in para a viagem. Ao todo o nosso voo levou sessenta pessoas à Lua, deixando a nave lotada. Por um breve momento, a Avó pôde agora realmente vivenciar os efeitos da *Bolha-Espacial Rovelli*. Digo breve por uma razão simples. Pelo que entendo acerca do princípio físico de distorção, a distância da Terra à Lua é curta demais para criar uma Bolha-Espacial completa. Digamos que pareceu que estávamos a flutuar fora dos nossos corpos por um breve momento. Mas a memória pode estar a pregar-me uma partida…"

A minha irmã interveio: "Quando fomos à Marte, a distância era grande o suficiente para gerar uma Bolha-Espacial completa. Não fizemos a viagem na altura em que os dois planetas estavam próximos. Eu experimentei aquela sensação que vocês experimentaram, como se os corpos estivessem a flutuar fora de nós, especialmente ao acelerar e desacelerar. Mesmo dentro da bolha a mudança de velocidade é bastante abrupta. Precisam entender que usar uma Bolhas-Espacial Rovelli significa principalmente deixar de depender da gravidade dos outros planetas para acelerar. No hectano 120 continuava essa a ser a técnica mais eficiente antes de adoptarmos o princípio TWIST. Contudo, nalguns casos essa técnica quase duplicava a distância para chegar perto do planeta cuja gravidade tornava a aceleração possível. Hoje podemos escolher órbitas muito mais

diretas. A nossa viagem de ida e volta incluindo a estadia no planeta Mars levou menos de um ano terrestre. É uma grande melhoria. Imaginem só. A viagem que estamos a preparar para Ganímedes e Europa levará no total 'apenas' quatro anos."

O avô Lev sorri: "Se já começam a me interromper agora, provavelmente precisaremos de mais alguns dias para toda a conversa... mas entendo o teu entusiasmo.
Deixa-me apenas dizer que fiquei bastante decepcionado com o curto tempo de viagem até à Cúpula Lunar 2. Depois de meia hora no veículo de transporte, tivemos outro transbordo, agora para o módulo de alunagem. Ainda hoje viaja-se mais rápido da Terra para a Lua do que da Cúpula Lunar 1 para a Cúpula Lunar 5. Mas isso tem mais a ver com as condições de vida na Lua. Tentam imaginar como me senti quando o módulo de alunagem entrou directamente para uma plataforma no subsolo. Depois de *Paraíso*, como Bibliopolis era chamada na época, aquilo parecia um inferno. Tudo estava negro exceto as partes com iluminação artificial; não se via nada de verde em lugar nenhum. Como precaução era preciso vestir um fato especial com tanques de oxigénio. Éramos imediatamente avisado de nunca sair da cúpula sem todo o equipamento. Morreríamos em 15 segundos a menos que a equipe de segurança nos salvasse imediatamente. Era pior do que uma prisão! O meu único pequeno consolo foi que Faisal ficaria a viver na mesmo Cúpula …
Ainda me lembro da alegria da Avó Fernanda ao rever pessoalmente um certo Henry Pax. Ela aproveitou o encontro para nos contar como Henry tinha ajudado tantas pessoas para chegar a um dos Três Lugares."

“Os Três Lugares?” perguntou a minha irmã.
“Esse era o nome de conjunto para Paraíso, Última Rosa e Pérola Brilhante naquela época. A minha avó perguntou se o filho de Henry estava por perto. Ele respondeu que mesmo estando perto em termos de distância lunar, não era possível simplesmente pegar um veículo rápido para fazer uma refeição juntos. Ele vivia na Cúpula 5. Na altura havia apenas um Magneto na Lua, entre as Cúpulas 1 e 2. Carl morava lá porque participava num programa para a mineração de meteoros…
…Lembro-me vagamente de uma visita de Henry nos nossos aposentos privados alguns dias depois. Acho que ele nos mostrou uma gravação da sua família. E também me lembro que foi a Avó Fernanda quem anunciou o filho de Henry dois meses depois que ele tinha morrido num acidente de trabalho. O equipamento teve uma falha durante uma missão ao ar livre e não avisou em tempo a chegada de uma chuva de micro-meteoros. O fato ficou perfurado e toda a ajuda chegou tarde demais.
É claro que me perguntei mais tarde o que aconteceu aos Pax... Vi na Biblioteca Central, há pouco tempo, que Paula Pax escreve histórias infantis. Deve perguntá-la se é parente de Henry…
… Mas voltando aos meus 12 anos. Logo após a nossa chegada, os meus pais apresentaram-me os pais de Ahanu, Tala e Aiyana. Eles vieram de Culturopolis, então chamada de Última Rosa. Ahanu tinha mais ou menos a minha idade. A minha mãe Emmy conhecia Tala de conversas de vídeo e ficou bastante surpresa ao conhecer a família pessoalmente. Aiyana era geóloga e tinha muitas informações sobre o que estava a

acontecer na Terra. Hoje sabemos como a história terminou. Mas havia muitas incertezas na altura. Pela primeira vez tive pesadelos quando sonhava com os meus amigos Simba e Amadu. De acordo com a mãe de Ahanu, os *Elysianos* com o seu desejo mórbido de possuir em vez de usar causaram grandes estragos no subsolo. Voltarei ao que minha mãe Emmy disse sobre uso e posse. Mas de facto os então *Bloomcampers* mandaram fazer perfurações consideráveis e recorreram até a detonações nucleares dentro do manto da Terra. Trinta anos depois, duas consequências tornaram-se claramente visíveis. Por um lado, foram detectadas grandes rachas no fundo do mar no Hemisfério Norte, especialmente entre Vineland e Waçúm. Além disso toda a área de South Erebúm e West Waçúm hoje inundado, também foi severamente afectada. Provavelmente as atividades humanas aceleraram o lento processo natural de deslizamento das placas tectónicas. Em finais de 121.38 e início de 121.39, parecia que os piores temores de Aiyana se tinham tornado realidade. As rachas tinham tendência a tornar-se contínuas. Essa era a explicação mais provável para novos vulcões a emergir entre os existentes em quase toda a secção Waçúm do Anel de Fogo do Pacífico. Além disso se a desestabilização do subsolo continuava para leste tanto *Pérola Brilhante* como *Última Rosa* poderiam se tornar instáveis. Só esta última corria talvez menos riscos devido à altura em que se localiza. Quando as áreas marítimas e pantanosas entre Alkebulan e Erebúm e a região dos Açores mostraram sinais de ebulição aqui e ali, Aiyana e Pepe Márquez quiseram avisar todos os *Convivialis Civitas* da rede. Em *Paraíso* puseram os

planos de evacuação em andamento, e as famílias que já tinham escolhidos de ir para a Lua despediram-se de quem queria ficar na Terra.

Aiyana e Pepe trabalharam com um grupo de geólogos para criar um mapa de locais considerados como "áreas seguras", principalmente entre os trópicos. Eles tentaram proteger os habitantes das muitas *Convivialis Civitas* informando aqueles que ficaram em Terra para onde deveriam ir."

"E acabou por ser tão mau quanto o grupo de geólogos havia previsto?"

"Sim. Desde a nossa chegada à Lua pudemos acompanhar o desenvolvimento com telescópios potentes. Ouvíamos também os relatos vindos dos Três Lugares. Ocorreu um período de grandes terremotos em quase toda a área do Anel, mas também no sudoeste de Erebúm. Muitos Ignorantes, ainda confinados em distritos de Poleis e sem saber o que estava a acontecer, perderam a vida. Houve distritos inteiros de Megapoleis destruídos num instante. O nosso maior arrependimento foi não termos conseguido garantir refúgio suficiente a tempo. Também houve *Convivialis Civitas* a suportar golpes pesados. Talvez houve quem tinha minimizado os perigos. Houve quem achou se tratar de uma mera escolha pessoal entre Espaço ou Terra. Pode-se dizer que este optimismo originou a perda de aproximadamente um bilhão de vidas. Foi quem reconheceu tarde demais que as indicações dos geólogos deveriam ser levadas a sério.

No entanto aqueles que perderam a vida repentinamente sob a queda de rochas ou durante um terremoto sofreram talvez

menos do que aqueles que sobreviveram à grande atividade vulcânica e tiveram de procurar sobreviver durante anos no período subsequente. Assim como em episódios anteriores na Terra, o céu de quase todo planeta tornou-se cinzento. Grandes áreas da superfície terrestre escureceram devido às enormes nuvens de poeira e cinzas que os ventos, especialmente acima e abaixo dos trópicos, acumularam nalguns casos anos seguidos. A calota do Ártico gelou completamente de novo. A Terra conheceu uma espécie de nova mini era glacial. Vastas áreas cobriram-se de uma espessa placa de gelo. O resultado um tanto irónico foi que o nível do mar caiu ligeiramente novamente.

A atividade humana no subsolo causada pela corrida por Terras Raras teve outra consequência. As numerosas explosões no manto superior resultaram em abruptas alterações nos fluxos de lava. Estas alterações aparentemente afectaram até mesmo o núcleo contendo ferro líquido. Ou seja, mesmo o centro da Terra ficou afectados algo que inicialmente ninguém pensou ser possível. Foi talvez uma coincidência mas o escudo magnético da Terra tornou-se instável. Permitiu a passagem de verdadeiras tempestades de iões cósmicos. Estas costumavam ser curtas e intensas causando mau funcionamento temporário ou permanente de muitos equipamentos eletrónicos da Terra. Isso, por sua vez teve consequências dramáticas para as informações armazenadas digitalmente. Engenheiros de equipas como da família Chakma tiveram mais dificuldades para proteger os Três Lugares dos efeitos dos Possuidores Arrogantes do que dos Ignorantes Ambulantes mesmo tendo os primeiros deixados a Terra havia mais de trinta anos. A Lua tinha crateras adequadas,

perpetuamente sombreadas, para a instalação de computadores quânticos topológicos. O acelerador de partículas lunar estava em fase experimental mas permitia engenheiros e físicos de analisar alguns problemas práticos. Naqueles lugares já por si frios, foi relativamente mais fácil manter uma temperatura próxima do zero absoluto, apesar das condições desafiadoras para o trabalho humana. Naturalmente, qualquer assistência robótica era mais do que bem-vinda. Aqueles foram dias assustadores, de facto! Antes de tudo, tentaram armazenar com segurança todas as informações de alta tecnologia. Só no início deste hectano começaram novamente a armazenar informações digitais na Terra também."

"Mas então, a Terra finalmente se estabilizou?" perguntei.

"Sim, mas não sabíamos disso na época. Com cada notícia que chegava o número de mortos tinha aumentado. Era assustador.

Vi mais olhos vermelhos e pessoas a chorar naqueles seis anos do que em todo o resto da minha vida. E, como disse, temia por Amadu e Simba. Com doze anos, tinha pesadelos nos quais eles caíam sistematicamente em poços de lava. Consegui a proeza de acordar completamente suado na atmosfera artificial e controlada da Lua. Isto é que era!"

O avô Lev riu-se.

"Alguns meses ou talvez um ano depois da nossa chegada à Cúpula Lunar 2, conheci Can Pham, Ahn Mai e Sara Lector. Eles vieram de uma *Convivialis Civitas* de algures perto da comunidade Paraa.

Ahanu estava no nosso grupo de aprendizagem e, após cada visita da sua mãe tínhamos novas histórias emocionantes sobre

a exploração das cavernas lunares. Essas cavernas são principalmente tubos de lava. Há muitos milhões de anos na Lua como na Terra durante as grandes erupções com lava a deslizar durante meses a borda externa solidificava mais depressa do que o que fluía no seu interior, daí a aparência tubular. As seções subterrâneas das cinco cúpulas lunares estão abrigadas em cavernas tubulares do género. Faisal e Ahanu foram os meus amigos do peito lá na Lua durante aqueles dois primeiros anos. Eu sempre tentava estar lá onde Ahanu e Faisal estavam durante as explorações. A mãe de Ahanu levava-nos às vezes para fazer medições ou para observar a Terra através do que era conhecido como o telescópio externo. O pai de Faisal levou-nos para visitar o acelerador de partículas. E com a permissão de nossos pais, ele também deixou-nos visitar uma cratera onde estavam a construir um computador quântico. Não sei bem o que eu esperava, mas lembro-me de ter ficado muito decepcionado. Tudo o que vi foi um emaranhado incrível de fios e placas dentro de uma grande esfera vítrea, enquanto a parte funcional era completamente invisível para nós, pois estava num ambiente de quase zero Kelvin dentro de um invólucro. Sei que Can e eu dissemos a Ahn e Sara, ao retornarmos a Cúpula 2, que a coisa não era mais do que de uma esfera com fios."

"Então passaste a vida na Cúpula Luar 2 durante aqueles anos", observou minha irmã.

"Sim. Ou lá fora... Pelo menos no início… Aiyana contava histórias cativantes a partir das rochas que o nosso grupo trouxe um dia depois de uma excursão. Não passavam de meteoritos ou rochas de poeira. Mas, usando essas rochas, ela nos esboçou toda

a história da formação da Lua. Isso, claro, inflamou a nossa imaginação. Can fazia parte dos mais velhos do nosso grupo de aprendizagem. Ele sugeriu explorar a Lua sem adultos por perto. Faisal aparentemente já sabia como sair do Cúpula sem sermos notados. Então, um dia Faisal, Can, Ahanu, Ahn, Sara e eu partimos para a aventura. Tínhamos trazido sacos de colheita. O nosso objetivo era juntar poeira lunar. Aprendemos com Aiyana que a Olivina é encontrada no regolito (que aparentemente cobre a maioria dos corpos celestes "mortos" identificado como poeira lunar na Lua). Com pequenos pedaços de Olivina, poderíamos fazer anéis. Esse era todo o nosso plano. Can queria dar um anel a Ahn, e ela sabia isso. Eu secretamente queria fazer um anel desses para a Sara mas ela ainda não sabia! O regolito é basicamente um material finamente triturado, mas na nossa imaginação parte dele teria sido derretido pelo sol a uma temperatura suficientemente alta para formar pedaços de Olivina. É claro que tais ideias só poderiam ter surgido na mente de adolescentes apaixonados, e todo o plano não estava isento de perigos mortais.

Saltamos cuidadosamente para a superfície lunar. Perto do Cúpula Lunar 2 havia uma cratera rasa, onde pensávamos poder encontrar o pretendido. Com o primeiro 'salto' para a cratera, Ahanu caiu logo de lado de tal forma que não conseguia se erguer sozinho. Para o endireitar fizemos uma longa fila pela borda da cratera e eu tentei alcançá-lo. Ao fazer isso, perdi também o equilíbrio e caí em cima dele. Nenhum de nós conseguia ficar de pé. Aí o pânico estava a tomar conta de nós. Ambos começamos a gritar nos microfones dos nossos trajes. O meu estava aparentemente numa frequência que também

estava a ser captada na cúpula pelo Controle para Atividades no Exterior. Dez minutos depois dois adultos vieram nos resgatar da nossa situação precária.

Fomos posteriormente interrogados pelo Controle na presença dos nossos pais. Encomendaram-nos um estudo acerca do mineral Olivina. Rapidamente percebemos quão tolos tínhamos sido. Mas na minha opinião foi mesmo a saída foi um êxito. De todo o episódio resultou Sara e eu tornarmo-nos inseparáveis. Ainda hoje temos soltamos as vezes gargalhadas quando um de nós pronuncia *Olivina*. Logo também explica o nome da vossa tia: quando a ela nasceu muitos anos mais tarde os dois dissemos 'Olívia' ao mesmo tempo. Se o vosso pai tivesse sido o primeiro, o nome dele teria certamente sido Oliver…

Mas o episódio teve também consequências desagradáveis. Os nossos pais restringiram por completo as nossas visitas ao ar livre. A primeira atividade fora da cúpula foi supervisionada por um adulto e só aconteceu durante uma visita de um grupo de aprendizagem da Cúpula Lunar 3, quase três anos depois. Ahanu não estava connosco naquela altura. Isto porque, eu devia ter uns quatorze ou quinze anos, quando Tala e Aiyana Quispe anunciaram estarem fartos das constantes rotinas internas da Cúpula Lunar 2. Embora estivéssemos na altura mais escura do Inverno Vulcânico, a poeira parecia ter relativamente pouco impacto nos Três Lugares. Eles preferiram regressar à Terra. Aiyana queria continuar aí a sua pesquisa sobre os fluxos de lava subterrâneos e as rachas no manto terrestre.

Eles obtiveram um lugar num vaivém para *Paraíso* e não para

Última Rosa já que os voos para lugares terrestres eram bastante limitados na época. Eu não veria Ahanu novamente até nós também finalmente voltar para *Paraíso.”*

“E agora tenho que interromper por um momento a minha história. Para entender melhor o que vem a seguir, quero primeiro vos contar o que minha mãe Emmy me disse alguns anos mais tarde quando eu integrava o grupo fazendo o elo de ligação entre a Terra, a Lua e *Elysium*.

Os meus pais faziam já antes parte dum grupo que organizava encontros discretos entre membros de *GNet-Z* e o ainda existente grupo de liderança *Elysium* conhecido como os Gestores dos Três Fundos [Ver volume 11 *O paraíso dos livros*]. Devem saber que, por volta de 121.40 e portanto cerca de um ano depois de mudarmos para a Lua, havia grandes tensões entre os gestores dos Fundos e a oligarquia existente em *Elysium*. O progressivo envelhecimento de *Elysium* tinha em parte a ver com isso. Mas também é preciso tentar imaginar que muitos viviam já quarenta anos na cidade espacial de *Elysium* sem grandes perspectivas de futuro. Ninguém sabia exatamente o que iria acontecer nas décadas seguintes.

Como mencionei, Tala e Aiyana voltaram para a Terra. Muito mais geólogos estavam a retomar as suas medições. Gradualmente, ficou claro que uma parte da Terra permaneceria inabitável por um período muito maior do que a vida útil de *Elysium*. Na melhor das hipóteses, a Cidade Espacial só poderia continuar a funcionar por mais dez anos sem grandes intervenções da Terra. E os EquivaGente viram-se eles mesmo perante outros grandes desafios naquele momento. Os membros

de *GNet-Z* estavam dispostos a ajudar os gestores dos fundos a encontrar soluções, mas regressar à Terra implicava algumas condições.

Sobraram pouco mais de três bilhões de pessoas a viver no planeta. A maioria delas eram Ignorantes Vagantes e EquivaGente de diferentes tipos de *Convivialis Civitas*. Quase todas as comunidades estavam localizadas entre os trópicos.

Os gestores dos fundos filtravam as informações e muitos moradores de *Elysium* estavam apenas parcialmente cientes do verdadeiro estado da Terra. Contudo os oligarcas mais ricos, incluindo os próprios gestores dos Fundos, estavam furiosos porque perceberam que o sonho de possuir vastos territórios na Terra poderia nunca se concretizar. Havia uma tensão considerável por causa disso. Fez vítimas como no caso de Kiril Morshov e do amigo Midas Takis. Os pais deles eram números da Bloomberg 11 sem serem gestores dos Fundos. Ambos sempre acreditaram que um dia possuiriam um domínio com o tamanho de pelo menos um quarto de Erebúm. Eles tinham desde há muito o plano de pagar a todos os habitantes dessas terras para saírem. Se recusaram estavam a pensar matá-los se não tivessem outra escolha. Quando os gestores dos Fundos lhes disseram que só havia terra habitável entre os trópico onde ainda viviam perto de três bilhões de indivíduos impossíveis de comprar porque quase ninguém na Terra ainda se regia por uma economia de mercado, os pais de Midas e Kiril ficaram furiosos. Junto com outros dois líderes familiares conseguiram fazer refém alguns gestores dos Fundos. Pretendiam trocá-los por armas para 'limpar' os seus futuros domínios na Terra. Então os

outros gestores dos fundos recorreram à contra-violência. Como anteviram dificuldades com a corte oligárquica [ver volume 11 *O Paraíso dos Livros*] eles treinaram uma pequena equipa de intervenção que então se mostrou muito útil. Capturaram os quatro chefes de família com uma contra-ação. Os gestores do fundos fizeram a pergunta a si mesmo se não seria o momento para lançar um programa de contra-informação visando os filhos dos arrogantes detentores de altos valores Bloomberg.

Durante as discussões com os gestores de Fundos nas quais os meus pais também participaram, os primeiros indicaram que estavam a considerar de assumir a colonização de Marte por inteiro e deixar a Terra a Terra.

Isso só tinha tinha por parte a ver com o que alegavam os geólogos, incluindo os Quispe. Os gestores de Fundos consideravam de facto que os habitantes lunares estavam a ver a possível recuperação após o inverno vulcânico de modo excessivamente optimista. Mas de acordo com minha mãe a resistência para ver a Lua e a Terra como lugares para onde regressar tinha tudo a ver com a crescente sociedade sem dinheiro e muito pouco com preocupações geológicas. Aos olhos dos residentes de *Elysium* os gestores dos Fundos eram os banqueiros de quase todo os *dígitos* digitalmente armazenados. Claro que todos sabiam muito bem que os *dígitos* não podiam ser convertidos em ouro. E eram muito optimistas em relação à mineração de *bitcoins*. Se pudessem ter acesso aos mais recentes desenvolvimentos computacionais na Lua e operar máquinas de computação semelhantes em Marte, o *bitcoin* ia tornar-se a garantia segura para os gestores de Fundos. Contudo era preciso

cultivar a fé das pessoas acerca do valor intrínseco do *bitcoin*. Tratava-se portanto de continuar a disseminar essa crença. E na Terra já parecia impossível conquistar adeptos para tal acreditar numa coisa meramente virtual enquanto símbolo de riqueza. As pessoas pareciam estar cada vez menos receptivas a coisas nas quais simplesmente se tinha que acreditar.

Logo os gestores dos Fundos queriam lançar uma nova campanha de informação. Pediram ajuda aos terráqueos. Queriam apresentar Marte como o novo planeta para amantes de posses. Os parceiros de discussão, incluindo os meus pais, levaram a ideia através de *GNet-Z* para a Terra. Sentiram a necessidade para uma chamado geral em todos *Convivialis Civitas* para debater a proposta. Bem analisado as coisas, os gestores dos Fundos estavam de facto a reivindicar Marte para *Elysium*. Não era isso uma reedição da origem da propriedade segundo Rousseau? Ele teria dito uma vez: "Alguém coloca estacas em volta de um pedaço de terra e diz *'Agora isto é meu'*. Fez dizer muitos dizem '*Pois é, Ele tem razão*'." Era o que estava a acontecer agora também?

As discussões duraram cerca de um ano. Revelaram que se os gestores des Fundos quisessem assumir a liderança dos habitantes de *Elysium* e levá-los para Marte. Teria isso vantagens para aqueles que viviam na Terra? Não ficariam os habitantes dos *Convivialis Civitas* menos em risco de ver surgir entre eles pessoas a dizer *Pois é, ele tem razão*. Por outro lado, se houver indivíduos da espécie que gostam de poder dizer *isso é meu,* o *GNet-Z* não queria tirar-lhes esse prazer. Se ficavam excitados a brincar com números e queriam usar a computação para

expandir as suas propriedades virtuais, não precisavam ser privados desse prazer também não. Convinha não ameaçar ou restringir o próprio desfrute dos outros nas *Convivialis Civitas*.

O planeta Marte tornar-se-ía, certo, um planeta difícil para os terráqueos. Por outro lado, não seria isso o uso útil desse planeta a dar ao que era ao final de contas um pequeno grupo da espécie humana?

Depois daquele ano de debates estavam de acordo em quase tudo. Os membros de *GNet-Z* ajudariam os habitantes de *Elysium* tendo em conta os três cenários societais outrora elaborados por sociólogos e antropogogos dos quais Denzel Cheboi e Jelani Zoungrana recuperaram relatórios em *Paraíso*. [ver volume 10. *Arrogância & Ignorância* e volume 00 *Pequeno guia para distraídos*]

Com o desmantelar e a reciclagem de *Elysium* junto com a atividade de mineração na Lua quatro naves seriam construídas. Os membros de *GNet-Z* insistiram que todas as informações deveriam ser fornecidas a todos, para que todos possam optar por elas, até mesmo os oligarcas considerados indignos de confiança pelos gestores dos Fundos. Poderiam desenvolver uma sociedade capitalista de tipo 1 em Marte e possivelmente em Ganímedes, que estava mais adiante no processo de Terraformação. Uma abordagem de comunidades sem dinheiro tipo 3 seria a mais comum na Terra. A solução tipo 2 ou a chamada solução Bregman seria possível em qualquer planeta, e o seu desenvolvimento dependeria da comunidade que a escolhesse. Na Terra, no entanto, havia uma condição. Pelo menos as crianças, e de preferência também os adultos que

regressassem passariam parte de seu tempo num *Grupo da Carta*. Esses Grupos da Carta aconteceriam na Lua porque os terapeutas e os médicos previram um longo período de adaptação, especialmente para os corpos de crianças nascidas no espaço e que teriam de acostumar-se à gravidade de um planeta.

Esses eram os acordos em 121.42. Quase três anos depois enquanto jovem recém-chegado à Terra fiquei fascinado pelo que a minha mãe me contou. Talvez tenha sido por isso que, junto com Vanderlei, Raja, Delfina e Hiroka, me inscrevi como parceiro de discussão para um trabalho conjunto durante o realojamento final da população de *Elysium* dez anos mais tarde."

"Já conhecias os teus amigos?" Perguntei.

"Não. Conheci-os pouco depois. Mas eu tinha outra coisa na cabeça…"

"As dúvidas da minha avó," disse o meu pai de repente.

"Pai, estavas a ouvir a conversa!"

"Claro! Provavelmente vais querer falar comigo também, e é melhor que eu já tenha ouvido o que o avô disse, para não repetir muito."

"A repetição também pode ser uma confirmação."

"Sim. Mas também para inventar histórias…" observava o meu pai. "Faremos com que isso não aconteça aqui, mas se contares uma mentira muitas vezes, chega a um ponto em que ela passa a ser considerada como uma verdade. Pensa nos estudos em *Ignarysis* acerca dos influenciadores publicados por volta do hectano 120."

"*Ignarysis*?" pergunta a minha irmã.
"Pelo que sabemos a revista científica foi lançada pelas Irmãs Demeester no hectano 120 e continuou a ser publicada até o neto de Catarina sair para o *Paraíso dos Livros*. Falemos talvez mais sobre isso depois. De momento o meu pai ainda era um homenzinho na lua," riu meu pai.
"Alto aí… homenzinho… Um pouco de respeito pelo teu velho pai, Alberto," riu-se também Avô Lev. "Mas tens razão. A tua avó Emmy achou melhor ter dúvidas saudáveis sobre aquela solução de grande parte de *Elysium* para Marte com os gestores de Fundos. Os gestores deram a entender aos habitantes de *Elysiums* de que compraram o planeta Marte de *GNet-Z* o que obviamente não era verdade. Simplesmente tomaram posse do planeta. Além disso, conseguiram convencer os engenheiros a equipar as cúpulas marcianas com infraestrutura que iria permitir tanto a mineração real quanto a mineração virtual de *bitcoins*. A retórica poderia muito bem causar problemas com o tempo. A minha mãe também ficou perturbada ao saber como vários descendentes das famílias outrora apontadas internamente como sendo as mais ricas simplesmente entregaram os seus filhos a comunidades de aprendizagem na Lua e depois para adoção na Terra. As próprias famílias disseram que era uma decisão difícil. Mas, acrescentaram logo, uma viagem só de ida para Marte levava menos de um ano e poderia ser ainda mais rápida num futuro próximo. Então, eles preferiram não ter filhos enquanto reconstruíam os impérios financeiros dos pais e dos avós. Era como se estivessem a enviar os seus filhos para internatos distantes, como os ricos

costumavam fazer nos hectanos 118 e 119. Midas e Dusan, junto com outras crianças pequenas, acabaram em Bibliopolis após uma estadia na Lua, mas outros foram posteriormente para Marte. Liberty, tu e o teu primo observaram na vossa viagem como a comunidade de Marte preservou toda a sua crença em dinheiro e propriedade. Continuam apologistas de uma forte hierarquia societal baseada na propriedade."
"Sim," diz minha irmã. "Conversamos muito sobre isso durante a viagem de regresso, e ainda estamos em conversas intensas com o Conselho Interpolis sobre isso."

No dia seguinte, Avô Lev retomou a sua história acerca da juventude na Lua.
"Como contei, não ficamos por assim dizer em prisão domiciliária após a nossa aventura com o regolito lunar, mas as nossas excursões ao ar livre a partir daí todas rigorosamente monitorizadas. As nossas video-chamadas com um grupo de aprendizagem na Cúpula Lunar 3 tinha pouco antes resultado num convite da parte deles para lhes fazer uma visita. Mas, após a nossa excursão autónoma, os adultos que nos acompanhavam consideravam que não éramos suficientemente responsáveis para visitar a Cúpula Lunar 3. Ficava a mais de 100 km de distância. Na altura não havia Magneto entre as duas Cúpulas pelo que qualquer viagem envolvia o uso de jipes lunares.
Uma contraproposta foi feita. Não visitaríamos a Cúpula Lunar 3, mas o grupo correspondente seria hospedada pela Cúpula Lunar 2. Raja, Despina, Vanderlei e Hiroka faziam parte do grupo visitante. Foram as únicas quatro famílias daquela Cúpula que nos acompanhariam para *Paraíso* quando regressámos à

Terra dois anos depois. Vanderlei, Hiroka, Leon e eu demos-nos bem imediatamente. Tornamos-nos amigos para a vida logo no primeiro dia de visitas. Despina e Hiroka eram menos exuberantes que os dois outros. Esses eram mais como Sara e eu, sempre prontos para experimentar sem primeiro medir todas as consequências ou os perigos da nossa ação."

A Avó Sara riu: "Fale para ti. Às vezes eu retinha a respiração quando inventavas mais algo. Aquela excursão para colher regolito bateu tudo, claro, mas lembras-te que quase destruíste um laboratório de produtos químicos? Só porque querias-me mostrar como fazer brilhar coisas no escuro. Por sorte, tínhamos vestido um fato de proteção."

O Avô Lev respondia logo: "Mas tu gostaste muito daquele brilho no escuro. Até me recompensaste com o nosso primeiro beijo, assim que tiramos o capacete do fato."

Avó Sara brincou: "Eu tinha que me agarrar em algo, caso tudo isso ainda explodisse. Essa o algo acabou por ser alguém. A coisa não explodiu, mas o nosso destino estava traçado."

O avô então perguntou: "E arrependes-te?"

A avó olhava para ele com ternura: "Não, querido rapaz, eu nunca me arrependi daquele beijo por um momento."

"Pois, Vanderlei… Ele e eu barafustámos e refilámos por tanto tempo até que finalmente se organizou uma visita para o grupo de aprendizagem numa daquelas cavernas tubulares. Um comentário de Vanderlei fez-me ver de repente com muita clareza a diferença entre uso e posse, e como a propriedade de algo determina o seu valor. Olhávamos para os minérios extraídos. Ele disse: 'Minerais e elementos químicos são minerais e elementos

químicos — a natureza constrói todo tipo de coisa com eles. Os humanos usam-nos, transformam-nos e, assim, criam objetos que nos servem. O valor eterno de diamantes, ouro e demais pedras raras só existe para aqueles que querem possuí-los para sempre, mesmo que sirvam apenas para mostrar que os possuem. Se simplesmente usamos minerais e minérios para construir o que consideramos útil, eles perdem o seu valor eterno e tornam-se de novo blocos de construção. *Simples*…' Eu nunca tinha pensado antes em blocos de construção naturais dessa forma. No fim das contas, uma lâmina de aço tem exatamente a mesma função que tem uma lâmina de diamante. Corta. Só corta coisas diferentes. Raridade e raro são palavras usadas por aqueles que querem colecionar e possuir certas coisas e têm pouco significado para os outros.

Mais tarde, ajudamos muitas vezes as pessoas a ver o valor real da coisa derivado do seu uso, e não o seu valor virtual derivado da sua posse. Nem toda a gente gosta das mesmas pinturas. Mas colocar um preço nelas não passa de uma fantasia de alguém. Foi assim que os *Bloomcampers* estabeleciam valor eterno a algo. *Simples*. Hoje *Elysianos* ou *Marcianos* mais uma vez davam um valor fantasiado a algo como *bitcoins* que nem sequer eram tangíveis.

Antes da Refundição muitas pessoas tentavam frequentemente transformar bens numa necessidade de presença. Uma necessidade de mostrar aos outros que tinham algo que o outro não tinha. Isso me parece um sentimento puramente narcisista. Parecia que queriam aumentar a sua auto-estima com um valor inventado. *Simples*.

Quando começamos a trabalhar juntos como parceiros de discussão dos Grupos de Carta e de Elysianos, decidimos apresentar-nos como os *Descritores da simplicidade dos problemas.*
Mas às vezes um problema às vezes podia ser descrito de forma simples sem ser sempre simples de resolver. Tentarei explicar isso da seguinte forma. A reciclagem de materiais era obviamente importante. Basta pensar nas grandes possibilidades de aplicação de certos compostos químicos disponíveis em recursos fósseis que os possuidores de *Elysium* e seus predecessores haviam freneticamente esbanjado desde o início da Revolução Industrial. Podemos usar o verbo esbanjar, porque frequentemente envolvia a produção de coisas supérfluas com o objetivo de aumentar os seus próprios meios de troca e dando origem a sua avaliação Bloomberg por exemplo. Pense em como proprietários das linhas de produção lucravam promovendo transporte personalizado. Pensa em como dezenas de coisas semelhantes se tornavam mais caras simplesmente colocando uma marca diferente nelas. Um copo serve para beber um líquido, independentemente de ter um logotipo de uma marca cara ou não. O perverso era que, mesmo com bens baratos mas produzidos em massa, os produtores conseguiam aumentar a sua posse de meios de troca.
A reciclagem era importante porque o desperdício promovido havia levado ao esgotamento de certos recursos, pelo menos na Terra. Discutimos isso com Raja e Vanderlei. O nosso acompanhante adulto naquele dia era um parente do falecido Henry Pax. Ele sugeriu entrar em contacto com um grupo de aprendizagem na Cúpula Lunar 5 onde ainda morava o seu filho

Carl. Tivemos uma longa conversa com Carl e uma pessoa mais velha por quem claramente mostrava grande respeito. Carl falou-nos do emergente programa de mineração de meteoros. Esse programa consistia, e ainda consiste na captura de meteoros e meteoritos. Extrai-se deles minérios que já não existem na Terra. Ele também discutiu as muitas possibilidades dos compostos de carbono. Além disso, falou de algo muito em vogue no hectano 120. Na altura era apresentada como a técnica emergente para o futuro. Hoje apenas é usada de forma muito especializada e residual. A invenção chamava-se nano-tecnologia na época.
Já mencionei que gostava de saber se Carl era parente de Paula, uma das avós dos teus primos Wolfgang e David."

"Eu sei," interrompeu o meu pai, "estamos a tentar de elaborar a árvore genealógica daquela família".

O Avô esperou um momento e continuou: "A conversa foi muito esclarecedora. Carl mostrou como o programa de mineração de meteoros era entendido por quem vivia na Terra, por quem vivia ainda em *Elysium* ou por quem já tinha ido para Marte talvez para Ganímedes. O *Convivialis Civitas* viu a oportunidade de encontrar uma alternativa para algumas provisões coletivas depois de se detectar a escassez de um ou outro elemento na Terra. Os *Elysianos* viram imediatamente a oportunidade de dar um valor de mercado aos meteoros. Dessa forma, poderiam comprá-los e vendê-los, e tornar certos minérios mais caros, aumentando assim um desejo de possuir a rocha. Por isso, *GNet-Z* alertara de ter cuidado quando se falava do progresso nesta área durante as discussões com a hierarquia

de *Elysium*, mais tarde de *Marte*."

"Sim," disse minha irmã, "o primo Wolgang e eu recebemos informações bastante claras antes de partirmos para Marte…".
Ouvindo o avô o pai disse: "Descobri um progresso maravilhoso na Terra, assim que o clima e a estabilização das áreas acima e abaixo dos trópicos o permitiram, originado um OPAL alternativo."

"OPAL alternativo? OPAL é o que?" perguntei com surpresa.
O avô acena com a cabeça. "A *Operação Planeta Limpa*, certo. Esse foi provavelmente um dos planos mais pérfidos de que a minha avó ouviu falar.
A ideia dos *Elysianos* que começaram a pô-la em prática quando ainda estavam em *Bloomcamp* na Terra consistia em destruir regiões inteiras com vírus e invasões agressivas. De seguida queriam criar uma espécie de Jardim da Terra apenas para os muito ricos. Durante a Refundição, o planeta foi limpo, de facto. Mas a limpeza foi de uma natureza completamente diferente. Ela ocorreu sob o olhar atento de comunidades locais e dos EquivaGente das *Convivialis Civitas*. Primeiro foram desmanteladas todas as fábricas tendo servido para a proliferação de produtos para uso individual, impulsionada pelo consumismo e pelas técnicas de promoção de Logotipos. Com excepção das unidades de produção no Reino do Meio, muitas fábricas já estavam vazias há décadas; algumas não passavam de esqueletos, escavados pelas milícias agressivas pouco antes do Inverno Vulcânico. No entanto, mesmo essas continham enormes quantidades de material propício à reciclagem. Antigos trabalhadores e os seus descendentes, que haviam sido

acolhidos por Grupos da Carta durante os últimos anos antes do Inverno Vulcânico cooperaram com as suas comunidades e frequentemente puderam fornecer inestimáveis informações práticas sobre processos específicos de reciclagem aos chamados Sabedores."

"No geral, pareciam tempos emocionantes", observei.

O meu avô olhou-me com as sobrancelhas arqueadas. "Permanecer vivo era um desafio e não uma emoção. Era talvez emocionante quando nos aventurávamos para fora da cúpula lunar mas devíamos ser jovens demais para o compreender.

Não, o que foi realmente emocionante foi de receber a notícia logo após o solstício no hemisfério norte no ano 121.45 que podíamos regressar em segurança para *Paraíso*.

Ver *Paraíso* do ar depois de seis anos numa cúpula, e sentir a aterragem do nosso módulo para atracar perto da margem do lago, isso sim, foi emocionante. Quando mostrei a Sara tudo do que me lembrava da nossa comunidade o meu coração disparou.

Logo depois de sentir terra firme, pude abraçar Simba e Amadu. Olhamo-nos por um longo tempo, agora que os três tínhamos verdadeira barba. Apresentei a Sara como uma amiga muito especial. Ela e Can foram imediatamente aceitos no círculo. Isto sim, era emocionante.

Ainda mais emocionante foi ter voltado para *Paraíso* mesmo a tempo para comemorar em Sedmomehns o meu décimo oitavo aniversário."

"Comemorar o teu *aniversário*?" perguntou Liberty enfatizando de propósito a última palavra.

"É, eu sei, não percebo de onde o teu pai vai buscar aquelas

ideias estranhas dele. Talvez nasceu sério demais, Sara, não achas?" riu o avô. "Eu por mim, sempre adorei festas, não importa a ocasião. E a minha mãe tinha uma grande surpresa para mim. No meu aniversário, Vanderlei, Hiroka, Raja e Despina entraram de repente em casa. Eles chegaram da Lua com as respectivas famílias alguns dias antes para se fixar em *Paraíso*. Também revi Aiyana e Ahanu."
"E sob a influência de tanta alegria…" começou a avó,
"…perguntei a Sara algumas horas depois se ela queria se conectar comigo permanentemente, e dois dias depois do meu aniversário anunciamos isso aos meus pais também."

O Avô fez uma pausa. "Foi emocionante e mais lunático do que andar 6 anos na Lua, acredita!", concluiu.

De volta em Terra firme

Paradisus

"Então, estavam de volta à Terra. Tu e a Avó Sara anunciaram que iriam morar juntas o mais rápido possível e os teus pais estavam novamente ocupados com projectos em Terra."
Foi assim que comecei a próxima conversa com o Avô.

"Tive uma primeira pequena surpresa. Jelani e Denzel não falavam mais de *Paraíso dos livros* mas de *Convivialis Civitas Paradisus* ou *de CC Paradisus*. Eu ria-me com essa repentina tendência para palavras latinas ou raízes latinas em tudo. Agora, as pessoas em todo lado falavam de *CC Paradisus*, *CC Rosa* e *CC Margarita*, imagina. Cúpula Lunar 2 transformou-se agora em *Cúpula lunaris 2* e também. Ficou incluído nos Três Lugares que de repente eram quatro. As pessoas falavam de *Quattor Loca* e até mesmo de *Quinque Loca* já que *CC Arqueopolis* estava envolvido no grupo. Falava-se de *Homo Ignarus* e *Homo Sciens* quando se referir a Ignorantes e Sabedores.
A minha mãe riu-se ainda mais e disse que Ratke e Comenius deviam se ter revirado nos túmulos com tanto desejo de voltar ao passado.
O meu pai achou que era simplesmente uma reação ao período de *Elysium*. Esse amor repentino por palavras a soar ao latim seria passageiro, achava ele.
Hoje, de facto a moda já passou. No entanto, continuamos a usar firmemente a expressão *Convivialis Civitas*. Mas talvez porque capte melhor o termo Illichiano "conviviality" do que palavras como "gentileza". Também mantivemos algumas

palavras e algumas preposições gregas como *polis* e *hecto* em hectano.

O que alguns consideravam uma saudade do passado acabou rapidamente portanto. O termo *Quinque Loca* também caiu rapidamente em desuso. Desapareceu ainda mais depressa depois de uma observação do grupo de antropogogos no qual a tua bisavó Emmy era muito ativa. Tais conceitos poderiam facilmente levar à ideia de uma espécie de hierarquia em relação aos outros. Era algo que o conjunto de *Convivialis Civitas* queria evitar a todo custo.

O meu grupo de amigos incluía muitas pessoas que permaneceram na Terra durante o inverno vulcânico. Os meus pais tinham a companhia regular de Jelani, Denzel e Tala. Não muito tempo depois, Sara e eu também nos encontrávamos com eles com frequência. Aqueles que permaneceram na Terra só referiam que os *Cinco lugares* tinham desenvolvidos esforços maiores do que as recentes *Convivialis Civitas* quando tocava a receber Ignorantes perturbados e assustados naquele anos.

A maioria dos Ignorantes tinha sofrido a influencia das políticas agressivas de *Elysianos* e das milícias em Terra e quase todos perderam membros das suas famílias. O sofrimento humano nos últimos anos antes da Refundição tinha sido imenso. Muita gente não pude ser levada a tempo a zonas habitáveis no planeta ou fora do planeta. Muitas vezes escolhas tiveram que ser feitas. Muitos membro da *GNet-Z* perderam as suas vidas ao ajudar outros.

Mas *Homo Ignarus* obviamente queria atribuir culpas a alguém. E naquele período confuso, pregadores de ódio, adoradores do

apocalipse, milícias ainda activos e *Cou-Clib-Clans* sobreviventes deitaram todas as culpas sobre *Homo Sciens* e nunca sobre os Proprietários Ricos. Ainda antes do regresso daqueles que passaram o Inverno Vulcânico na Lua, os Vagantes que viviam em pequenas comunidades locais foram recebidos por *Convivialis Civitas* e por comunidades de apoio de sobreviventes locais organizados por membros da *GNet-Z*. Durante algum tempo os antropogogos dos diferentes grupos de aprendizagem organizavam videoconferências diárias, às quais todos que quisessem participar podiam juntar-se. Esses grupos tinham a partilha de recursos e experiências de trabalho como objetivo principal. Rapidamente os participantes nesses grupos de reflexão tornaram-se muito alertas para qualquer forma de pedantismo. Afinal, era extremamente importante que *Homo Ignarus* aprendia a distinguir a ajuda solidária do desdém pomposo que até poucos anos frequentemente vivenciava.

Logo após o nosso retorno à Terra, esses grupos de orientação puderam ser vistos como uma geração emergente de antropogogos. Mais tarde o grupo lançaria os encontros da CIA, a *Comunidade Interpolis de Antropogogos*. O teu pai ainda participa frequentemente nesses momento de partilha. Foi nesses grupos que os meus pais aprenderam realmente a dar apoio a Ignorantes com renovado desejo para o saber por meio da interação dialógica e da orientação. Era crucial partir de descobertas e pequenas experiências, não apenas com crianças, mas também, e especialmente, com adultos.

Ainda lembro-me vivamente a conversa acerca da diferença entre conduzir e deduzir. Fazer uma pequena descoberta e

depois tentar deduzir ou buscar uma explicação em conjunto é diferente de ouvir uma explicação de quem conduz a conversa para depois fazer uma experiência preparada para a ocasião. Enquanto antropogogo é melhor saber bem em quais circunstâncias usar cada uma das abordagem e por quê, quando se trabalho com grupos de adultos perdidos e assustados acabados de chegar a um *Convivialis Civitas*.

Também lembro-me muito bem da alegria de Denzel depois de encontrar um fragmento de um texto de Richard Feynman sobre ciência. Este investigador do hectano 119 tinha contribuído muito para o desenvolvimento da teoria quântica. Há mais de duzentos anos, ele discursou sobre a palavra ciência. Ele tentou chegar a uma espécie de definição para "ciência" a partir de uma perspectiva de história natural. O que ficou registado era algo do género '*E então chegou um momento em que, para algumas espécies, a velocidade com que a capacidade de aprender aumentou criou algo inteiramente novo: coisas podiam ser aprendidas por um animal e passadas para outro, tão rapidamente que não seriam perdidas. E tornou-se possível adquirir conhecimento.*

A isso chamou-se Time Bending. Não sei quem o chamou assim pela primeira vez.

Essa possibilidade de ter memória, de acumular conhecimento transmitido de geração em geração, era novo no mundo. Mas abrigava uma doença. Era possível transmitir ideias falsas. Era possível transmitir ideias que não eram benéficas para a espécie. A espécie tem ideias, mas elas não são necessariamente benéficas.

Então chegou o tempo em que as ideias, embora se acumulassem

lentamente, não eram apenas acumulações de coisas práticas e úteis, mas também formavam grandes acumulações de todo tipo de preconceitos e crenças estranhas e anormais.
Então, descobriu-se uma maneira de prevenir a doença. Ou seja, a dúvida. Duvidar se o que é transmitido do passado é realmente verdade e tentar entender qual é a situação, ab inicio, novamente a partir da experiência, em vez de acreditar em experiências anteriores na forma como foram transmitidas.
É isso que a ciência é: o resultado da descoberta de que vale a pena verificar novamente por meio de experimentação direta e de não necessariamente acreditar nas experiências anteriores da espécie. É assim que o vejo. Essa é a minha definição de ciência.'
Para antropogogos interessados ele disse algo que talvez fosse igualmente profundo durante uma conversa com professores. Tratava-se precisamente daquilo ao qual chamei evitar o pedantismo pretensioso. Ele disse: '*Professores que ensinam crianças na base da pirâmide às vezes podem duvidar de especialistas. Aprenda com a ciência que devem duvidar de especialistas. Aliás, posso definir ciência de outra forma: ciência é a crença na ignorância dos especialistas. Quando alguém diz que a ciência ensina isso e aquilo, essa pessoa usa a palavra incorretamente. A ciência não ensina, a experimentação ensina.'*
Os textos de Richard Feynman continuam importantes, parece-me.
Naquele período todos nós tivemos que aprender a separar a análise das circunstâncias sociais de reações emocionais do tipo sim-não. As generalizações estavam fora de questão nas *Convivialis Civitas* se queríamos evoluir de um sistema

democrático deficiente para um sistema pluralista envolvente.
Já no decurso do hectano 120, da ignóbil fuga dos *Bloomcampers* para *Elysium* no fim do mesmo hectano e muito antes do Inverno Vulcânico um hectano mais tarde havia cientistas da Inteligência Artificial (IA) ou Electrónica (IE) com ideias diferentes sobre este recurso. Havia quem não quis usar IA ou IE como impulsionador para induzir os consumidores a um pensamento tacanho, captando apenas os seus próprios desejos.
A abordagem mais geral da inteligência electrónica ou artificial foi então chamada de Máquina de Habermas, em homenagem ao sociólogo, filósofo e crítico social alemão Jürgen Habermas. A premissa era que, com a ajuda da mediação da IE ou da IA, as pessoas poderiam encontrar os ponto em discussão em questões sociais e políticas complexas com mais facilidade. Relatórios da época mostravam que as opiniões de um grupo que usava a Máquina de Habermas receberam avaliações mais altas de avaliadores externos quanto à qualidade, clareza, qualidade da informação e percepção do justo. Quando esse tipo de IE ou IA ajudava a mediar a discussão, as divisões dentro dos grupos diminuíam, o que não acontecia quando as pessoas físicas trocavam ideias sem a mediação da Máquina de Habermas ou quando contavam apenas com mediadores humanos.
Durante assembleias de cidadãos com mediação assistida por IE ou IA, as posições dos grupos tendiam a adoptar uma postura menos conflituosa em questões controversas. Os investigadores na época sugeriram que formação de opinião mais abrangente poderia decorrer do facto de a IE ou a IA não sofrer de

enviesamento emocional na tomada de decisões. Isso poderia sugerir que nesse caso o processo deliberativo contribuiu positivamente para o surgimento de perspectivas partilhadas sobre questões sociais e políticas potencialmente polarizadoras. Contudo pensava-se nalgumas *Convivialis Civitas* a IE ou a IA podia mesmo assim ser uma ferramenta de manipulação, especialmente quando as bases de dados aos quais recorre a máquina para se construir uma imagem da realidade tivessem sido inseridos por humanos já com uma escolha específica. Pesquisas adicionais sobre o uso da Máquina de Habermas eram necessárias.

Entretanto, a vida humana concentrava entre os trópicos da Terra, as cúpulas lunares e *Elysium* onde os gestores dos Fundos continuaram a preparar a missão para Marte, a Lua ou a Lua-Terra. No próprio planeta as *Convivialis Civitas* sugeriram entre elas que as Polisses permaneçam abaixo de cem mil EquivaGente para garantir uma cooperação saudável entre todos. Também não deveriam ser muito menores para garantir a heterogeneidade.

Acima da latitude de 30 graus Norte e abaixo de 30 graus Sul, a vida humana continuava difícil e muitas vezes impossível naquela época."

Anos frutíferos

"Pouco depois de regressarmos a Terra, a minha mãe conheceu Sang N'Kondo Ngô durante uma visita à Biblioteca Central de *Paradisus*. Foi durante um debate entre *Homo Sciens* que queriam ajudar a promover mais a cooperação na sociedade

sem dinheiro idealizada pelas *Convivialis Civitas*.
As duas continuariam a trabalhar juntas até a morte de Sang onze anos mais velha que a minha mãe. A dois, voltaram a escrutinar toda a obra de Freire. *CC Paradisus* não tinha tudo mas em *CC Rosa* não só havia muitos livros disponíveis escritos pelo próprio Freire e por gerações subsequentes de antropogogos que estudaram a relação entre opressores e oprimidos. Os *Livros Caminhantes,* bem como os *Guardiões de Documentos* de Anahuac tinham levado a Biblioteca de *CC Rosa* textos que não se encontravam em nenhum dos outros *Cinco Lugares*. A importância do legado de Paulo Freire para o trabalho dos grupos de aprendizagem com *Homo Ignarus* ficou novamente evidente, e eles autodenominaram-se Grupo Freire. Foi uma espécie de reedição do Círculos Freire no qual o meu pai participou pouco antes de sua partida para a Lua."
"Apesar do Inverno Vulcânico, os contactos permaneceram entre os três antigos Lugares e depois os *Quinque Loca*?"
A avó Sara interrompe: "Acho que o teu avô está a misturar um pouco as coisas. Se bem me lembro do que os meus pais me disseram, enquanto estávamos na Lua, tivemos principalmente contactos bilaterais com cada um dos então três refúgios terrestres. Isso deveu-se a falhas nos satélites e, especialmente, a perturbações eletromagnéticas na própria Terra. Estas foram por sua vez em parte causadas por falhas na proteção contra o vento solar. Após seu retorno à Terra, os teus outros avós Emile e Claude estiveram num projecto para restabelecer uma boa protecção. Para certas partes do planeta a única solução parecia ser então um tipo de cabo blindado. Nesse âmbito, eles tiveram algumas

conversas à distância com Anui e Taiana Southpath. Na altura os dois moravam em *CC Margarita*. Mas foi parcialmente por esse projecto que se mudaram para *CC Paradisus* mais tarde naquele ano. Mas Keanu Southpath, Meava e sua filha Moana, que hoje bem conheces, ficaram naquela altura em *CC Margarita.* Com a ajuda de Anui e Keanu, Emile e Claude conseguiram restabelecer as ligações permanentes entre os Três Lugares. Uma equipa na Cúpula Lunar 5 ajudou com as correções de posição das satélites. A partir de *CC Rosa* Pepe e Miguel Márquez estavam presentes. Foi nessa altura que ouvimos falar pela primeira vez do grupo com Wei Huáng e Delun em *CC Arqueopolis.* Não o "teu" Dulan Liberty, mas Delun, que também faz parte do grupo de autores da saga. Wei e o seu filho começaram a colecionar artefactos havia pouco tempo. Foi a partir daí que falávamos dos *Quinque Loca* até o termo ter entrado em desuso após o arranque definitivo do Conselho Interpolis."

O Avô Lev olhou para Sara durante um bom momento. Então ele disse: "Certo, sim. Foi assim. O grupo no qual os meus pais estavam envolvidos tornou-se um verdadeiro grupo planetário. Toda a *Quinque Loca* estava em constante contacto. Um tanto influenciada pela Sang, a minha mãe concentrou o seu trabalho nas comunidades de aprendizagem. Ela escreveu vários textos acerca da aprendizagem nos anos seguintes. No período pré-Refundição um tal foco poderia ter sido um doutoramento. Hoje ela é amplamente reconhecida por esse trabalho. Mas os títulos caíram em desuso há muito tempo como sabem. A sua biografia revela que fazia parte de um grupo com o qual ainda podem estar familiarizadas que passou logo a chamar-se ***RecIn***. Foi a

abreviação feita para aquele think tank *Recolher Escolhas Individuais* da qual ela foi co-fundadora. O grupo sugeriu pela primeira vez o conceito que hoje conhecemos tão bem com o nome de *Projecto Dinâmico de Sociedade Coletiva.* Naquele ano, a minha mãe não parava em casa. Ela passava horas em video-chamadas com EquivaGente de quase todos os *Convivialis Civitas* com os quais havia ligações diretas ou indiretas."

"Ligações indiretas?"

Avó Sara esclareceu: "O que o teu avô está a dizer é que durante o período da Refundição ainda havia fronteiras físicas. A atual rede de conexões ferroviárias com linhas de comunicação adjacentes estava em construção. Portanto, havia Civitas que só tinham ligação com uma outra Civitas e daí com a rede."

"Mas por que essa atividade crescente?" perguntou a minha irmã.

O Avô continuou: "Porque o grupo *RecIN* fez exatamente o que o nome sugere. Os seus membros queriam mapear as comunidades conhecidas e entender como os EquivaGente se organizavam dentro de cada comunidade. Gradualmente o grupo traçou um quadro. Este parecia indicar que no planeta Terra em Refundição apenas existiam comunidades do tipo 2 e do tipo 3. E nem os habitantes das comunidades do tipo 2 queriam reintroduzir dinheiro no planeta a um nível global. Portanto, na Terra deixou de haver uma sociedade económica global baseada em capital. As comunidades economicamente organizadas a partir de Bregman usavam símbolos de troca locais, mas tinham pouco ou nenhum interesse em meios de troca além da comunidade. Alguns até consideravam certas materiais excedentes trocáveis e nem o assumiam como propriedade. Essas comunidades do tipo 2 foram

objeto de observação durante muito tempo não apenas pelo grupo *RecIN*. Isto porque de acordo com a tua bisavó havia nessas comunidades sempre a possibilidade de mudar seja para uma estrutura tipo 1 de propriedade baseada em dinheiro ou para uma estrutura tipo 3 colectivo e sem uso de dinheiro. Mas, repito, durante todo aquele primeiro ano, os membros do grupo de reflexão queriam juntar experiências. Queriam ouvir as escolhas feitas por aqueles que haviam sobrevivido ao Inverno Vulcânico na Terra e com quem conseguiam entrar em contacto. Eles queriam saber o que os EquivaGente pensavam e faziam. Isso era importante. As Cúpulas Lunares detectavam facilmente grupos de *Homo Ignarus* errantes. De acordo com o grupo *RecIN* era importante que essas pessoas tivessem uma boa visão geral de onde poderiam ser potencialmente acolhidos ou onde teriam uma boa chance de sobrevivência se preferissem continuar a existir como grupo separado assim que se estabelecia contacto."
"E por falar em acolher", disse a avó, "rapidamente, o grupo Freire em Alkebulan e o grupo Illich semelhante em Anahuac tornaram-se subgrupos do grupo *RecIN*."
"E mais um pequeno dado," acrescentou o pai. " O meu pai contou-me que os meus avós descobriram como muitos Ignorantes depois de escapar em segurança das Megapoleis durante o Inverno Vulcânico ainda tinham chips implantados. Estes há muito não tinham qualquer utilidade é claro. A remoção do chip tornou-se uma espécie de fecho simbólica do período pré-Refundição."

Houve um momento de silêncio, então a avó disse: "Talvez possamos preparar alguma coisa para comer."

“Boa ideia,” respondeu o pai. “Vou buscar a Maria e trazer alguns ovos frescos que as galinhas puseram esta manhã.”
Nós andámos pela horta dos nossos avós para colher legumes. Juntos, fizemos uma omelete gigante e bebemos um sumo de fruta para acompanhar.

Depois do almoço, o Avô disse ao meu pai: “os teus avós falavam dos chips e de os tirar por razões simbólicos. Mas pelo menos a minha mãe acreditava haver também uma razão prática para o fazer. Os nove anos que decorreram entre o nosso regresso à Terra e o definitivo fim de *Elysium* foram uma oportunidade para mais EquivaGente de *Convivialis Civitas* na parte habitável do planeta compreender cada vez melhor que o dinheiro era inútil quando os projetos eram discutidos de forma responsável entre as diversas comunidades. De certa forma, o antigo lema ‘*tempo é dinheiro*’ foi substituído por ‘*dinheiro roubava tempo*’. É preciso dar tempo e deixar as ideias amadurecer e isso não se paga… Veremos mais adiante, como a ausência combinada de dinheiro e *Elysium* melhoraram as relações amigáveis entre pessoas e comunidades. A partilha cooperada de bens tornou-se ainda mais fácil. *Simples,* diria Vanderlei assim como tu Sara. Os especuladores de valor desapareceram, e o valor intrínseco de uso do objeto ou pensamento tornou-se muito mais importante do que o seu valor simbólico de posse como o era nos primórdios da história humana.
Naquela época a minha mãe refletia muito sobre o que leva pessoas a fazer algo. Ela queria entender o que as fazia repetir um determinada atitude. Ela expressou diversas vezes a sua preocupação. Nem sempre é fácil reconhecer quando algo está

errado nos relacionamentos. Pode nem sempre ser evidente como evitar a repetição do passado. Por isso o próprio grupo *RecIN* incentivou um subgrupo de trabalho composto por sociólogos, psicólogos, antropogogos e os poucos economistas ainda existentes, como o pai de Raja, para desenvolver um modelo de Bregman aprimorado. Como disse, a mãe Emmy nunca ignorava este tipo de incentivos. Embora ela própria estivesse convencida que uma sociedade desse tipo contradizia o desejo final de muitos membros da *Convivialis Civitas*, ela deu o seu contributo à elaboração do modelo. Confirmava-se não haver interesse aqui na Terra para um sistema tão global. Hoje temos a sensação que o modelo já estava ultrapassado antes mesmo de ser apresentado pelo grupo. O modelo de *Convivialis Civitas* consistindo numa rede de comunidades que se baseia na interação dialógica e não na interação comercial, era menos global mas muito mais sustentável. No entanto, o modelo Bregman aprimorado está totalmente descrito e pode ser facilmente lido na secção de Humanidades de várias Bibliotecas Centrais.

A minha mãe sempre presumiu que um qualquer grupo de coordenação e também o grupo *RecIN* precisava de ouvir mais do que agir. Quando me ofereci como voluntário para discutir com os gestores dos Fundos de *Elysium*, ela teve uma longa conversa comigo e lembro-me muito bem ela enfatizar '*Não conduzir, mas deduzir é a essência da coordenação. É claro que, quando falamos do Conselho Interpolis de Convivialis Civitas estamos a falar de quem coordena. Mas coordenar é orientar. E orientar baseia-se na dedução, não na condução*'. Isso sempre me

marcou." Dizendo essas palavras, o Avô limpava uma lágrima.

Enquanto Avô Lev parecia um momento perdido nas suas memórias, a Avó disse: "Também foram tempos emocionantes, esses. Havia tanta coisa para discutir e lidar. Havia muitas refeições em grupo, sempre preparadas em conjunto. E havia muito tempo para conversas entre amigos. Numa dessas noites, um Simba muito feliz veio nos visitar. Nós, éramos aquele grupo regular de amigos da Lua, mais Amadu e Ahanu. Yoruba acompanhava-o e ele apresentou-a como a sua futura esposa.
Se me lembro bem foi mesmo antes do entusiasmo geral pela criação de novas palavras a partir de línguas começar a diminuir um pouco."
A mãe riu: "Sim, contudo foi realmente divertido aqueles poucos anos em que vocês de repente deram todo o tipo de raízes latinas aos nomes das coisas. *Convivialis Civitas* permaneceu, mas muitos outros nomes desapareceram novamente… foi uma espécie de moda?"
Ao mesmo tempo que a mãe fazia a pergunta, eu disse: "Espere um minuto, Yoruba é a mãe de Idrissa, e Faisal é o pai de Babitha. Certo?"
Então a mãe respondeu: "Certo. À medida que avançamos, vão emergir mais os nomes dos escritores da saga. Já percebeste que Amadu e Diya são os pais de Zanaibu, certo?"

Paradisus passa a Bibliopolis

"Portanto nome *Paradisus* desapareceu muito rápido," observava a Liberty continuando no dia seguinte a conversa e voltando brevemente ao que a minha mãe tinha chamado de

moda latina.

O Avô respondeu: “Os habitantes da *Convivialis Civitas* concordaram para mudar *Paradisus* em *Bibliopolis* eventualmente com *CC* à frente a partir de 1 phromehns 121.50. Antes da decisão houve uma discussão mais geral. Optar-se-ia para *-cidade* ou *-polis*?

No fim, parece que dois argumentos foram decisivos.

Por um lado, Polis é um conceito fácil de entender. Abrange um espectro mais amplo do que simplesmente ‘cidade’. Aliás, isso é o caso em muitas das línguas faladas nas *Convivialis Civitas* hoje. Portanto, Polis não precisa de tradução.

Por outro lado, e mais importante, foi salientado que era bom lembrar a história recente. Queríamos fazer uma clara distinção entre as Mega*Poleis* do último hectano antes da Refundição e as *Polisses* da ideia *Convivial* de hoje. Anteriormente Poleis, agora Polisses. Polisses são entidades pequenas e auto-contidas. Houve uma discussão semelhante em *CC Rosa* onde se optou pelo nome de Culturopolis. *CC Margarita* quis remover a antiga referência greco-persa. É por isso que essa *Convivialis Civitas* escolheu o nome de Perolapolis. Em 121.50 o antigo Três Lugares assim como os *Quinque Loca* concordaram em não usar mais essas referências. O conjunto de comunidades em Terra apresentara-se como Comunidades Tropicais ou *CoTrop*. As comunidades não organizavam eleições para o seu governo geral. Qualquer pessoa podia simplesmente participar em um ou mais grupos de trabalho com uma ou mais do que uma *Convivialis Civitas* envolvida. Isso continua assim. Desde o início, o CoTrop propôs ser antes considerado como parte de um

Conselho Interpolis. Presumia-se que poderiam surgir novas comunidades fora dos trópicos na próxima geração. E havia EquivaGente dos Cúpulas Lunares a participar em projetos tipicamente terrestres. A mineração de meteoros possibilitada pela Inteligência Electrónica foi um empreendimento humano que transcendeu em muito os trópicos para só dar este exemplo.

As duas primeiras questões colocadas pelo Conselho Interpolis foram se passava a ser universalmente aceito de começar o ano no primeiro dia de Phromehns, logo após um dos trânsitos equatoriais do sol, em direção ao norte. Já era assim desde o início deste hectano em muitos locais.

Outro grupo de trabalho analisou todas as variantes bregmanianas para as introduzir no debate com *Elysium*. Era geral a pergunta em como os Polisses viam a sua relação com quem preferia regressar de *Elysium* para a Lua ou para a Terra.

Há uma grande diferença entre a nossa geração de EquivaGente e a dos vossos pais. Embora muitos de nós tenhamos nascido em *Paraíso* ou um dos outros Três Lugares, isso foi antes do Inverno Vulcânico. As primeira gerações de habitantes dos Três Lugares entendiam que Ignorantes e Sabedores Refugiados (Caminhantes e Livros Vagantes) tinham que desenvolver modelos em conjunto. Se não o fizessem, poderiam novamente ser escravizados pelos ricos. Essa preocupação continuava palpável na condução das conversas com a hierarquia dos residentes de *Elysium*. Este pensamento também me motivou a mim. Eu próprio não passei o Inverno Vulcânico na Terra. Aprendi que mesmo numa cúpula lunar, com solo firme por baixo dos pés, a vida fora da Terra nem sempre era agradável, não importa o quanto quiséssemos tornar

Convivialis tal Civitas. Decidi participar em grupos planetários e extra-planetários. As pessoas que voltaram da Lua para a Terra estavam espalhadas por vários *Convivialis Civitas* e podiam facilmente relatar as suas experiências nas Cúpulas Lunares em qualquer lugar. Nós escolhemos *Paraíso*, agora Bibliopolis. Para Sara não importava muito onde ficar e eu vi as vantagens de estar perto de um ponto central de Pesquisa para assuntos sociais. Mesmo assim, hesitamos entre Culturopolis e Bibliopolis, pois sabíamos poder encontrar aí mais informações sobre os grupos de trabalho Illich. Mas as minhas avó e a avó-tia mais idosas queriam voltar para *Paraíso*. Verdade seja dita, os meus pais também. Já na Lua a Sara e eu decidimos ficar juntos contudo preferíamos ficar perto da minha avó e dos nossos pais. Faisal garantiu-nos que as comunicações entre os dois lugares eram boas.

Contudo para mim o acontecimento mais importante de 121.50 foi o nascimento da vossa tia Olívia. Estávamos radiantes e exaustos. Nos primeiros dias após o nascimento dela, Simba e Yoruba passavam bastante tempo connosco para que pudéssemos recuperar algum sono."

A avó acrescentou: "Raja, Despina e Hiroka também vinham todos os dias e preparávamos muitas refeições juntos."

O avô continuou: "Sim, aquelas refeições. Falávamos sobretudo de Olívia, claro. Provavelmente, isso acontece muitas vezes. Para os próprios pais a filha é a mais linda, mais doce e mais extraordinária que alguma vez existira.

Mas os residentes de *Elysium* também tinham filhos, e falávamos frequentemente sobre eles. Ali, muitos pais expressaram de várias maneiras e não raras vezes que amavam o dinheiro e o poder

tanto ou mais do que as suas próprias filhas e filhos. No entanto, acabaram por admitir que a sua classe tinha minado o seu próprio sistema capitalista. Com exceção de alguns dos oligarcas mais narcisistas eles finalmente entendiam que num mundo finito não se pode ser o proprietário absoluto e ainda esperar pelo infinito crescimento económico. Mas eram incorrigíveis. No início eram pepitas de ouro e pedras preciosas usadas. Estou a falar nos tempos idos do hectano 70. Há muito que o ouro fundido em lingotes não garantiam o valor simbólico hoje atribuído ao dinheiro, já o dissemos. Então dizem ter inventado uma fonte inesgotável. Para os economistas dos gestores dos Fundos basta optar pela *mineração de bitcoins*. Embora nós consideramos uma ingenuidade de repente acreditar na infinidade de máquinas feitas pelo homem e na inteligência electrónica, os seus economistas estavam firmemente convencidos de agora sim era onde residia o futuro. Daí o seu interesse por tudo relacionado com a construção de gigantescas e muito refrigerados máquinas quânticas no espaço, de preferência o mais longe possível do Sol… Dava para ver como só de falar de Marte e Júpiter os seus olhos brilhavam. Será que, depois dos Arrogantes Ignorantes e dos Ignorantes Arrogantes, desenvolver-se-ia agora uma espécie de Sabedores Ignorantes Paradoxais? Ou era simplesmente a sua crença dogmática no dinheiro a tomar um novo rumo?"

"Mas pela tua história entendi outra coisa também. Já estava claro que os residentes de *Elysium*, ou pelo menos os gestores dos Fundos se mudariam para Marte. E estes falaram mais uma vez de comprar e possuir terras em vez de apenas usá-las, não?" pedi em guisa de esclarecimento.

O Avô assentiu. “Sim, é isso mesmo. Os meus pais participaram nessas conversas e informaram-me detalhadamente do ocorrido, assim como aos outros membros do grupo de trabalho da Bibliopolis.

As coisas não eram tão simples assim por dois motivos.

Havia, como eu pessoalmente pude compreender, habitantes de *Elysium* que estavam mais do que fartos da vida no espaço. Já falámos dos mais velhos a querer rever a Terra antes de morrer.

Por outro lado, também tínhamos grupos de sobreviventes na Terra, principalmente descendentes de antigas milícias e alguns ex-administradores, que não aceitavam a ideia de uma sociedade sem dinheiro. Embora estivessem cientes da crescente rede de *Convivialis Civitas* e alguns tivessem experimentado em primeira mão a vida numa Civitas, eles continuaram a dizer que tudo isso eram sonhos *flower-power* velhos de 200 anos. Perguntamos-lhes a eles e aos gestores dos Fundos se estariam interessados em reunir-se connosco e discutir planos futuros.

No final, quase quarenta mil residentes de *Elysium* mudaram-se para o espaço junto com cerca de dez a vinte mil terráqueos.

Tomar este tipo de decisões não era fácil naquela época. Na rede de *Convivialis Civitas* ainda hoje os acordos estabelecem-se gradualmente. Só as conversas sobre o regresso de Elysianos à Terra levou quase um ano. Não era grave pois viver com a gravidade da Lua ou da Terra levava mais tempo. E era impossível de acelerar o processo biológico de adaptação para quem nasceu no espaço.

Os *Elysianos* por sua vez, mesmo sendo um grupo muito menor, mantinham-se fiéis à hierarquia. Não estava nada claro até que

ponto todos os habitantes de *Elysiums* sabiam o que foi decidido para eles. O grupo *RecIN* só pôde concluir que em *Elysium* os acordos não eram propostos para serem discutidos entre todos. Apenas surgiram as propostas dos Gestores dos Fundos. Quem não concordava ficava na Lua ou na Terra. Os habitantes de *Elysium* nunca pediram a integração de *Elysium* na rede de *Convivialis Civitas*. De acordo com as regras operacionais da rede o acordo vinculava todos os EquivaGente da rede, uma vez que todos tinham a oportunidade de discutir os acordos e que todos tinham a possibilidade de voltar a abrir o diálogo sobre um assunto qualquer. Os gestores dos Fundos alegaram serem os representantes 'legais' de *Elysium*. Sendo assim, diziam, podiam fazer acordos veiculando toda a comunidade.

A rede de *Convivialis Civitas* decidiu para já não intervir na forma como a comunidade de *Elysium* se iria estabelecer em Marte e Ganímedes. A lua Europa de Júpiter era uma possível área de expansão para aqueles que se estabelecessem em Ganímedes. Os gestores dos Fundos receavam que descendentes de *Elysium* perderiam a sua crença em dinheiro e propriedade se voltassem para a Terra pós Inverno Vulcânico. Os EquivaGente tinham dúvidas que os Gestores de Fundos conseguissem tomar uma decisão sobre o que, em última análise, era um código de conduta de outros. Em última análise apenas anunciaram aos *Elysianos* que aqueles que quisessem voltar para Terra seriam obrigados a integrar um Grupo da Carta.

Havia algumas preocupações biológicas e éticas em torno disso. Em primeiro lugar, ambos os Sabedores com formação biológica em *Elysium* como em Terra, sabiam que a adaptação poderia ser

difícil. Os gestores de Fundo queriam comprar instalações lunares para possibilitar essa adaptação. Isso foi recebido com incompreensão pelo Conselho Interpolis. Não se tratava de dinheiro, mas de capacidade. As Cúpulas Lunares 4 e 5 tinham bastante espaço livre depois do regresso de muitos EquivaGente para a Terra. Só essas duas cúpulas poderiam facilmente acomodar vários milhares de Elysianos. Esse 'obstáculo' foi portanto logo removido. Ao todo aproximadamente 2.500 pessoas preferiram voltar para Terra apesar da informação um tanto enganosa dos Gestores dos Fundos.

Na realidade a sugestão era dos Elysianos durante o periode de adaptação biológico serem incluídos em grupos de aprendizagem que os ajudassem a compreender como funcionava a rede de *Convivialis Civitas*. Se a seguir houvesse quem optasse por não abrir mão de sua crença na propriedade deveria ter a possibilidade de levar adiante a sua crença. Os envolvidos, o Conselho Interpolis e os Gestores de Fundos poderiam então explorar em conjunto outras possibilidades. Poderiam na mesmo sair para Marte, integrar uma comunidade de tipo 2 na Terra se alguma estiver disposta a incluir *Elysianos* ou ainda propor uma residência lunar permanente. Chegar a um acordo podia também levar um tempo considerável, mas este estava disponível.

Havia certamente engenheiros da Terra interessados em participar no relançamento da Terraformação em Marte e na continuação da terraformação de Ganímedes. Era possível em base num projecto discutido entre EquivaGente interessados de várias *Convivialis Civitas*. É claro que não era esperada nenhuma

compensação monetária. Contudo qualquer engenheiro poderia decidir retirar a sua participação caso se sentisse desconfortável com a forma como o trabalho planeado estava a ser executado.
O mais urgente era que só faltavam dois anos para todos que ainda residiam em *Elysium* ter que abandonar a Cidade Espacial. Depois haveria espaço na a Lua, nas naves espaciais, em Marte e nas luas de Júpiter para novas decisões se ainda necessárias.
O Conselho Interpolis sugeriu os *Convivialis Civitas* para compilar uma lista de materiais disponíveis para complementar o material reciclado vindo de *Elysium*. Era necessário para determinar a capacidade de transporte das naves para Marte e Ganímedes. Tornou-se mais fácil quando ficou claro que as fibras de cânhamo poderiam substituir vários tipos de materiais resistentes anteriormente produzidos com matérias-primas que não estavam mais disponíveis e não podiam ser recicladas. E as fibras de cânhamo poderiam ser facilmente cultivadas em quantidades suficientes.
Vários navios espaciais de carga foram lançados em direção de Marte e de Ganímedes para que os engenheiros biológicos e electrónicos já presentes pudessem preparar os habitats. Todos os engenheiros biológicos tiveram a opção de retornar à Terra ou permanecer em Marte ou Ganímedes.

A Rede de Convivialis Civitas no planeta Terra

Então a rede de *Convivialis Civitas* é um produto específico da Refundição?" Com essa pergunta retomei a conversa.

O avô pensou por um momento e disse então: "Não é bem, bem assim. Lembro-me de uma conversa com a minha avó. Alguns

anos antes de ela nascer, o então grupo semi-clandestino *Zafonis* ou *GNet-Z* de que ja falei organizou um grande encontro global recorrendo aos três satélites secretos que tinha na época. Foi nesse debate que parece ter surgido o nome *Convivialis Civitates.* Especialmente em Anahuac, muitos grupos de trabalho conheciam o legado de Illich e foi daí que surgiu a ideia. Mais tarde, a minha avó soube pelos pais que vários grupos procuravam algum tipo de denominador comum. Alguns se lembravam das comunidades virtuais *Hortública* e a mais velha *Res Publica Literaria.* Outros preferiram saudar os grupos de trabalho Freire e Illich. Como sabes, quando o teu pai perguntou se poderia pensar em conceber um Espaço JCD, ele incluiu uma proposta para reiniciar *Ignarysis* enquanto revista electrónico com o nome *Neo-Ignarysis*. Vários autores de Neo-Ignarysis definiram 2098 AD (120.98) como uma espécie de ponto de partida para desenvolver essa rede, quase meio hectano antes do início da Refundição. O conceito evoluiu, isso sim. Em 120.98, as pessoas ainda pensavam numa nova forma de Estado como resposta à Megapoleis ditatorial, daí *Civitates.* Durante a Refundição, usou-se frequentemente o termo duplo *Convivialis Civitas-Civitates* mas o último termo foi perdendo significado. O Conselho Interpolis é uma comunidade de *Civitas*, de Polisses de médio porte. Parece-me muito mais importante que os moradores dos *Cinco Lugares* se manifestaram rapidamente para erradicar a ideia de capitais. Esses cinco lugares eram apenas o ponto de partida para criar repositórios do potencial humano. No *CoTrop* e no Conselho Interpolis todos os Civitas estão em pé de igualdade. Não há comunidades maiores ou menores. Dentro das Civitas não há

maiorias vencedoras e nenhum voto é dado a nenhum nome. Os grupos de trabalho das Civitas e do Conselho Interpolis procuram soluções provisórias. Cada *Convivialis Civitas* escolhe por um caráter mais aldeão ou mais urbano. Como mencionei, aconselhamos evitar Polisses com mais de cem mil EquivaGente.

Desde 121.30 quando nasce o meu irmão Leon os meus pais envolveram-se intensamente nos grupos de aprendizagem que na época chamavam-se ainda frequentemente Grupos da Carta. Mas os meus pais interessavam-se também pelos grupos locais de produção dos *Convivialis Civitas*. Era preciso encontrar um bom equilíbrio entre a organização dos métodos de produção artesanal e a construção de objetos de grande complexidade que exigem estudos especializados. Para fabricar determinados objetos a interação entre a produção por inteligência biológica e a produção controlada por inteligência electrónica deve ser impecável. Pensem por exemplo nas maquinas com tecnologia avançada necessárias para construir e lançar uma nave espacial. Em qualquer polis ou grupo de polisses da rede de *Convivialis Civitas* um projeto entre pessoas ou grupos de pessoas é possível desde que alguém esteja interessado e possa contar com quem tenha as capacidades técnicas necessárias. A ética subjacente é haver sempre um estudo de impacto. Este serve para perceber se o projeto não prejudica quem não estiver interessado ou tem algum perigo ecológico.

Depois do início da Refundição, esta forma de pensar é também o ponto de partida com crianças nos grupos de aprendizagem onde a experiência e o conhecimento se encontram.

A minha mãe e talvez ainda mais a sua amiga Sang mostraram

em quase todos os grupos de trabalho nos quais participaram como é fácil estabelecer classificações e quão perigosas elas são. É importante que todos continuem a compreender como o bem estar de cada pessoa depende de *todas* as outras pessoas. Mais uma vez foi por causa disso que aprendemos a evitar expressões como *os Três Lugares* mal regressámos à Terra. Era importante os EquivaGente daquelas Polisses compreenderem a todo momento que sem todas as outras comunidades conviviais eles simplesmente não tinham propósito. Eu diria que, em meados do hectano 121 estávamos a começar a ter bastante sucesso nisso, graças à maneira como as crianças eram educadas."
"Foi quando o pai nasceu", diz Liberty.
A Avó Sara sorri. "Sim, Alberto nasceu pouco antes do final do ano de 121.53, no dia 20 de Dwiterodekmomehns. E logo depois, Simba e Yoruba tiveram Idrissa. Olívia, Alberto e Idrissa tornaram-se companheiros de brincadeira…"

"Entretanto, *Elysium* estava quase desmantelada," continuou o avô. "Cinquenta anos de auto-isolamento significam uma população relativamente jovem, nascida no espaço partilhando a cidade com uma população envelhecida e mais dois grupos inter-gerações. Uma espécie de quebra-cabeça humano portanto. Por vários motivos, todos queriam retornar à terra firme. Já falamos dos acordos que surgiram. Para muitos era culturalmente impossível regressar a Terra, devido à ausência de economia de mercado. Marte tornou-se o novo refúgio para a maioria.
Elysium continuou até o fim a ser um reduto de intriga e desconfiança principalmente em relação a dinheiro e status.

Ocorreram mudanças na hierarquia resultantes das atividades de jogo especialmente durante o Primeiro Grande Tédio. [Ver volume 11 *O Paraíso dos Livros*]. Entretanto os Gestores dos Fundos desfizeram-se dos seus '*Activos na Terra*' e adquiriram '*Activos em Marte*'. Dito de outra forma, os responsáveis dos três Fundos fizeram exactamente o mesmo como tinham feito as casas reais espanhóis e portugueses com o 'Novo Mundo' em 1498 AD. Os Gestores de Fundos tomaram posse de Marte e dividiram as terras entre si. A divisão não ocorreu em Tordesilhas, mas em Elysium. Isso teve consequências de longo alcance, é claro. Novas famílias adquiriram os números de valor 10 e 11 enquanto outras caíram na classificação. Além disso, os engenheiros de ponta mais experientes residentes em *Elysium* tinham se documentado suficientemente bem na tecnologia da computação quântica para rapidamente melhorar a *mineração de bitcoins* que a nova oligarquia desejava, tornando-se parte dela.

O principal problema para os *Elysianos* era a escassez de subordinados, servos ou escravos. Na Cidade Espacial, o espaço era muito limitado. Em *Elysium* os satélites com 'escravos' eram compostos principalmente por Sabedores especializados que pelo menos nas primeiras décadas foram incondicionalmente leais aos *Elysianos*. Quando alguns Gestores de Fundos restabeleceram contacto com alguns membros da *GNet-Z* após 16 anos de quase completo isolamento eles perceberam ao mesmo tempo rapidamente que era precisa fazer todos os possíveis para que os 'Servos Sabedores' acreditar no seu novo estatuto de Bloomberg 11.

Muitas das intrigas estavam relacionados com essa necessidade. Uma espécie de novo Corte teve que ser organizada e uma nova hierarquia. Dramático seria o destino dos voluntários menos cautelosos que deixaram a Terra para Marte com a população de *Elysium* com uma certa ilusão de que os gestores de Fundos tinham sido influenciados pelas ideias da sociedade tipo 2. Aqueles que não conseguiram retornar à Terra rapidamente acabaram entre os descendentes de famílias de Megapolis e centros administrativos exilados para Marte no tempo das primeiras limpezas de governos fantoche dos *Bloomcampers*.

Eu tinha 27 anos e a Sara 25 quando Vanderlei, Raja, Despina, Hiroka do nosso grupo juntamente com outros grupos de voluntários de outras Polisses, fizeram os arranjos finais em relação ao uso da tecnologia existente na Lua com os Gestores dos Fundos de *Elysium* antes do êxodo para Marte.

Na época percebemos muito claramente que a sua ética e moral continuavam a basear-se em hierarquias derivadas da fé na propriedade. Portanto, só nos restava observar e tentar sugerir, com base na análise ignarométrica, que deveriam ser cautelosos ao estabelecer formas excessivamente rígidas de dominação. Mas quem tinha *coins* muitas vezes continuava condescendente com aqueles que não tinham *coins*. Isso incluía a política de dar esmolas, como os ricos costumavam dar aos pobres à porta da igreja em outros tempos. Quem não tivesse *coins* continuava a sonhar de ser rico qualquer dia. Por isso rejeitava uma comunidade equitativa bem como todas as propostas bregmanianas de Raja. Os herdeiros número Bloomberg 8 eram os valores mais baixos em *Elysium*. Quase todos decidiram

permanecer na Lua mas continuavam a acreditar em dinheiro e propriedades. Talvez só estivessem cansados de constantemente serem relegados a um status inferior.

A minha mãe ouviu o que nós e outros voluntários trouxemos dos nossos encontros. Ela considerava que para manter saudáveis as *Convivialis Civitas* era preciso dar ênfase a uma ética empática. Caminhar para comunidades cosmopolitas seria assim mais eficaz do voltando a recorrer aos ditames das religiões antigas. Estes encapsulavam a propriedade e o poder sobre o outro. Qualquer tendência à riqueza ostensiva deveria segundo ela ser vista como evidência de imaturidade. Explicava o que uma ética empática implicava e quais eram os seus benefícios. Em poucas palavras a empatia é a capacidade de se colocar nos sapatos de outra pessoa. Empatia não é concordar ou discordar de outra pessoa. É de entender que outras pessoas adotam uma posição diferente da nossa porque essa posição os satisfaz.

Não é difícil perceber que certas pessoas não conseguem desenvolver sentimentos empáticos quando o mundo está repleto de hierarquias religiosas ou outras quaisquer e cheio de maiorias e minorias. Tipicamente a maioria arrogante não tem empatia por uma minoria não arrogante e ainda menos quando a minoria se torne arrogante. Geralmente tem em primeiro lugar a ver com o a valorização financeira e a assumpção de por essa razão ter poder sobre o outro. Aqueles que consideram os outros sem importância e os veem como nada mais do que uma extensão de seu poder nem se dão ao trabalho de se imaginar no mundo da outra pessoa. Há talvez uma excepção que dizem

ser religiosa mas que é egoísta. Não dão arrogantes esmolas para a sua própria satisfação ou para a sua salvação após a morte? Essas esmolas visam mesmo ajudar outros ou servem só pare se sentirem bem consigo mesmo no seu mundo opulente? Para esses poderosos arrogantes não há sentimentos de culpa. Apenas existem pecados definidos pelo canon. Além disso pouco tem a ver com sentimentos religiosos pessoais; é um fenómeno sistémico.

Tomar posse dos bens que eram da outra pessoa também não tem nada a ver com uma entrada empática no mundo dela. Trata-se simplesmente de assumir o controle do mundo dos outros e, ao fazê-lo, reverter ou adaptar hierarquias.

De acordo com o raciocínio de Sang e Emmy a posse reduzia qualquer sentimento empático a nada mais dum pobre e enganador acto de equilíbrio. Elas argumentavam que uma ética empática só era possível quando ninguém atribuía valor a um símbolo para a troca de posses, quando ninguém sequer pensava ser preciso possuir a expressão desse símbolo sob forma de dinheiro. Era falso e hipócrita abusar de deuses, de Deus, das crenças dos outros para fazê-los pensar que as posses são um fenómeno natural.

Um princípio ético empático como o Sang e a minha mãe tentavam de formular baseado na não existência de propriedade tinha vantagens. Roubo, extorsão, sequestro e violência para adquirir posses tornaram-se inúteis. Ao deixar de atribuir crédito a certos materiais inertes que poderiam ser convertidos em dinheiro, as pessoas começaram a pensar de forma diferente sobre a mineração. A falsa necessidade de possuir o que outra

pessoa possui desaparece quando as pessoas conseguem entender juntos o que outra pessoa achou agradável, interessante ou bonito, sem o ser necessariamente para o próprio."

O meu pai completou: "A Refundição da Terra ao longo dos anos seguintes àquela análise parecia nos confirmar que Sang e a minha avó estavam a discutir o assunto a partir dum ângulo interessante.

A economia baseada em dinheiro desapareceu completamente na rede de *Convivialis Civitas*. A grupo *RecIN* teve a possibilidade de extrair de tudo que ouvira uma proposta a tal sociedade sem dinheiro. Desde 121.55, a sustentabilidade do projeto parecia garantida, após o desenvolvimento que lhe foi dado pelos grupos populacionais sobreviventes. O projeto tornou-se ainda mais robusto quando a segregação só pela segregação foi entendido como algo sem sentido. As experiências adquiridas com a divisão das pessoas em caixas contribuíram para isso. A Cidade Espacial *Elysium* era só a forma mais extrema de fazer caixinhas.

O desmantelamento físico de *Elysium* e a reutilização dos materiais para construir naves espaciais e, em seguida, convertê-las novamente em unidades habitacionais temporárias, aguardando o desenvolvimento da Terraformação, tinha grande significado simbólico.

Contudo ninguém da rede *Convivialis Civitas* apontou o dedo para aqueles que continuavam a dar importância a *coins*. Os EquivaGente apenas afirmavam que isso não interessava mais a sua própria organização fortemente apoiada na ideia da ética empática. O grupo *RecIN* reuniu-se com o grupo de contacto

com os Gestores dos Fundos para discutir em particular o que dizia respeito à tomada de decisões individuais. Uma atitude não agressiva era necessária para evitar a criação de paradoxos dentro das *Convivialis Civitas*. Na rede o dinheiro deixou de ser um meio para atingir um fim. Fazer parte duma comunidade assim é uma escolha pessoal. Significa que quem opta para a *Civitas* não se deseja possuir nada. Usa-se cooperativamente, provê-se cooperativamente."

O avô Lev então disse: "Durante todo o período da Refundição, a minha mãe sempre quis estar a par do que estava a acontecer com as populações migrantes ou prestes a migrar. Por isso, ela acompanhou de perto o que estávamos a fazer. O grupo *RecIN* ouvia-nos e fazia sugestões em como preparar a próxima geração daqueles que se aventurariam em Marte e nas luas de Júpiter."

Ao que a Avó explicou: "A ausência de dinheiro e de *Elysium* rapidamente fortaleceu relações mais cordiais tanto entre pessoas como entre comunidades, o que por sua vez reforçou o uso cooperativo de todo tipo de ferramentas. Após o desaparecimento dos especuladores de valores, o valor de uso de um objeto ou de uma ideia voltou a ser mais importante do que seu valor simbólico de posse.

Os grupos de trabalho nos quais Vanderlei participava ajudaram a concretizar isso. Essa foi a principal razão pela qual sociólogos, economistas e psicólogos começaram a trabalhar num modelo global de Bregman aprimorado com objectos de troca não monetários. Eles imaginaram que seria uma espécie de fase intermediária na transição para uma Civitas sem dinheiro. Uma espécie de voltar às origens em outras palavras. A minha sogra

empenhou-se ativamente nisso. Pelo menos na Terra um tal modelo intermediário estava ultrapassado antes mesmo de ser concluído já o disse. O nosso modelo menos global, mas muito mais sustentável da rede de *Convivialis Civitas* beneficia mais da interação dialógica do que de trocas comerciais."

Na altura observei como aprender se tornou uma atividade cada vez mais procurada por todos, pois ninguém precisava de se preocupar em garantir a sobrevivência no seu dia a dia. Adultos e crianças passaram a gostar cada vez mais de aprender e se desenvolver como bem entendessem, alternando a aquisição de novos conhecimentos com o trabalho na horta da família. O stress e a agressividade originado pela 'falta de tempo' desapareceram. Representar um ponto de vista de outros isto é, partilhar o que os outros e nós pensamos, aconteceu e ainda acontece, mas porque se gosta de o fazer. Mas representar não é decidir. Não se tomam decisões para os outros, toma se decisões com os outros. Deixou de haver votações para representar o outro. A representação do outro deixou de ser um poder ou privilégio. Os grupos constituem se para ouvir e analisar; aqueles que não querem participar directamente recebem sínteses de tudo. E todos podem reconsiderar e a qualquer momento passar a participar num grupo de trabalho."

A avó observou: "O Alberto tinha alguns meses quando pelo menos conseguimos deixar claro esse pensamento empático aos gestores dos fundos. Se possuir objectos e *coins* em Marte lhes desse uma razão de existir e os motivasse, então ficaríamos tão felizes por eles como eles estavam felizes.

Entretanto, entre nós estava a formar-se uma nova geração. Pergunte a outros conhecidos e familiares. Aos poucos toda a vossa geração nasce, Alberto. Acho que o tio do Wolfgang e do David é até do mesmo ano como tu."

O avô disse: "Implicava muitas vezes ter paciência, muita paciência. Para os habitantes de *Elysium* que viveram literalmente numa espécie de casulo durante muitos anos, fazer uma escolha que lhes parecia tão radical não foi fácil. Catherine, lembro-me bem do dilema dos avós da tua amiga Halona. Milo, o pai dela tinha apenas um ano de idade quando os seus pais, Midas e Nore decidiram seguir para Marte sem levar Milo e a sua irmã de dois anos com eles. Parece-nos surreal hoje. Mas eles estavam longe de ser os únicos que deixaram os seus filhos para trás e foram para Marte sozinhos. Foram sentimentos contraditórios. Alguns pais não quiseram trancar os seus filhos novamente numa redoma como eles próprios tinham experimentado enquanto crianças. Contudo havia aquele forte impulso de pessoas amantes do dinheiro para adquirir novos bens e novo poder. Os avós de Nadia que ira ser a amiga de Wolfgang mais tarde hesitaram durante muito tempo. Viver sem dinheiro na Terra parecia-lhes a partida algo impossível. Até o último momento de planeamento de distribuição de bens e localizações em Marte, Kiril e Vesela Morshov pretendiam embarcar na viagem. Mas durante as negociações, nasceu o bebé Dusan. No caso deles, o vínculo parental falou mais alto. Preferiram ficar na Lua e adaptar-se biologicamente para a vida na Terra. Mas viver numa *Civitas* sem dinheiro não lhes parecia ser uma opção. Eles presumiram que integrar uma comunidade

do tipo 2 na Terra seria um pouco mais fácil do que uma vida pioneira em Marte com um bebé, mesmo tendo o estatuto de Bloomberg 9."

A avó recordava: "De facto, os *Elysianos* deviam sentir-se como se estavam a colocar toda a sua personalidade em jogo. Os mais ávidos proprietários chegaram à conclusão de que, em última análise, o que realmente possuíam era uma fé inabalável. Aos olhos dos gestores dos Fundos, essa fé precisava até ser reacendida em alguns para devolver ao dinheiro o estatuto absoluto fosse ele metal, papel, números, *dígitos* ou *coins*.

Nos últimos anos, quando muitos já estavam nas Cúpulas 4 e 5 na Lua preparando-se para Marte ou para a Terra, os que ainda permaneciam em *Elysium* sentiam-se às vezes perdidos. Alguns simplesmente não sabiam mais como se posicionar. Havia quem se perguntava se não perdera a razão de viver especialmente entre jovens. Tínhamos muito com que lidar. Muitas vezes, vimo-nos obrigado a impedi-los de se atirarem no vazio. Queríamos fazê-los perceber que havia muitas escolhas possíveis. Valia a pena manter-se vivo. Pessoas como Kiril e Vesela até tentaram ver as vantagens de não ter dinheiro. Mas modo geral, a crença no dinheiro estava muito arraigada em *Elysium*. Simplesmente não tinham certeza se conseguiriam lidar com uma vida sem posses. Mas eles saíram-se muito bem por acaso. Ainda na Lua conseguimos chamá-los para um grupo de aprendizagem com o objetivo declarado de lhes dar uma compreensão completa de como funciona uma *Convivialis Civitas* sem forçá-los a nada. Sempre iria haver comunidades do tipo 2 na Terra que apreciariam um número de valor de

Bregman 9 e os *coins* que ainda tinham.

Como sabem a grande maioria de *Elysium* preferiu viajar para Marte ou para as luas de Júpiter e desenvolver uma economia puramente baseada no capital e com isso desenvolver os seus projetos. O grupo *RecIN* ajudou a encontrar pessoas na Terra disponíveis para apoiá-los no desenvolvimento de sua sociedade tipo 1. Como já dissemos, eles obtiveram total apoio para todos os seus projetos, desde que não tentassem silenciar EquivaGente de uma *Convivialis Civitas* ou agir com arrogância em relação a eles."

O avô disse: "Talvez eu volte a isso mais tarde, mas a minha mãe falava do *século da reviravolta* quando ela falava do hectano 121. Penso por mim que dentro desse hectano, desse *século da reviravolta* têm particular relevância os dois anos antes do Inverno Vulcânico e os anos do desmantelamento de *Elysium*. Foram anos cruciais, talvez os anos da reviravolta dentro do seu século. Os EquivaGente dos Três Lugares conseguiram preservar bastante nos últimos anos antes da catástrofe que deixou grande parte do planeta inabitável. Os membros do *GNet-Z* discutiram e ajudaram muito. Em última análise formaram a base para os canais de comunicação e os instrumentos de governo que conhecemos hoje. Os desenvolvimentos posteriores foram concebidos durante aquele período de exílio auto-imposto, incluindo a fuga dos *Bloomcampers* para *Elysium*. Foi por isso que falei há alguns dias sobre aquele outro grupo de terráqueos. Os que se assumiram como comunidades Illich e enquanto *GNet-Z* falaram pela primeira vez de *Convivialis Civitates*."

A avó lembrou-se: "Foi impressionante. Os habitantes de

Elysium que chegaram à Lua não conseguiam preparar uma única refeição. Viveram décadas no meio de estações de cultivo automatizadas e alimentos pré-fabricados e embalados que só precisavam de micro-ondas.

Despina e Hiroka foram formidáveis em inventar refeições muito simples que podiam ser preparadas em grupo.

Mesmo antes do Inverno Vulcânico tínhamos já a noção da importância de preparar refeições juntos e de saboreá-los em grupo. Por isso, víamos isso cada vez mais como um elemento de ensino nos grupos de aprendizagem com crianças. Não era uma ideia nova, claro. Mas os antropogogos adotaram-na novamente e introduziram-na em todos os grupos de aprendizagem que iniciaram na Lua.

Os grupos que acolheram os Ignorantes Errantes durante o Inverno Vulcânico e os anos que se seguiram encontraram aqui também um ponto de partida. Naqueles pequenos grupos sobreviventes que não raras vezes recorriam à colecta e à caça até chegarem a um *Convivialis Civitas* havia sempre alguns capazes de preparar a comida. Mas a alegria de comer juntos tinha-se às vezes perdido devido à necessidade básica de sobrevivência. As *CoTrop* insistiram para que os participantes do Conselho Interpolis considerarem a importância das refeições. A *Organização Comum de Grupos Plurais de Aprendizagem* recebeu uma espécie de princípio. Em todos os grupos de aprendizagem com crianças e também em todos os grupos de aprendizagem básica com adultos a ideia tornou-se rapidamente o Princípio da Refeição.

O calendário do Holoceno foi o primeiro acordo na rede de

Convivialis Civitas. O Princípio da Refeição foi talvez o segundo. Não o consideramos como uma medida a seguir em modos estritos. Um princípio pode ser reformulado e melhorado ou adaptá-lo às circunstâncias locais."

A mãe começou a rir: "O teu pai diz que o ano 122.55 foi importante por duas razões. Primeiro, porque eu nasci naquele ano. Segundo, porque muito se trabalhou em relação às refeições naquela época."

O pai comentava: "Ri-te, ri-te! Claro, o mais importante daquele ano foi teres nascido, caso contrário as nossas filhas não estariam aqui a fazer perguntas aos avós…

É muito importante entender que o Princípio da Refeição só pôde ser introduzido plenamente porque ninguém precisou preocupar-se com o tempo. Podiam primeiro pensar juntos o que se ia cozinhar, depois podia-se preparar a refeição. De seguida tinha se o tempo que quiser para desfrutar dela. Não havia chamados pelo *dinheiro* logo não havia também não se dizia coisas do género *tempo é dinheiro*. Não podemos dizê-lo o suficiente! Além disso, não somos caçadores-coletores da era anterior aos 122 hectanos do calendário do Holoceno. Em 121.55 os *Convivialis Civitas* tinham uma suficiente produção automatizada de produtos básicos. Alguns já o tinham mesmo antes do Inverno Vulcânico. Sabem-no. Nas nossas próprias hortas cultivamos principalmente vegetais e frutas, galinhas e alguns têm coelhos e às vezes uma cabra. Muita EquivaGente não era nem é exclusivamente vegetariana, e ninguém espera que o sejam. Entretanto limitamos severamente a criação de gado de grande porte, simplesmente porque hoje pensamos na

criação de forma empática e etológica.
Há um desenvolvimento que sempre achei verdadeiramente maravilhoso. Em todas as comunidades, inclusive aqui em Bibliopolis, existem pessoas criativas com refeições. Oferecem oportunidades para aprender novas preparações juntos. Os restaurantes baseados na venda de refeições desapareceram é claro mas o partilhar da criatividade na preparação de refeições só aumentou. Está acessível a todos desejam aprender.
É maravilhoso ver como as crianças gostam de preparar pratos simples como panquecas com frutas, iogurtes, saladas frias com ovos e assim por diante. À medida que crescem, trazem pratos e tapas mais elaborados para os grupos de aprendizagem. Mais tarde os adolescentes começam a gostar de saborear os frutos do seu trabalho conversando com os adultos. Sim, eu acho que a forma como *RecIN* e a rede de *Convivialis Civitas* abordou as refeições forneceu uma base sólida para tudo o que veio depois."
O avô então disse: "Nesse ponto concordo plenamente com o teu pai. Uma vez adoptada a ideia ela começou a influenciar outras questões. O Princípio da Refeição foi o primeiro princípio sugerido pelo Conselho Interpolis com apoio mundial. Foi muito bem-vindo no trabalho com crianças em aprendizagem. Estimulava projectos infantis. Mas, precisamente porque somos todos diferentes, alguns são mais criativos com as refeições. Outros são mais criativos em outras atividades. O que parece loucura para alguns é perfeitamente normal para outros. Escutem, só escutem atentamente, repetia a minha mãe com frequência. Incentivávamos pessoas criativas para experimentar ideias com outras e tornava-se mais fácil chegar a acordos em

grupo dentro de uma *Convivialis Civitas* acerca serviços comunitários por exemplo. Cada comunidade que tinha algo interessante para partilhar ou propor a outras comunidades falava acerca da sua organização no grupo *RecIN* ou diretamente no Conselho Interpolis. A principal tarefa do Conselho era e continua a ser de disseminar propostas. Outras comunidades podem querer mais detalhes ou desenvolver uma própria proposta ou ainda aprofundar a de que tomaram conhecimento. Em última análise, deduziram-se daí princípios que, trinta anos depois, permitiram que a rede evoluísse para o grande, diverso e cosmopolita conjunto de Civitas."

"Há quanto tempo existe o grupo *RecIN*? Ainda anda por aí?" perguntou minha irmã.

O Avô Lev pensou por um momento. "Designar o começo é fácil. O grupo começou em 121.46. Mas não há realmente um fim. Pode-se dizer que o grupo esteve principalmente ativo até o CoTrop — ou já era o Conselho Interpolis? — começar a mexer no *Projecto Dinâmico de Sociedade Coletiva*. Pode dizer-se também que o grupo de trabalho reaparece regularmente sempre que as pessoas o consideram útil. É preciso entender que os grupos de trabalho já tinham estruturas muito informais então como ainda o têm hoje. Já se sabia naquela altura que as pessoas que queriam trabalhar juntas num projeto simplesmente informavam as suas respectivas comunidades. Como já disse, os grupos de trabalho não tomam decisões em nome de outros. Eles apenas tomam decisões em relação a si mesmos e frequentemente propõem ideias ou soluções provisórias a outros. É por isso que continua a ser importante esclarecer os

limites dum grupo de trabalho quando se forma. Mas eu diria que o grupo *RecIN* existiu sem interrupção a fazer propostas até pelo menos 121.57. Posteriormente os membros mais ativos contribuíam frequentemente com ideias. Inclui aqui a minha mãe e a sua amiga Sang, Miguel Márquez em Culturopolis, Wei e Delun em Arqueopolis e Keanu em Perolapolis. Foi certamente o caso até terminar o primeiro rascunho dos princípios orientadores das *Convivialis Civitas* ser do conhecimento de todos por volta de 121.80.

Eu diria que o Princípio da Empatia e em particular o Princípio da Refeição contribuíram significativamente para dar forma ao grupo inicial. Os princípios resultantes são inspirados nas sínteses de muitas outras pessoas, muitas das quais nunca conheci pessoalmente.

Uma contribuição importante do grupo de trabalho para o Princípio da Empatia foi o acordo de que o Conselho Interpolis iria propor gradualmente uma ligação física entre todos as *Convivialis Civitas*. É um projecto obviamente inacabado enquanto novas comunidades forem adicionadas. Pensou-se nisso. Quando as rotas para as principais conexões rápidas com Veículos Semi-automatizados (VSA) foram estabelecidas em 121.55 os EquivaGente das Civitas na altura existentes estavam de acordo para não instalar nenhuma comunidade diretamente na tal via principal, para evitar a tendência de formar hierarquias. Foi solicitado a todos de não considerar nenhuma Civitas mais importante do que outra. A todas as Civitas então existentes e conhecidos sugeriu-se fazer ligações o mais ecologicamente que possível para estações de ligação nos eixos

Norte-Sul e Oeste-Leste da rede VSA. Essas estações de transferência seriam hubs confortáveis, como no caso das interfaces GAT-ETV [Ver livro 1 *Imprimatur*]. Os trabalhos de adaptação do eixo Oeste-Leste começaram naquele ano e os eixos Norte-Sul foram iniciados dois anos depois. Por volta das 121.75, os trechos principais de ligação VSA foram concluídos. O eixo Oeste-Leste liga-se aos serviços de transporte transoceânica. Foi o terceiro projeto global proposto pelo Conselho Interpolis. Naturalmente, este trabalho foi altamente complexo e envolveu a participação de centenas de engenheiros, com a coordenação necessária. Nem sempre foi fácil.

Para a minha própria avó…"

"A tua avó Fernanda ainda estava viva?", perguntou minha irmã.

"Com certeza. Ela tinha oitenta e cinco anos em 212.55 e gozava de boa saúde, mesmo depois de vários anos na Lua. Às vezes, ela brincava que nunca chegou a encaixar o movimento da Lua numa Bolha Espacial Rovelli, mas que mesmo assim a sua estadia na Lua a rejuvenesceu.

Mas o que a deixava mesmo feliz foi de ver como entre a geração mais novo de *Elysianos* que passaram tempo na Lua e jovens terráqueos irrequietos e ávidos por aventuras, houve um renovado interesse em todos os tipos de propulsão, incluindo o TWIST já existente e o ainda evasivo deslocamento WARP. Foi toda uma nova geração de exploradores espaciais. Hoje o teu primo Wolfgang integra o grupo. Nas últimas duas gerações têm tido contacto contínuo com membros da lendária comunidade Hunt. Esta comunidade vive hoje na Terra e tem uma abordagem que mistura um descrição terrestre e não terrestre

da matemática do universo. Na época previam de que viajar pela Via Láctea poderia se realizar dentro do tempo de uma vida humana. Ainda não chegamos lá, de acordo com Wolfgang. No entanto, ele está convencido de que a geração do seu filho construirá um protótipo de nave espacial para tal viagem. A minha avó não viverá para vê-la, mas o facto do trabalho de séria pesquisa ter recomeçado foi para ela uma consequência maravilhosa da evolução dos projetos baseados em dinheiro, posses e poder para projetos propostos por grupos de pessoas simplesmente apaixonadas pelo projecto."

Vi a minha irmã perdida em pensamentos. Sei que ela esteve quase a embarcar na viagem para Júpiter com a equipa de Wolfgang. A viagem está programada para o ano que vem. Decidiu ficar na Terra. Mas se o que o Avô nos contou hoje fosse verdade, eu ainda consigo imaginá-la a desaparecer no espaço… Quem sabe…

Então a avó disse: "Vamos regressar para um pouco mais perto de casa. Kiril e Vesela chegaram a Bibliopolis e rapidamente fizeram parte do nosso grupo de amigos. Trouxeram o seu próprio bebé Dusan e também Iris dado para adopção pelos seus pais porque eles próprios saíram para Marte.
O resto da família Morshov escolheu Ganímedes.
O desmantelamento de *Elysium* estava agora completo e graças à grande habilidade dos engenheiros lunares mais duas naves estavam prontas. A maior iria para Ganímedes e a outra um pouco mais pequena estava pronta para Marte. Todas as naves espaciais que partiam tinham técnicos terrestres ou lunares a bordo.

Em Marte, havia apenas um grupo relativamente pequeno de pioneiros, sobretudo exilados do tempo de *Bloomcamp*. A presença humana em Ganímedes era um pouco maior. Não havia apenas engenheiros entre os terráqueos a acompanharam Elysianos a Ganímedes. Havia também antropogogos a viajar com eles. Eles partiam do princípio que em Ganímedes o princípio da investigação-acção poderia ser de grande importância. Seria uma forma para facilitar a confraternização com os grupos de pessoas residentes ali. Tinha havido pouco ou nenhum contacto com eles desde o Inverno Vulcânico. Embora consideraram o estabelecimento de comunidades do tipo 1 ou 2, os viajantes estavam de acordo de não chegar como colonos. Como sinal de boa vontade, ninguém em *Elysium* comprou a distância títulos de terra em Ganímedes. Marte pelo contrários estava quase completamente 'vendido'.
A saída das últimas naves espaciais coincidia com a chegada de mais recém-nascidos e crianças pequenas à Terra. As crianças Takis e os seus pais adoptivos estabeleceram-se em Bibliopolis. Ayala era uma mãe solteira e acolheu Milo. A irmã dele ficou com a família de Abdul e Sana. Concordaram em se viver em casas próximas uma da outra para que os irmãos pudessem brincar juntos regularmente."

"O teu pai tinha quase três anos quando a minha mãe começou a brincar com a ideia de uma espécie de *Teoria de Tudo* para para as ciências humanas. Ela adoptou o construtivismo como ponto de partida. A minha avô apesar de ter mais de oitenta anos trabalhava ainda com vários físicos teóricos. Ela nunca gostou dessa ideia da filha.

A minha mãe percebia, é claro, que as crianças e os adultos a quem é permitido experimentar e dialogar sobre o que fizeram e observaram gradualmente desenvolviam o espírito científico crítico que caracteriza os residentes de *Convivialis Civitas*.

Mas, observou a Avó Fernanda, esta forma de actuar contém premissas, a primeira das quais é que a comunidade elabore uma ética empática que se distancie explicitamente das posses e dos símbolos que expressam essa posse.

Soaram vários sinos na cabeça da Avó Fernanda. Ela sabia como nas ciências naturais a *Teoria de Tudo* passou a ser uma espécie de Santo Graal para muitos físicos. Quantos investigadores na teoria quântica ainda lutavam com a ideia. Ela sabia muito sobre todas as pesquisas matemáticas promissoras, incluindo aquela na qual ela própria participou. E essa investigação não era tanto virado para a *Teoria do Tudo*. Essa investigação específica tinha como foco principal a melhor compreensão do 'comportamento' do '*anyon*'. No entanto mesmo nesse ramo da matemática ela deparou-se com alguns dos aspectos mais evasivos sempre que se tentava ligar de forma mais firme o Modelo Padrão da Gravidade contido na descrição da Curvatura Espacial com o Modelo Padrão de partículas que descreve a Força Electronuclear. A teoria das cordas continuava a ser mais promissora até o momento mas falhava em alcançar a tal *Teoria de Tudo* para as Ciências Naturais. A gravidade quântica em loop não confirmou de forma conclusiva a *Teoria de Tudo*, pelo menos não no início. No século passado, parecia ter havido algum tipo de avanço devido ao trabalho de investigadores como Rovelli e Smolin. Mas a investigação esteve depois muito tempo parado. Após a primeira metade do século

XXI A.D. (hectano 120) houve, é claro, um período com pouca ou nenhuma investigação fundamental. *Bloomcamp* tinha limitado severamente todo o financiamento à investigação para aplicações práticas no espaço próximo e nas indústrias de armas, defesa ou guerra. Esses três termos eram usados indistintamente por autocratas e o termo escolhido apenas deixava o vislumbre do grau de narcisismo de quem falava.

Mas a minha mãe aparentemente sentia-se mais atraída pelas ciências humanas. Ela ouvia regularmente os grupos nos quais eu participava e ela às vezes também. Tinham pontos de entrada quase idênticas quando orientavam ignorantes num grupo de aprendizagem ou quando ex-*Elysianos* participavam nesses grupos de aprendizagem.

Embora os antropogogos de modo geral concordassem que tinham amplas evidências de que os seres vivos se formam tanto a partir do si como na relação com os outros, eles eram muito cautelosos quanto à ideia de uma *Teoria de Tudo*. Presumiram que precisavam proceder com ainda mais cautela nas ciências humanas do que nas ciências naturais. A história já tinha mostrado repetidamente como teorias podem rapidamente necessitar de reformulação. No entanto, e especialmente nas ciências humanas, premissas momentaneamente falsas podem ter efeitos colaterais desastrosos.

O principal sinal de alarme para a minha avó teve a ver com a observação de que nas Ciências Naturais a estrutura por si só não levava à unificação. Era preciso definir a partida uma série de parâmetros ou limites. E isso ficou ainda mais claro na ideia da minha mãe para um *Teoria de Tudo* nas Ciências Humanas.

Se tens que introduzir os parâmetros para sociedade sem dinheiro de antemão dificilmente podes falar uma *Teoria de Tudo*. Ao predefinir parâmetros recorres neste caso a uma das proposições sociológico-antropogógicos que podem ser derivadas da estrutura ignarométrica. Foi exatamente isso que minha mãe faria muitos anos depois: derivar em vez de induzir."

A Avó Sara contou-nos que os ex-*Elysianos* em Bibliopolis se reuniam regularmente entre eles. É claro que eles não eram os únicos a se juntar com velhos amigos. Esses e outros encontros eram ocasionalmente discutidos nos respectivos grupos de aprendizagem. Os ex-*Elysianos* tinham-se realmente libertos da crença na propriedade? As crianças mais novas aparentemente sim. Nos seus próprios grupos de aprendizagem, adquiriram ampla experiência com os benefícios ecológicos do uso coletivo de ferramentas, desde a mais simples chave de fendas até os veículos de transporte mais complexos, nos quais a inteligência biológica e a electrónica interagem.

O Milo Takis vivendo com Ayala, Hachim, o filho de Abdul e Sana onde vivia a sua irmã tornaram-se gradualmente próximos das crianças da família Cheboi. Os pais e filhos Cheboi nunca conheceram *Elysium* mas conheciam as histórias dos seus avós acerca da vida num condomínio de *Bloomcamp*. Falavam connosco sobre estes encontros quando Amadu, Diya e Zanaibu nos visitavam, ou quando os Zoungranas e os Chebois vinham fazer almoços connosco. Percebemos que em *Elysium* as famílias Takis tinham estado ligado ao Fundo Muscle e a família de Ayala ao Fundo Brandad. Tinham necessidade de conversar sobre suas vidas, tanto com os EquivaGente que sempre viveram

na Terra como com aqueles tinham vivido em *Elysium* ou na lua.

O meu pai disse no dia seguinte: "Acho que foi muito importante a sugestão do grupo *RecIN* para não elaborar uma *Teoria do Tudo* mas para procurar entender quais poderiam ser as propostas para um conjunto de princípios que pudessem levar a uma *Projecto Dinâmico de Sociedade Coletiva*. O termo "Dinâmico" é o mais importante neste desejo. Não se pode simplesmente deitar princípios fora e substituí-los por outra coisa. Contudo devem estar sempre abertos à discussão. Isso parecia um bom desafio para Sang e a minha avó. Segundo elas, já havia os Princípios da Empatia e da Refeição. Elas trouxeram essa ideia às CoTrop ou ao Conselho Interpolis. O Conselho contou com a presença de pessoas que continuaram a trabalhar na inteligência electrónica que deu vida à Máquina de Habermas. Estavam principalmente a pensar nas informações às quais os cérebros biológicos tendem a reagir emocionalmente. Em alguns casos poderia prejudicar o pluralismo contido no Princípio da Empatia. Podia a interação entre a inteligência electrónica e a inteligência biológica proporcionar uma visão aberta das ações humanas, ajudando assim as pessoas a continuarem a se sentir bem consigo próprio no meio da heterogeneidade humana? *Convivialis Civitas?* Poderiam segurar uma abordagem diferente que não uma ou outra teoria educacional. Podia-se assim evitar o perigo manipular ou condicionar em vez de ensinar? Anos mais tarde encontramos cartas na Biblioteca Paulo Demeester entre Inês Legendre e Alberto Campos sobre o funcionamento emocional do cérebro biológico e a maneira como *machine learning* ajudou a

desenvolver dispositivos de auto-aprendizagem. De repente toda esta conversa sobre ensino e manipulação voltou-me à memória. Mas já não foi possível falar com a minha avó. Descobri aquelas cartas mais ou menos na mesma altura em que ela faleceu."

A Avó Sara ouviu as últimas observações do meu pai e disse: "Não confundas as tuas filhas. Estamos ainda a falar de quando nem sequer tinhas seis anos. E tu já falas de quando tu e o teu pai foram fazer buraquinhos no solo congelado do Megalissipo."

Minha mãe riu: "Sim, o Alberto é muito bom em fazer saltos constantes no que está a pensar. Podes tu nos fazer o favor de voltar para o tempo em que estávamos?"
A avó pensou e disse: "Eu ainda não tinha trinta anos quando o teu irmão Ondjoy nasceu. Mais tarde soube que na mesma altura Erika nasceu em casa de Kendi e Paula.
Mas minhas queridas netas, nunca foi fácil manter o vosso pai em casa. Aos cinco anos, ele andava de bicicleta e fazia cross por toda a vizinhança. Ele era como um gato doméstico só com um lugar fixo para dormir. Fora isso andava por aí em busca de aventuras e comida nas outras casas. O avô sentia-se mais à vontade com a situação do que eu. 'Deixe-o andar por aí', disse ele, 'é uma maneira fantástica para observar as diferentes interpretações de *CC Bibliopolis* e de as viver em primeira mão.'
Limitámo-nos portanto a garantir que, sempre que Alberto saia de casa tivesse com ele uma pequena contribuição para as refeições. O saco de bicicleta sempre continha frutas e verduras, e com aquela idade ele próprio já acompanhava para colher provisões na nossa horta. Segundo Lev, foi então que o vosso pai começou a sua curva de aprendizagem acerca da construção

social da realidade. Acho que a constante ausência de casa foi o que lhe deu essa maneira de pensar, em que ele frequentemente parece saltar de um assunto para outro quando pensa em algo. Ainda para mais recorra às vezes a estranhas metáforas."

Todos rimos quando ouvimos a Avó falar assim do filho. A infância do meu pai coincide com os anos em que Bibliopolis se desenvolvia enquanto cidade em Alkebulan Central. Ele descreve-se como antropogogo, talvez mais como pedagogo. Ainda assim conquistou autoridade sociológica em relação à interpretação do mito e da crença através da sua visão acerca da construção social da realidade. Morar em Bibliopolis e a Avó Sara e o Avô Lev serem os seus pais desempenhou obviamente um papel nisso. Hoje, o meu pai fala às vezes sobre elementos eventualmente decisivos nas comunidades de aprendizagem. Ele próprio frequentemente falava das vantagens da abordagem construtivista, mas nunca mostrou grande entusiasmo pela ideia de uma *Teoria de Tudo* em ciências humanas. Ficou satisfeito quando percebeu que a avó mais tarde tinha deixado cair a ideia. Entretanto muitos leitores provavelmente revivem momento da sua própria infância com ele.

A avó continuou: "Como observam o que é verdade dentro do âmbito da realidade da natureza. Como o observam dentro do âmbito da realidade do social? Alberto aprendeu pouco a pouco como as outras crianças que gradualmente exploram o ambiente como a natureza se revela. O que parece verdade e às vezes não é. O mais óbvio hoje, claro, é que os movimentos do Sol e da Terra não são o que parecemos observar à primeira vista. E é mais fácil entender os fenómenos naturais quando

experimentamos e observemos, para falar entre todos. No passado muitas vezes isso não era permitido mas hoje em Terra, todos experimentem, observam e falam. Não impede que mesmo hoje as crianças continuam a ver o mundo com sua própria interpretação da realidade que vai mudando com o tempo.Alberto e da irmã ficaram desolados quando rapidamente descobriram não haver na natureza póneis falantes ou unicórnios. Olívia entendeu por volta dos dez anos que humanos e dinossauros pertenciam a eras diferentes da história natural e que isso podia ser comprovado cientificamente. Alberto ainda não estava convencido naquela época… e continuava a sonhar com os seres humanos com dinossauros domesticados.

E em relação a acordos sociais? Creio eu que era esse o ponto fraco de todo aquele raciocínio da minha sogra em relação a uma *Teoria de Tudo* especificamente para as ciências humanas. Existem verdades absolutas no social? Ou apenas existe num determinado contexto social uma apreciação colectiva e local por uma determinada atitude. Podemos designá-la de cultura local? A apreciação colectiva também está presente dentro da rede de *Convivialis Civitas.* A rede é certamente empática. Mas, na minha opinião o grau de empatia é uma construção cultural, não um dado natural adquirido. Acreditamos ter conseguido integrar no nosso modelo de interação com outros e daí na nossa proposta educacional como agir com quem não pensa como nós. Estamos constantemente atentos para resistir às tentativas de dualismo ou maniqueísmo. O dualismo ser ou não ser é um assunto mais sensível nas ciências humanas do que nas

ciências naturais. Neste último caso, podemos apenas tentar compreender o fenómeno; não podemos realmente influenciá-lo. Uma coisa pode continuar a ser mesmo quando dizemos que não o é. No primeiro caso mesmo se só estamos a tentar de compreender podemos ser tentados a influenciar. Se o fazemos no mundo da posse e do poder as consequências podem ser desastrosas. Eugenia, condenação e assassinato de pessoas resultante de uma teoria racial, de teorias sobre espécie, género, religião. Pensa nas piores coisas, já o fizemos enquanto espécie. Somos menos propensos a exercer influências indesejadas recorrendo à Máquina de Habermas? O que é uma influência indesejada? Talvez tenha sido uma proposta sensata do Conselho Interpolis trabalhar no *Projecto Dinâmico de Sociedade Coletiva* com base em princípios e não em teorias."

"Se bem entendi, os primeiros dez anos depois de desmantelar *Elysium* tenham sido anos com muitos afazeres?" perguntei, tentando de reintroduzir um pouco de cronologia na história dos meus pais e avós.

A minha mãe disse: "Com certeza haver muito a fazer e registar. Conheço a história da viagem dos meus avós quando os ricos já viviam na sua cidade espacial lá no céu. Sei como o meu pai Chaytan ficou com o seu nome. Sei que a família chegou em *Paraíso dos Livros* e foi levada para a lua. Muita EquivaGente que não estava numa *Convivialis Civitas* e mesmo muitos pessoas que chegaram antes do início do Inverno Vulcânico permaneceram consciente- ou inconscientemente na Terra. Muitas pessoas morreram. As erupções vulcânicas destruíram mais do um *Convivialis Civitas,* não nos esqueçamos disso. Seja

como for, a arrogância da maioria dos *Bloomcampers* continua a ser a primeira causa do extermínio de mais da metade da população humana e de muitas espécies animais. Não o digo por desejo de vingança. Só o constato. Faz parte da nossa história comum e precisamos poder falar sobre ela. De preferência por muito tempo. Vagantes e Ignorantes continuaram ainda durante muito anos a migrar para as comunidades existentes. As *Convivialis Civitas* estavam constantemente a criar novos grupos de aprendizagem. Basta olhar para as anotações daqueles que participaram no Conselho Interpolis nos anos a seguir ao regresso à Terra.

Mas surgiu nova tendência. Alguns grupos de aprendizagem decidiram estabelecer novas comunidades. Eles receberam o máximo de apoio possível nesse processo. Novas comunidades em Alkebulan e Abya Yala solicitaram ajuda para construir ramais de ligação para os eixos principais do VSA. O Conselho Interpolis encaminhava frequentemente solicitações do género, pois uma comunidade jovem podia estar a procura de técnicos e engenheiros para ajudar na construção desses ramais. Vinte anos após o desmantelamento de *Elysium* tais pedidos são muito menos frequentes."

O Avô continuou: "A minha avó era muito ativa, como ja referi. Tinha 87 anos quando foi mais uma vez abordada devido a crescente busca por 'aventuras' além da Terra. Faisal Chakma e Aldo Fox abordaram-na para que consultasse a sua rede de contactos ou os descendentes deles. Queriam trabalhar com sobreviventes na Terra, antigos residentes de *Elysium* e da comunidade lunar. Queriam partir pedra. Eles estavam a pensar

numa exploração espacial mais aprofundada. A minha avó obviamente já não desenvolvia matemática nova naquela idade. Contudo ela foi muito activa em ajudar a estabelecer os contactos necessárias com aquela comunidade especial que continuava a afirmar combinar uma matemática parcialmente terrestre com uma parcialmente não terrestre. A minha avó sempre admirou grandemente a proeza técnica de Aldo Fox e todas as mentes brilhantes da família Chakma. Ela encorajou Faisal a interagir com os matemáticos dessa comunidade e a atrair outros interessados. Como mencionei será a expedição do grupo de Wolfgang a colher os primeiros benefícios no próximo ano. Mas de acordo com o mesmo grupo muito mais está em andamento. Não discutiremos isso agora, porque posso ver a minha neta a ficar novamente inquieta por não estar a respeitar a cronologia."

"Bem, com tantas coisas interessantes é bem normal iniciar uma frase no passado e terminá-la no presente ou no futuro," disse o meu pai. "Catherine, querida, sempre podes cortar texto e reorganizá-lo quando começares a escrever!"

O avô riu. "Vou acalmar-te e dar algumas informações cronológicas agora. Em 121.60 a faleceu a amiga Sang da minha mãe. Na altura estavam ambas envolvidas no *Projeto Dinâmico Social Colectivo*.

Eu tinha 33 anos. Os nossos amigos Vanderlei, Raja, Despina e Hiroka, junto com a Avó Sara e eu estávamos a procura de novos projetos. Por enquanto não havia muito para fazer com as famílias que emigraram de *Elysium*. Já tinham chegado há muito tempo a Marte e às luas de Júpiter e tinham muito que

fazer. Só esperávamos de volta os engenheiros da Terra ainda estacionados em Marte daí alguns anos. Trocávamos ocasionalmente mensagens gravadas com Ganímedes. Uma conversa normal era irrealista devida à distância. Sabíamos que alguns engenheiros da Terra duvidavam se iam regressar ou não. O teu pai e a tua tia estavam num grupo de aprendizagem com Moana, Binh Pham, ambos um pouco mais velhos, e com Idrissa e Kaira. Sim Liberty, Kaira é a mãe do 'teu' Dulan.

Mas, como disse, estávamos à procura de projectos interessantes e pensámos ser uma boa ideia contribuir para a síntese do *Projeto Dinâmico Social Colectivo*.

Raja tinha um grande interesse pelas antigas regras económicas que as pessoas tinha vindo a adaptando há décadas depois de alguns hectanos sem grandes alterações. Sobretudo no hectano anterior ao Inverno Vulcânico o modelo capitalista transformou propriedade verdadeira cada vez mais em propriedade virtual, expressa em títulos, números de contas bancárias e valores gerados por computador. Raja interessava-se pela criatividade daqueles cujo único objetivo egoísta era enriquecer tentando repetidamente mostrar publicamente que possuíam mais do que antes.

Nós, por nossa vez, queríamos sobretudo procurar entender a força motriz por trás das acções humanas arrogantes desencadeando guerras e massacres. Presumimos que o mútuo massacre por posse talvez não passasse de uma espécie de extrapolação patológica de sinais menos mortais usados por predadores no reino animal relacionados a áreas de caça.

Segundo a maioria dos etólogos muitos predadores tendem a

proteger de intrusos da mesma espécie os locais onde normalmente procuram obter alimento.

Durante os últimos dois hectanos antes do Inverno Vulcânico, muitos etólogos debatiam frequentemente a existência de grupos sociais de animais com uma cultura local. Estes grupos chegam a se organizar para transmitir essa cultura às próximas gerações. Nem sempre era, e ainda não o é, exatamente claro como isso funciona. Às vezes parece que uma cultura local vincula indivíduos ao local. Também não está claro por que a agressão para os membros da mesma espécie, quando esses definem por exemplo pastagens e terras para criação de gado como sendo a sua propriedade, seguiria o mesmo o padrão de demonstração de um território alimentar. O urso macho não é proprietário do terreno que marcou e onde caça. Apenas avisa os seus semelhantes que está por perto e prefere ser deixado sozinho por indivíduos da mesma espécie talvez com a excepção de uma fêmea durante a época de acasalamento.

Existe essa necessidade biológica de machos e fêmeas se apresentarem uns aos outros. Temos etólogos e biólogos que continuam a debater a ação de animais “alfa” na luta pelas fêmeas, especialmente quando se trata de mamíferos a viver em rebanhos ou grupos sociais. Há quem argumenta que não se pode estabelecer uma ligação direta entre o impulso biológico para a transmissão sexual de material genético e a reunião por baixo de um “alfa” de grandes grupos de indivíduos humanos, principalmente do sexo masculino, que se encarregam de matar uns aos outros em nome de alguém ou de algo. Neste caso, não se trata de provar que se está geneticamente presente. Trata-se

de uma forma cultural de agressão em que se espera obter vantagem pessoal servindo a seja quem for a dizer ser o proprietário desta ou daquela área ou ser portador de poder ou da única fé verdadeira e proclamada. O teu pai identifica quem aja assim como os ajudantes dos *falastrões*.

A organização sistemática de actos de guerra entre reis e os seus vassalos, mais tarde entre reis e súbditos e ainda mais tarde, entre líderes eleitos com os seus seguidores, eleitores ou mercenários, está sempre ligada ao aspecto cultural humano de dar um valor absoluto ao que na sua origem era simplesmente um meio de troca, um pensamento ou uma forma de agir de um determinado grupo.

Alguns historiadores apontam para os perigos da historiografia clássica. Ela é quase sempre escrita por aqueles que viveram entre os vencedores. Para eles, os vencidos eram, naturalmente, os miseráveis que não mereciam nada mais do que ser forçados a trabalhar como escravos. Os mais bravos entre eles ainda tinham permissão para matar por diversão ou servir como assassinos de aluguer num exército privado. Despina frequentemente reitera que os investigadores em ciências humanas não pensam suficientemente *fora da caixa*.

Como sabem, pessoalmente gosto de usar a imagem de reflectir e agir a partir das margens e não a partir do mainstream.

Nas ciências humanas, as pessoas revisitam com frequência e de bom grado mitos do passado. Escritores fazem-no quando tomam emprestados os Ciclopes, Adamastor e o Mostrengo como metáforas uns dos outros. Mas os investigadores também o fazem. Por que é que Sigmund Freud usou o mito de Édipo

para explicar o vínculo de cariz sexuado entre as meninos e as suas mães? Por que usou Jung de seguida o mito de Electra para explicar o mesmo vínculo entre filhas e o pai?

Nos mitos gregos, Édipo e Electra não foram submetidos à psicanálise. Mas muitos séculos mais tarde esses mitos permaneceram às vezes abusivamente ligados à psicanálise designado como um ramo das ciências humanas.

Especialmente antes da Refundição, economistas, historiadores e todo tipo de interessados no desenvolvimento humano interpretavam frequentemente o conceito de evolução de forma diferente dos biólogos. Para os biólogos, a evolução era uma adaptação a uma ocorrência que podia ser externa ao ser vivo; recorrentemente a evolução significava uma progressão de pior para o melhor nas ciências humanas. Talvez fosse essa a cegueira dos ricos de *Bloomcamp*. Continuavam dogmaticamente convencidos de que o modelo capitalista levaria a humanidade de pior para melhor. É por isso que muitos se enfureciam tão facilmente com qualquer um que mesmo cautelosamente o questionasse.

Em grupos menores a empatia e o altruísmo eram muito mais evidentes de acontecer do que em grupos massivos. Já antes da Refundição e ainda mais hoje muitos historiadores tinham sérias dúvidas sobre massacres, guerras *primitivas* (aí está novamente a palavra) e grupos a atacar-se no Paleolítico.

Demorou muito para aceitar outra hipótese além daquela de que os sapiens exterminaram as mulheres e os homens de Neanderthal. Surgiu outra segundo a qual as populações Neanderthal podiam simplesmente ter-se fundido com os

Sapiens. Hoje sabemos que existe uma mitigação genética entre o que pode ser visto como duas subespécies de Homo Sapiens.
Entretanto é muito difícil de apagar da imaginação a história heráldica. Dos massacres paleolíticos aos massacres dos grandes impérios na Zona 1, às guerras globais de reis, imperadores e estados e, finalmente, às guerras com armas nucleares?
De pior para melhor?
Não estou a dizer que uma hipótese está errada e a outra está certa. Só estou a dizer que é melhor de não elaborar um dogma a partir de uma hipótese. O nosso grupo de *Descritores da simplicidade dos problemas* no qual Vanderlei era figura-chave frequentemente tentava ver as coisas de outra perspectiva. Queríamos ajudar a ver a árvore e não a floresta, ou seja, queríamos usar a expressão ao contrário. O período de transição de caçador-colector para a vida sedentária começou provavelmente com o início de grandes projetos de construção. Pode também ter significado a transição de bens usados para bens possuídos, que então precisavam ser protegidos. Mas o que sabemos realmente além de que foi um período de grande inquietação humana? Em que medida posse e proteção impostas ou não por quem começou a se arrogar o poder influenciaram o aumento da agressividade entre os humanos?
E falando na evolução da espécie. Pouco depois os escritores de mitos fizeram-se muito hábeis em explorar fenómenos naturais inexplicáveis. Enquanto muita coisa permanecia sem explicação não era muito difícil implementar até mesmo rituais violentos para 'apaziguar os deuses'. Provavelmente sempre tenha havido indivíduos a experimentar um prazer mórbido de testemunhar o

sofrimento alheio. Mas não foi a ignorância a principal motivação para rituais mortais para apaziguar espíritos invisíveis. Quando os espíritos perderam o seu status espiritual e e investigadores começaram com base em experimentação explicar muitos fenómenos como sendo natural, um grupo significativo de exorcistas já tinha alcançado um nível de topo na hierarquia. Este grupo tornou-se muito criativo na invenção de regras rígidas de seguimento obrigatório e na invenção de milagres. Faziam-no principalmente para continuar a explorar a ignorância que sempre garantiu o seu poder sobre os outros.

É nesse sentido que o grupo de *Descritores da simplicidade dos problemas* continuou a insistir para que a minha avó cooperasse na descrição de alguns princípios emergentes que se mostraram úteis na evolução do *Convivialis Civitas* como comunidades não agressivas em vez de procurar uma *Teoria de Tudo* para as ciências humanas.

Anos mais tarde li como um amigo de Catherine Demeester falou de Espaços Culturais Intermediários ao se referir ao local onde quem aprende se encontra com outros. Achei muito interessante esta ideia nos séculos XX e XXI de ver o espaço onde um grupo de aprendizagem se reune como um espaço de socialização. Se o grupo de aprendizagem não for um grupo escolar de instrução controlado por algum poder arrogante, então tal grupo pode servir de abrigo para EquivaGente que está a aprender a pensar de forma pluralista. É também um recurso para estimular entre si as crianças e a sua curiosidade. Para nós é claro hoje. Para os teus pais em criança cultivámos a ideia do espaço intermédio e também vimos os vossos próprios grupos a

ocorrer como num espaço intermédio de aprendizagens empáticas. Mesmo antes do Inverno Vulcânico, havia iniciativas locais nesse sentido. Hoje, sabemos um pouco de formas de trabalhar de alguns de nossos ancestrais que se ocupavam do ensino de crianças mesmo no mundo de poder e propriedade. Mas eu diria que a geração dos teus pais e a tua própria geração em quase todos os lugares de *Convivialis Civitas* puderam já colher ideias decorrentes das sínteses do *RecIN* relacionadas a grupos de aprendizagem. Empatia e preparar e degustar refeições em conjunto são duas características importantes do cosmopolitismo e da ética. Gradualmente, outros elementos emergiram. E o grupo *RecIN* pensou que poderia ser útil incorporar algum tipo de princípio."

A avó interrompeu o avô. "Antes de prosseguir, Lev. Zanaibu está cá com o parceiro e os filhos para passar parte do dia connosco."
"Então falaremos sobre os princípios emergentes mais tarde," concordou o Avô. "Bons amigos, entrem. Como estão? E que guloseimas gostosas trazem?"

Zanaibu entrou rindo e abraçou minha irmã. "Liberty, não sabia que te ia encontrar aqui. Fico feliz de te ver. Ouvi do Alberto que a tua irmã está a gravar conversas para o nosso projeto de saga, mas ainda não sabia que estavas envolvida nisso.
Lev, trouxemos legumes, ovos e queijo de cabra. Eu fiz o queijo. E visitei recentemente um desses criativos no lago perto do hub Fernando Pessoa. Experimentei algumas saladas novas. Se tiveres interessado… E estamos todos bem, obrigado. O meu companheiro aqui só ficou um pouco preocupado quando soube

que a nossa filha mais velha fará parte da equipa para Júpiter no ano que vem, mas Wolfgang garante que hoje em dia uma viagem dessas é muito segura."

Quando estávamos sentados à mesa, cerca de uma hora depois, o avô contou algo sobre nossas conversas e então referiu: "Zanaibu, estivamos a falar sobre os anos em que trabalhei com os teus pais, com os *Descritores da simplicidade dos problemas* e com a minha mãe. Não foi também a época na qual ex-moradores de *Elysium* e de descendentes de *Bloomcampers* se encontravam em casa dos teus pais ou de Abdul e Sana? Queres contar algo sobre isso? Ou tenho falar com Amadu?"

Zanaibu riu e disse: "Em que época estão… nos anos 60 do hectano passado por aí, não? Nem dez anos tinha eu então… Só sei que costumava brincar com Hachim, Dusan, Iris, Milo e a irmã dele. Se quiserem mais detalhes, provavelmente terão que falar com o meu pai. Como sabem, o meu pais ficaram em *Paraíso* quando a tua família viajou para a Lua. Tal como o teu pai, Lev, o Avô Denzel também nasceu em *Paraíso*. Mas o Avô Denzel falou-me dum hidroavião que a família dele trouxe quando se refugiu para *Paraíso*. Quem talvez sabia mais sobre isso era Kwame Zoungrana. Mas isto também sabes, Lev."

"O Kwame é da geração da tua avó Fernanda, Avô?" Perguntei.

Zanaibu respondeu em vez dele: "Certo. Simba anotou muitas das histórias de Kwame. Estão guardadas na Biblioteca Central. Talvez servem para a parte da saga que Lev e Maria estão a preparar. [Ver volume 11, *O Paraíso dos livros*]."

"Boa, falaremos sobre isso mais tarde, Lev. Mas também gostaria de ouvir o que tu te lembras daqueles momentos," disse a minha

mãe olhando para Zanaibu.
Esta virou-se para a amiga: “Lembro-me muito pouco. Lembro-me que os pais de Dusan, Kiril e Vesela tinham algumas dificuldades de adaptação à Bibliopolis, sobretudo no início. Às vezes pareciam ter algumas saudades de *Elysium*, sobretudo da comida embalada. Não porque era saborosa. Todos tinham histórias para contar acerca de comida insípida com aditivos para compensar esta falta de sabor. Não, tinham saudades por não ter que fazer nada para comer. Bastava aquecer um item embalado no micro-ondas. Cultivar os seus próprios vegetais, frutas e eventualmente manter uma pequena capoeira dá trabalho. Lembro-me pouco da mamã Ayala. Milo era rapidamente frequentador assíduo da casa dos pais de Hachim. Passava lá mais tempo do na casa dele porque a irmã morava com Abdul e Sana. Lembro-me de que mamã Ayala costumava lembrar Kiril como enquanto jovens eram frequentemente aterrorizados em festas em *Elysium*. Isso porque não usavam as roupas certas, ou não penteavam o cabelo segundo a moda, ou não diziam as palavras certas na hora certa. Às vezes implicavam com eles só porque querer implicar. E os adultos não ligavam muito. Ouvindo a mamã Ayala *Elysium* não era bem um lugar agradável durante a infância deles.
Lembro-me vagamente uma história do meu pai acerca de uma fuga de Vineland para Culturopolis. A fuga era da filha de um número Bloomberg de valor 11 pelo que foi bastante falado! Não me lembro exatamente como foi a história. Basicamente não queria mudar-se com os pais para *Elysium* e deixar a Terra entregue a si própria.”

Então o avô repetiu: "Anos depois, quando eu tinha dez anos, foi esse a maior discussão que algum vez tive com a minha avó. Ela queria muito ir à Lua, e eu não queria. A mim parecia que ela ia fazer exatamente o mesmo que os *Bloomcampers* fizeram uns 40 anos antes. Achei vos uns sortudos graças aos vossos pais. O teu pai e os pais da Idrissa não conseguiram ser convencidos a ir embora de *Paraíso*. Hoje entendo porquê. A tua família abdicou de quase toda a sua vida anterior para se instalar aqui. Se bem me lembro o teu antepassado Dakari Cheboi que trouxe a família com o tal hidravião para cá era uma figura importante em *Bloomcamp*. Os Zoungranas, por outro lado, descendem de quem iniciou a edificação de *Paraíso* no no início do hectano passado."

"Sim, eu sei. Também li o pouco que encontrei acerca da nossa própria árvore genealógica," continua Zanaibu. "Os nossos pais já concordavam plenamente não ser opção a vida com posses. Os meus pais, é claro tinham desenvolvido projetos enquanto crianças em que se chamava então os Grupos da Carta. Mas Kiril, Vesela, Abdul, Sana e a mãe Ayala eram jovens adultos quando entraram pela primeira vez em contato com um grupo de aprendizagem da Terra, durante o seu período de adaptação na Lua. Além disso, Milo e a sua irmã passaram por momentos bastante difíceis durante a infância e juventude pelo facto dos pais deles os terem deixado com pais adoptivos e simplesmente terem desaparecido para Marte. Milo até teve medo de ouvir falar deles depois da tua visita a Marte com Wolfgang, Liberty. Ele ficou feliz por ninguém de vós ter mencionado descendentes de Takis em Marte. Ele prefere nunca mais ouvir falar deles. Iris

fica mais tranquila em relação a isso. Mas ela sempre aceitou Abdul e Sana como seus pais biológicos.
Os adultos falavam mais frequentemente de *Elysium* do que de *Bloomcamp*. Às vezes mencionaram os gestores dos Fundos. Se bem entendi Liberty os descendentes são agora, cerca de cinquenta anos depois, os governantes de Marte. Dá-me arrepios, olha só."

A minha mãe pensou por um momento e então perguntou: "Os grupos de aprendizagem da qual fizeste parte não visitaram antigos proprietários aqui em *Paraíso* para tentar entender o significado de *possuir* e de *dígitos*? Quando me falaste disso foi como se uma espécie de videojogo me passou pela minha cabeça, geralmente com consequências dramáticas para aqueles que não possuem *dígitos*," riu. "Sei que me senti aliviado por os meus antepassados terem escapado a tempo da Megapoleis onde viviam, e por os meus avós terem encontrado os companheiros de viagem certos bem a tempo quando o meu pai nasceu... E, claro, estou muito feliz que eles também tenham entrado em contacto com a tua família. Foi assim que conheci Alberto mais tarde…"
A Avó Sara olhou para a minha mãe e disse: "Sim, aqueles grupos de aprendizagem com os quais nos também entrevistávamos outras pessoas eram muito interessantes. Até na Lua…"
Ela pisca o olho para Catherine. "E, aparentemente há quem continua a achar interessante entrevistar pessoas mais velhas…"
"Filhas mais novas ou mais velhas mas também netas, gostam fazer isso, diria," concordando eu com uma risada.

"Avô, podes contar-nos mais sobre os princípios que referiste? Entretanto estamos em…?"

"Estamos em 121.61. Lembro-me bem porque estávamos a pensar num 'presente' para a geração da minha mãe. Para ela seria até um presente de aniversário. Ela fazia 60 anos naquele ano. As coletâneas de experiências compiladas pelo grupo *RecIN* levou a mais sínteses. Sugeriam além do Princípio da Empatia e do Princípio da Refeição mais quatro princípios: o da Circulação, o da Partilha, o da Heterogeneidade e o da relação com o Ecossistema. Foram sobretudo Despina e Vanderlei a trabalhar nesses resumos. Raja continuava interessada em analisar os aspectos histórico-económicos e Hiroka esforçou-se ao máximo para manter os resumos simples bem ao gosto de Vanderlei.

Primeiro então o Princípio da Circulação. Poderíamos também chamá-lo o Princípio da Migração. Na altura os Vagantes e Ignorantes com mais de 70 ou 80 anos contavam ainda muitas histórias sobre como a circulação entre distritos era quase impedido por todo tipo de regras. A regra mais comum era ser simplesmente mandado de volta ao distrito de origem assim que os administradores encontrassem um motivo ou uma falácia. Quem não voltava corria o risco real de cair nas mãos de um líder de milícia arrogante nalgum lugar fora da Poleis.

Segundo Raja, isso devia-se principalmente a conceitos agora desatualizados como mercado de trabalho, empregador, empregado, patrão, escravo, opressor, oprimido. Com o desaparecimento da propriedade pessoal e com Princípio da Partilha que discutirei a seguir muitas estruturas tornaram -se obsoletos. As estruturas de controle, desde a época longínqua

em que os produtores tinham que dar parte de seus produtos àqueles que alegavam protegê-los até os sistemas tributários por vezes muito complexos desapareceram. Nos chamados regimes democráticos e dependendo do tipo de regime havia ainda estruturas de gestão da função pública, de gestão de bens públicos e a segurança social. Quando tudo isso começou a ruir, à medida que os ricos se protegiam e no fim fugiram para *Elysium* o controle de fronteiras como era imaginado por reis e ou líderes eleitos tornou-se cada vez mais inútil. Ultimamente só se defendia a posse nua e crua e muitas vezes por meios sangrentos na entrada dos Poleis. O grupo de história económica com o qual Raja colabora na seção de humanidades da Biblioteca Central possui muitos textos perturbadores.

O que tudo isso tem a ver com o Princípio da Circulação? Bem, até pouco antes do colapso total, por volta do Inverno Vulcânico, os habitantes das Poleis tinham que vender a sua força de trabalho para ter dinheiro e mais tarde *dígitos* para sobreviver. Com o pouco que recebiam havia quem tentava mudar-se para empregadores em outras locais quando estes pagavam melhores salários. Faziam viagens clandestinas ou secretas para outros lugares. Muitos levavam os filhos consigo. A proteção da Fronteira do Estado e mais tarde a proteção da Fronteira da Polis foram usadas em primeiro lugar para impedir esse movimento. Restrições contra os ricos eram raras, as contra os pobres eram mais que muitos. Manter os pobres na ignorância poderia ser uma maneira de mantê-los no mesmo lugar. Retratos de horror reais e imaginárias foram pintadas sobre o que poderia acontecer com alguém que se mudasse ilegalmente.

Hoje em dia não há ricos a viajar por razões de negócios e poucas pessoas viagem meramente por razões recreativas. Os EquivaGente das *Convivialis Civitas* vivem sem a pressão do tempo simplesmente porque não sentem a necessidade de acumular bens e porque todos estão acostumados a partilhar.
O impulso económico ou consumista artificial para viajar desapareceu.
O Princípio da Circulação estabelece que qualquer pessoa que queira fazê-lo desloca-se sem problemas. A migração normalmente te a ver com um qualquer projeto que interessa uma qualquer pessoa. Todos podem simplesmente usar os meios semiautomáticos de transporte em terra e no mar. É talvez engraçado de constatar que devido ao desaparecimento do '*tempo é dinheiro*' no planeta Terra quase ninguém voa. As conexões VSA Leste-Oeste são feitas por *Embarcação Vela-solar.* Quase toda a aeronáutica foi convertida para as viagens espaciais desde a viragem do hectano 121 para 122 quando o interesse em viagens espaciais para locais mais distantes começou a crescer rapidamente. Continua a haver muitos a praticar voos pelo prazer de voar em todo tipo de aparelhos sem motor de combustão interna.
Resumindo: é um pouco paradoxal. Ao eliminar a pressão de viajar, seja por trabalho seja por lazer às vezes meramente consumista, hoje qualquer pessoa que queira pode ir onde bem entender. Um dia desses, falarei sobre Dusan e Lupe."
"Os pais da Nadia?" perguntou Liberty.
"E a sua irmã gémea, sim."

Interrompi-os. "Não comecem novamente a misturar o

passado com o presente. Em 121.61 Lupe tinha seis ou sete anos, certo? Segundo Nadia, os avós ainda moravam em Arqueopolis e só se mudaram para Bibliopolis dois anos depois."
O avô riu-se. "Ok, ok, o Princípio da Partilha. Mas antes mais uma coisa. Entendes que os princípios estão fortemente interligados. Isso deve-se principalmente porque eles baseiam-se nas experiências globais de um grande grupo de pessoas recolhidos pelo grupo *RecIN*. Os antropogogos sugeriram fazer um princípio do preparar e comer em conjunto das refeições um quando reconhecerem a sua omni-presença histórica e social. Mostrava na prática como Ignorantes, Vagantes e quem se tornou Arrogante devido a sua ignorância ou seu poder pertencem todos à mesma espécie humana.
É por isso que algumas pessoas associam o Princípio da Partilha ao Princípio da Refeição. As ações subjacentes são reconhecíveis. Grupos de pessoas trazem elementos para o todo seja por combinação prévia ou não. Trata-se de partilhar, não de trocar. Não se trata de dar em troca. Simplesmente trago algo. Partilhamos utensílios e saber e usamos as matérias primas que trouxemos para o projeto no qual estamos a trabalhar.
Isto é a parte essencial. A troca leva facilmente à atribuição de valor para garantir trocas 'justas'. A atribuição de valor - algo sempre subjectivo - leva a uma unidade de referência, mais recentemente na história sob a forma de dinheiro. Quando partilhamos juntos, não há necessidade de atribuição de valor. Não estamos interessados em comparar bens. Contribuímos para o resultado final com o que temos disponível com objectos e competências. Fazemo-lo enquanto engenheiro, investigador,

geólogo, mineiro, químico, médico, e assim por diante. Fazemo-lo enquanto comunidade. Poderíamos quase falar de uma ligação estrutural entre o Princípio da Refeição e o Princípio da Partilha. O Princípio da Refeição esclarece o Princípio da Partilha que se consolidou em todas as atividades da rede de *Convivialis Civitas* durante a Refundição. Baseamo-nos no Princípio da Partilha para reunir o que precisamos para um projeto pessoal ou de grupo, e não temos interesse em fornecer a nós mesmos o que não precisamos apenas porque queremos ter algo. A posse é inútil quando a troca é inútil. Repito. Não tem sentido dispor pessoalmente do que não precisamos para os nossos projetos, incluindo a forma como queremos viver as nossas vidas pessoais. A não necessidade de troca significa que hoje sabemos e concordamos que nada no planeta precisa de ser possuído. É usado ou processado com base em mútuo acordo. A partilha é simples a nível local. Todos os bens duráveis como as casas por exemplo, são para uso temporário. Todos podem fazer acordos entre si para mudar de casa com base na necessidade, por querer mais ou menos espaço, ou por qualquer outro motivo. Em checo dizia-se *Kulový blesk* a este tipo de mudanças de casa em cadeia quando viviam numa estranha sociedade de tipo 2 no hectano 119. No caso deles, sim, estavam constantemente a trocar porque ninguém dispunha de dinheiro para comprar e vender e pagar impostos.

As *Convivialis Civitas* disponibilizam hoje várias casas de hóspedes e também mantém uma pequena reserva de casas vagas. Cada comunidade dispõe de projetos automatizados para a produção local de alimentos básicos. Os campos de cultivo

autónomos também realizam entregas. Um pacote básico de produtos difíceis de cultivar sozinho, como é o caso para cereais, é entregue semanalmente a cada casa habitada através da rede GAT-ETV. Rapidamente havia a possibilidade de adaptar esse pacote a desejos pessoais. Mas não existe uma única matéria-prima, objeto ou ideia à qual a comunidade atribua um valor monetário comparativo. Tudo pode ser simplesmente partilhado. No início quando procurámos descrever o Princípio da Partilha, algumas pessoas pensaram que seria difícil explicar a diferença entre troca e partilha em grupos de aprendizagem. Contudo foi impressionante *simples* para usar a palavra de eleição de Vanderlei."

"Ótimo, então e o Princípio da Heterogeneidade?" continuei.

"Heterogeneidade. Os cosmólogos falam do aumento da entropia no universo e equiparam-na à homogeneização do universo. É uma imagem. Na nossa humilde Terra a rede de *Convivialis Civitas* tenta garantir que aprendemos a apreciar a heterogeneidade entre os seres vivos. Os exemplos incluídos no nosso Princípio da Empatia mostraram por um lado como a democracia representativa rapidamente falha quando se baseia unicamente nas decisões de uma maioria cada vez mais arrogantemente. Mostrou por outro lado que se dispor de tempo suficiente faz-se bem o trabalho de coordenação a partir de uma rede global consultiva bem estabelecida. Desde a Refundição, muitas novas *Convivialis Civitas* surgiram e ajudaram frequentemente comunidades já existentes a se desenvolver mais. Pensa-se ser possível encontrar em qualquer comunidade o ponto equilíbrio entre o tamanho do grupo e a sua

heterogeneidade interna para reduzir até perto de zero o número de tarefas necessárias encomendados para garantir o bem-estar dessa mesma comunidade. Para tal os grupos de aprendizagem abraçam a heterogeneidade. Logo, há uma relação entre o Princípio da Empatia, o Princípio da Heterogeneidade e o Princípio da Cooperação de que falarei mais tarde. Os antropogogos já o tinham observado mas agora muitos outros vêm-no facilmente. Quanto maior a heterogeneidade em todos os aspectos da diversidade genética de nossa espécie numa determinada comunidade ou grupo de comunidades, mais fácil se torna desenvolver plenamente os Princípios de Cooperação e de Partilha. Imediatamente a vida de tal comunidade torna-se mais agradável e convivial. Passou a ser desejo humano na Terra de hoje de respeitar na educação a heterogeneidade naturalmente existente entre os seres da mesma espécie. Isso está diametralmente oposto ao impulso culturalmente incentivado para alcançar a homogeneidade por aqueles que querem tornar o mesmo para todos os que dizem ser os seus súbditos o estado, a raça, o dogma, o mito, ou qualquer outro elemento único e portanto reductor através de uma instrução programada que também é feita igual para todos. Antes da Refundição quem se recusava homogeneizar era considerado um perdedor e às vezes um perigoso agitador… Peço desculpas por essa avaliação negativa de certos fenómenos do final do hectano 120 que acabaram para provocar sofrimento na minha avó."

"Talvez podes encerrar esta parte da nossa conversa explicando porque se derivou um Princípio de Ecossistema a partir das

observações feitas pelo grupos *RecIN,*" sugeriu meu pai.
"Ótimo," disse o avô. "Este princípio pode ser simplesmente uma consequência de todos os comportamentos observados ao longo dos anos. A mina mãe gostou muito dele mais uma vez porque é bastante *simples*.
Vejam bem. Surge tendo como base o Princípio da Empatia e o respeito perante os Vagantes Ignorantes que sobreviveram ao Inverno Vulcânico e iniciaram connosco a Fase de Refundição.
Decidimos colectivamente não interferir na caça e na pesca. Numa comunidade onde ninguém quer possuir ou vender, os riscos de pesca exagerada ou de abusos na caça desapareceram rapidamente. Além demais a maioria das pessoas optou por viver numa *Convivialis Civitas* acordando não recorrer a armas de fogo para caçar. Gradualmente desapareceu a necessidade de exibir trofeus de caça ou pesca devido aos grupos de aprendizagem. Tem outra vez a ver com o Princípio da Partilha. Porquê manter coisas que não servem para senão neste caso para um projecto de taxidermia por exemplo. Isso melhorou rapidamente o equilíbrio ecológico dentro da zona habitável.
Para objectivos de consumo continuamos a criar carne a partir de tecido muscular animal em pequenos centros de criação automatizados. Percebeu-se como antes do Inverno Vulcânico a manutenção de enormes rebanhos de gado era um problema ecológico. Na altura novas pastagens frequentemente resultavam em desflorestação. Estas dificuldades estão hoje ultrapassados.
O meio de transporte individual é a bicicleta ou a bicicleta elétrica partilhada. Não hé necessidade em manter sistemas próprias de

uma economia de mercado baseada em capital. A demanda por energia é ainda menor do que no tempo das Megapoleis com distritos fechados. Além disso, na Terra a produção é hoje quase inteiramente baseada em energia solar e eólica, simplesmente porque não existem mais do que resíduos de combustíveis fósseis.
Idealizar máquinas para tornar as nossas *Convivialis Civitas* ambientes de vida duradouros e agradáveis impulsionam muitos novos projetos. A inteligência humana biológica e a inteligência electrónica ou artificial podemos trabalhar em harmonia. Os sistemas automatizados testados e confiáveis fizeram com que cada comunidade dispõe da sua frota de Veículos de Transporte Elétricos (ETVs). É um bom exemplo. Existem esquemas de montagem centralizadas e automatizadas para os Comboios Urbanos Automáticos (GUAs), os ETVs e os VSAs. A manutenção é por regra executado localmente sob supervisão robótica.
No geral tornou-se bastante fácil incorporar a interação entre o local de vida e os seres vivos no Princípio de Ecossistema. No início da Refundição, os etólogos frequentemente auxiliavam no processo. Muitas pessoas estavam mais habituados a antigas explicações antropomórficas para o comportamento de plantas e animais. Na altura os etólogos ajudaram para eliminar quaisquer conclusões precipitadas e prejudiciais.
Acho importante ressaltar que mesmo após a Refundição a população mundial continua estável em cerca de três bilhões de indivíduos.
Peço desculpas, Catherine, estou constantemente a relacionar passado, o presente e talvez até o futuro. Pode se talvez dizer que o Princípio de Ecossistema é uma espécie de corolário da

observação de que a destruição generalizada de ecossistemas deve-se sobretudo à sobrepopulação e à fácil propagação de doenças pandémicas que resultou dela.
Hoje sabemos ter assistido a actos assassinos de psicopatas cegos pelo desejo de possuir, razão pela qual destruíram completamente certas regiões. Mas os riscos inerentes à concentração e a sobrepopulação de uma única espécie num só lugar continuam a ser avisos da natureza…"

Houve silêncio por algum tempo. "Seis princípios…" concluiu Liberty. "Mas nós falamos frequentemente dos nove princípios de *Convivialis Civitas*."
"Espera só um pouco", riu o avô, "ou a tua irmã vai baralhar-se novamente com a cronologia… Os outros três só foram formulados alguns anos depois."

A tia Olívia disse: "Pai, falaste há pouco de uma tentativa de uma espécie de presente de aniversário para o grupo *RecIN* e avó. Era dessas sínteses que falavas? De uma nova utopia?
Faz lembrar a interpretação ignarométrica dos modelos sociais. Nesses modelos costumavam usar a palavra utopia. Um dia, estávamos a passear no Central Park. Eu tinha uns treze ou quatorze anos na época, logo Alberto devia ter uns dez. Ele observava um bando de pássaros voando e pousando repetidamente porque era seguido por um menino a correr. Disse: *'Olha aquele menino, que bela maneira de nos explicar a essência da utopia.'* A Avó Emmy fitou-o com surpresa e disse que uma utopia é de facto algo em direção ao qual caminhamos sem nunca realmente a alcançar.
Mas talvez a avó queria mesmo algo possível de alcançar, razão

pela qual se apegou à ideia de uma *Teoria de Tudo* nas ciências humanos. Talvez sonhava em definir em absoluto onde e como desenvolver os princípios para uma *Convivialis Civitas*. Queria ela usar equações matemáticas para alcançar a previsibilidade na estrutura ignarométrica?"

Surpreso, o avô ergueu os olhos: "Isso agora! Nunca me tinha ocorrido este pensamento. Vejam bem, a minha mãe tinha uma enorme admiração pela minha avó Fernanda e pela matemática que tinha desenvolvido. Claro que sabia da sua mãe que os físicos teóricos ainda buscavam uma *Teoria do Tudo* conclusiva para interligar todas as forças naturais. Sabia como continuava a escapar-nos a matemática para o fazer talvez devido à forma como foi formalizada pelos humanos na Terra.

Deixe-me fazer uma extrapolação não inteiramente correcta. Vejam-na como uma imagem. Talvez o princípio da incerteza que Heisenberg concebeu para a mecânica quântica aquando da observação da natureza esteja igualmente ou até ainda mais presente nas ciências humanas."

"A mãe dela era a tua avó Fernanda. Ela ainda era viva? Devia ser já muito velha?" perguntei.

"Fugiu muitas vezes durante a sua vida, mas viveu até os 95 anos. Quando faleceu a sua irmã gémea, a minha tia-avó Joana, recebeu mensagens de condolências de muitas *Convivialis Civitas* incluindo de todas as bases lunares. A tia-avó tinha perdido o marido Elton um ano antes e estava a passar por momentos muito difíceis.

Algumas semanas após da morte da minha avó chegou uma nave espacial de Ganímedes. A primeira mensagem causou

surpresa geral. Soubemos então que todos os engenheiros da Terra que ainda moravam lá queriam lá ficar. A segunda mensagem teria sido para minha avó. Seja como for, encantou toda a sua família de 'descendentes' matemáticos. O piloto da nave explicou que a propulsão TWIST originando as Bolhas-Espaciais Rovelli estava de facto totalmente operacionais. Mais uma vez fez ressurgir o interesse pela matemática e pela física. Houve um renovado entusiasmo entre os jovens investigadores para se voltar às propriedades ainda um tanto misteriosos do '*anyon*'. Suspeitaram que um novo avanço nesse campo também poderia beneficiar as máquinas de Habermas graças ao processamento quântico aprimorado.
Só para saberem. Uns meses depois, a tia-avó Joana faleceu pouco depois de completar 96 anos."

"Li algures, Avó, que dedicavas muito tempo à antropogogia, especialmente à pedagogia. O pai fazia parte dum grupo de aprendizagem onde acompanhavas alguns projectos, certo?"
"Sim, mas na verdade o meu interesse tinha também a ver com uma outra ideia da minha sogra. Emmy costumava ler histórias para as crianças nos grupos de aprendizagem. Ela achava que os livros infantis impressos em papel tinham imagens muito mais cativantes do que os fac-símiles eletrónicos de que costumávamos dispor. Livros infantis impressos em papel eram bastante raros. Normalmente, só havia nas bibliotecas das *Civitas*. E algumas bibliotecas tinham um acervo muito limitado. Emmy conversava acerca do assunto com um grupo de pedagogos, incluindo nomes como Meava Southpath, Delun Huáng e Miguel Márquez. Miguel ficou imediatamente

entusiasmado com a ideia de reimprimir livros infantis e começou a procurar ilustradores dispostos a fazer adaptações ou criar e desenhar novas ilustrações que cativassem as crianças. Foi por isso que abordamos Paula Pax. Além disso ela tinha muitas ideias originais para novos livros infantis. Ela estava ansiosa para incorporar os princípios orientadores das *Civitas* nas histórias infantis para que pudessem ser usados por grupos de aprendizagem e leitores. Logo, contactamos o Conselho Interpolis para saber se existia papel disponível e se havia gráficas interessadas para participar no nosso projeto de livros infantis. Definimos a nossa autonomia e alguns meses depois sabíamos quais livros e idiomas abordaríamos. Concordamos onde guardar originais com novos desenhos e como as bibliotecas poderiam ter acesso as edições em papel. Estávamos a trabalhar arduamente para o enriquecimento da literatura infantil. Mas fez nos perceber pela primeira vez que cópias impressas de livros continuavam a ter um grande significado cultural para adultos também. Não podíamos apenas focar na disseminação digital de documentos. No Conselho Interpolis começamos a ver como administrar cuidadosamente as reservas de papel…" disse a avó.

O avô retomou: "Penso que foi nessa época que conheci Chaytan. Conversamos sobre o conhecimento do cientista e o conhecimento do artesão. Tínhamos uma ideia no Conselho Interpolis para criar uma espécie de estrutura não vinculativa para projetos educacionais com crianças pequenas. Chaytan é um artesão de grande categoria. Quando o conheci ele fabricava móveis e utensílios. Hoje, está mais envolvido com crianças.

Juntos — ou seja Chaytan, Emmy, os pais Zoungrana e Cheboi, e eu — perguntamos se havia um espaço disponível no departamento de humanidades aqui na Biblioteca Central de Bibliopolis para trabalhar com antropogogos locais e comunicar com outros oriundos de outras *Convivialis Civitas* para pegar nessa ideia. Sem o saber lançamos as bases da *CIA*, a *Comunidade Interpolis de Antropogogos*.

O pai levantou os olhos. "Foi nesse ano que conheci a Maria. Ela passou a integrar o nosso grupo com Moana, Kylie, Binh Pham, Idrissa e Kaira."

"Sim, conheci o teu sogro porque tinha conhecido a tua sogra Kate depois de uma conversa com o pai dela, o Aldo. Eu tinha acabado de ler os diários da minha avó. A leitura deu-me a impressão de que a família Fox tinha uma antiga ligação com a minha. A minha avó pensava ter sido bisavô de Kate que acabou de convencer o meu bisavô de deixar Megalissipo e ir para *Paraíso*. Estamos a tentar encontrar mais informações sobre isso hoje na Biblioteca Paulo Demeester. Mas tenho dúvidas se encontraremos algo aí. Apenas temos a parte da biblioteca que foi protegida na altura. Tudo o que existia posteriormente a isso foi provavelmente incendiado. A única coisa que sabemos com certeza é que a família Fox veio de Megalissipo para cá. Mas talvez eles não têm Megalissipo como origem.

Pelo contrário Chaytan sabe um pouco da história da família Liber, anteriormente FujiLebre. Eles são originários da MegaBelgium no noroeste de Erebúm. Encontramos vestígios da sua viagem, provavelmente escritos pelo seu avô Piet e que romantizamos um pouco no volume *O Paraíso dos Livros*. Esta

volume vai bem, se não me engano. Vi o plano geral de escrita há pouco tempo. Sei que dalgumas épocas já estão escritas esboços já possíveis de ler."

"Entretanto a minha mãe continuava a pensar na sua *Teoria do Tudo*. Tentamos fazê-la ver não precisar dela. Com a análise sociológica ignarométrica, tínhamos uma boa estrutura para analisar modelos. Os encontros com outros antropogogos e interessados foram muito produtivos nesse sentido. Mencionei termos lançados as bases para a *CIA*. Os nomes e os textos antigos de Ferrer, Vygotsky, Dewey, Chomsky, Freinet, Freire, Oury, Macedo e alguns outros deram nos uma sólida base para a abordagem construtivista dos grupos de aprendizagem. Os princípios que trabalhámos com os grupos *RecIN* visavam precisamente evitar que ficássemos presos a formas de pensar que tenderiam mais para um trabalho de instrução do que para o trabalho dialógico. A chegada ao grupo de Vesela Morshov, a mãe de Dusan deixou nos muito feliz," conclui Lev.

"Por que então solicitaste um espaço na Biblioteca Central?" perguntei.
A avó Sara disse: "Isso parecia-nos algo de óbvio, *simples,* diria Vanderlei. Já se tinham passado vinte cinco anos desde o nosso regresso à Terra depois do Inverno Vulcânico. O número de EquivaGente nascido depois do Inverno Vulcânico e não o tendo vivido estava a aumentar. Temos abundantes fontes históricas e também desde então aprendemos com outros antropogogos como tender para a superficialidade é um fenómeno humano constante. Observe os períodos pós-guerra, antes da Refundição e como aqueles em busca de poder e posses apagavam as boas

intenções em menos de uma geração.
Nós construímos uma sociedade sem dinheiro a partir da rede dos *Convivialis Civitas*. Os Princípios da Refeição e da Empatia pareciam bem estabelecidos, mas estávamos muito atentos.
Havia muitos grupos com os quais tínhamos pouco ou nenhum contacto. Sabíamos da existência das comunidades do tipo 2 economicamente influenciadas pelas ideias pós-bregmanianas. Elas usavam sistemas de troca definidas dentro de sua comunidade. Sentimos que era importante dialogar com elas. O nosso objetivo não era convencê-las para fazer como nós fazíamos. Queríamos simplesmente explicar como a rede de *Convivialis Civitas* foi criada e como funcionava. Também queríamos nos oferecer para orientar grupos de aprendizagem com crianças da forma mais abrangente que possível.
Não te esqueces termos aprendido muito com as crianças e os adolescentes que vieram para a Terra depois de deixar *Elysium*. As experiências com adultos foram igualmente importantes. Famílias como Kiril e Vesela, a mãe Ayala e os pais de Hachim são bons exemplos disso.
Tínhamos o *Projeto Dinâmico Social Colectivo* e o grupo *RecIN* tendo absorvido os grupos Freire e Illich. Com a actividade contínua do Conselho Interpolis houve um acordo claro e simples para recorrer a comités *ad hoc* sempre que necessário. Todas os novos Comités *Ad Hoc* continuam hoje a ser apresentadas em todos os *Convivialis Civitas* e estão igualmente abertas a todos os EquivaGente. Esta foi e é a garantia para alcançar a tomada de decisões pluralista no dia a dia. Desde o início estávamos cientes de que se trata de um processo lento de

tomada de decisão. Encontramos o fio condutor com os guiadores de crianças e a maneira como queríamos envolver continuamente os adultos nas decisões que os interessavam. Mais tarde, encontrámos os documentos de Paulo Demeester organizados por Greta Campos. Estes incluíam cartas entre John Demeester e Marta Lacour, e entre Paulo Demeester e Claude e Josseline Azuará, que nos ajudaram ainda mais. Numa dessas cartas, Claude escreveu: *'Os meus alunos são adultos e entendem a sua responsabilidade de orientar os alunos de Josseline. Estes por sua vez sabem que é da sua responsabilidade orientar os meus alunos nessa tarefa e, portanto, também apontar os seus erros. Essa análise de erros faz parte da agenda dos Conselhos conjuntos entre turmas'*. Isso encaixava-se bem num modelo institucional antropogógico. Os orientadores de crianças em formação organizavam Conselhos nos quais analisavam seu próprio trabalho e outros com as próprias crianças. Hoje, nos referimos a Conselhos de grupo em vez de Conselhos de classe ou de turma, porque deixámos de usar estes termos quando nos referirmos a grupos de aprendizagem com crianças.

Achamos que seria interessante desenvolver uma proposta para quem gosta apoiar crianças e seus projetos de aprendizagem. Dialogar entre nós acerca de um quadro de referência é essencialmente o trabalho da *CIA*. Queremos que a arte de aprender, a matética, continue a ser uma atividade a dar prazer sem ser uma atividade demasiada leve. Aprender envolve uma certa dose de tensão. Aprender costuma ser doloroso às vezes, mas não pode ser doloroso ao ponto de levar as crianças a abandonarem as suas experiências, os seus projectos, a sua

aprendizagem. E queremos tentar transmitir isso às gerações futuras de *Convivialis Civitas*. As coisas parecem estar bem encaminhadas, mas precisamos de ter a certeza de que podemos lidar juntos com as dificuldades que surgem. Queremos evitar de cair em soluções fáceis. A mais perigosa é certamente a afirmação '*Eu resolvo-te isso*'. Precisamos de ser capazes de ter um diálogo tranquilo sobre o que surge. Não condenamos quem resolve para outros, mas na rede de *Convivialis Civitas* não um tal solução não é útil. Mais uma vez, parece-me que isso será muito importante nas próximas duas ou três gerações. As vantagens da sociedade sem dinheiro, com toda a ajuda que recebemos da inteligência electrónica, são obviamente claras para quem se organiza para viver assim. Preferimos não proibir, mas se quisermos evitar hierarquias como as que os Marcianos estão a instalar entre eles por exemplo, é crucial que continuemos a moldar o nosso próprio modelo de grupos de aprendizagem. Deixe as crianças raciocinarem sobre soluções sem apresentá-las como um facto consumado. É por isso que valorizamos a ideia daqueles cientistas que defendem que trabalhar com crianças significa deixá-las experimentar e discutir juntas."

Entretanto, dizia, percebi que estamos gradualmente a passar da geração dos meus avós para a dos meus pais. O Avô Lev perguntou se era uma dica para pararmos com as conversas com ele e passarmos as gravações para os meus pais. Corei.
"De forma nenhum, Avô. O meu principal objetivo é de ouvir toda a vossa experiência sobre o período que chamamos de Refundição."

O meu avô disse então: “Os anos da Refundição. Não estão definidos com precisão é claro. Há quem diz que a Refundição durará até haver acordo geral para o *Projeto Dinâmico Social Colectivo* tendo princípios subjacentes como diretriz.
Se aplicarmos esse critério, poderíamos dizer que a Refundição nunca terminará, precisamente porque o *Projeto Social Coletivo* é dinâmico. Ficamos sempre colectivamente felizes quando recebemos solicitações no Conselho Interpolis para entrar em diálogo sobre algum aspecto dos princípios ou quando surge uma solicitação para um novo comité *ad hoc*, e assim por diante. Mesmo assim alguns EquivaGente sugerem datas mais precisos para o início e o fim do Período de Refundição. A data de fim frequentemente corresponde ao momento em que comunidades permanentes se tornaram possíveis acima e abaixo dos trópicos. A primeiro que conhecemos data de 121.85. Isso significaria quarenta anos de Refundição se considerarmos o regresso dos refugiados dos Três Lugares à Terra como a data inicial para o período.”
“Refugiados?” Vi a pergunta no rosto da minha irmã.
“Sim, refugiados. Os então três maiores sítios para os *Livros Ambulantes* eram geralmente chamados os Três Lugares na época. Para muitos moradores eram locais de refúgio da qual alguns fugiam novamente. Os habitantes originais dos três lugares ainda vivos em 121.39 e seus descendentes sentiam que alguns dos antigos habitantes de Poleis estavam demasiado assustados com o Inverno Vulcânico. Visto em retrospectiva podemos talvez concordar com eles até certo ponto. Com exceção de algumas inundações em Pérola Brilhante, os Três

Lugares não foram afectados pelo Inverno Vulcânico. Mas, como foi claramente observado por satélites meteorológicos e a partir da Lua, uma grande parte do planeta passou a estar coberta por uma espessa camada de gelo e poeira. Voltarei a isso.

Gostaria ainda referir que alguns antropogogos encerram o período de Refundição com o ano da morte da minha mãe. Eu pessoalmente discordo e acho que minha mãe não aceitaria tal honra. Ela simplesmente disse que o período de que mais gostou foi o período do *RecIN* e de desenvolver modelos de trabalho junto com sua amiga Sang e com participantes de outros *Convivialis Civitas*.

Mas voltando ao Inverno Vulcânico. Como penso já ter dito havia pessoas como a família Quispe que não conseguiram ficar estes anos todos na Lua. Tala e Aiyana disseram que estavam cansadas do céu lunar. Se a escolha se limitasse a um céu cinza empoeirado *com* ar e um céu negro profundo *sem* ar, eles preferiram o cinzento empoeirado. Regressaram à Terra em 121.42 e por razões logísticas, acabaram em *Paraíso* e não em *Última Rosa*. Ahanu começou a trabalhar com a mãe como geólogo. Continua a fazer a monitorização da atividade vulcânica entre os Trópicos de Alkebulan. Essa atividade tem sido muito baixa nas últimas décadas. O filho Aylen começou depois a acompanhar o pai. Eles realizam atualmente perfurações de núcleos de gelo para descobrir a quantidade de gelo e poeira acumulada em certos lugares. Depois da linha VSA Norte-Sul atravessar todo o continente de Alkebulan, ele foi várias vezes até as costas congeladas do antigo Mar Mediterrâneo, nas bordas setentrionais do continente.

Sobretudo no oeste algumas áreas mostravam indícios de degelo a partir do ano 121.73. É uma hipótese viável que inúmeras rachas no manto terrestre tendo primeiro causado a atividade vulcânica incomum em algumas partes do mundo estavam agora a se encher de lava. O grupo de geólogos no qual Ahanu coopera presume que o risco de novas erupções hoje se enquadra nos parâmetros usuais que conhecemos dos dados de atividade vulcânica. A perda de parte deles e de outros estudos científicos durante as perigosas tempestades electromagnéticas estava ainda a ser inventariado."

"Eles eram realmente tão perigosos?" perguntei.

Liberty olhou um pouco surpresa para mim. "Mas mana…" começou.

Referi saber pouco sobre o cosmos, magnetismo, planetas, radiação solar e esse tipo de cenas.

O avô explicou: "O magnetismo da Terra foi severamente perturbado há cerca de cinquenta anos. O polo sul magnético então identificado como o polo norte geomagnético estava há milhares de anos localizado próximo ao polo norte geográfico. Começou a deslocar-se rapidamente para noroeste durante o período de mineração profunda. Durante essa mudança foi observada uma diminuição acelerada na intensidade magnética constituindo o problema maior. O magnetismo da Terra é na sua essência um campo dipolar e sabemos que tal diminuição ocorre quando uma reversão do campo está prestes a ocorrer. O que temíamos finalmente aconteceu. A forte diminuição intensificado pela acção humana entre o final do 120º hectano e os trinta primeiros anos do hectano 121 aumentou muito o

efeito destrutivo do vento solar sobre os equipamentos eletromagnéticos. De acordo com os antigos moradores de *Elysium* milícias com grande infraestrutura militar e alguns *Cou-Clib-Clans* específicos contribuíram severamente com ataques eletromagnéticos artificiais.

Sabemos entretanto que está a ocorrer uma reversão um pouco mais rápido do que tínhamos previsto embora em termos estatísticas não se possa dizer se trate de uma anomalia. De acordo com os modelos de que dispúnhamos ha muito tal reversão ocorre mais ou menos a cada meio milhão de anos. Na véspera do Inverno Vulcânico contávamos aproximadamente 780.000 desde a última reversão. Tudo o que podemos fazer até a reversão terminar é ajustar as nossas bússolas. Observamos continuamente como ela causa picos de vento solar. Ela pode desencadear repentinas mutações biológicas perigosas em todos os seres vivos. Felizmente conseguimos fazer bom uso do legado dos escudos electrónicos da era *Bloomcamp* para nos proteger. Certamente haverá interesse na biologia evolutiva durante mais gerações futuras, Liberty do que todas que houve desde o advento de Homo Sapiens. Sei quanto te interessas por vários aspectos das ciências biológicas, tens os teus projectos futuros assegurados…"

Os presentes riram-se.

"Para o que diz respeito a nossa saga Catherine talvez seja suficiente saberes que as tempestades eletromagnéticas naturais causaram danos consideráveis devido ao reforço artificial pouco antes do Inverno Vulcânico. Não apenas perderam-se papeis o desprotegidos. Não estou a dizer que tudo o que estava

armazenado em formato digital foi destruído. Existe muita coisa na Lua que já estava protegido e há as Bibliotecas Centrais. Os optimistas dizem que nas próximas décadas escavaremos mais sítios escondidos e protegidos, como foi o caso com a Biblioteca Paulo Demeester e alguns outros, e assim recuperaremos mais do conhecimento humano e da criatividade artística humana."

A avó Sara interrompeu novamente: "O que talvez te interesse para a pequena história é que o Alberto fez entretanto 20 anos e os teus pais praticamente moravam juntos. Digo praticamente porque, até encontrarem uma casa própria adequada, moravam alternadamente partes do tempo connosco e em casa de Chaytan e Kate. Desde então é que a tua mãe se interessa principalmente por filologia e história linguística. O teu pai interessava-se na altura por certos aspectos da história. Ele juntou tudo o que pôde encontrar acerca da influência de mitos e dogmas sobre o comportamento das pessoas antes da Refundição. Pouco depois, dedicou-se mais permanentemente à *CIA*. A tua bisavó Emmy contribuiu significativamente para isso."

O meu pai completou: "Querida, talvez isto te interessa. Naquela época, queria principalmente perceber como tinha funcionado aquele dogma mundial de crença no dinheiro. Isso devia-se sobretudo a alguns vizinhos especialistas em Harari e porque Raja não descansava enquanto não me fez ler o que Bregman escreveu, *Utopia para realistas* incluído. O livro original tinha como título *Dinheiro grátis para todos [Gratis geld voor iedereen]*. Por que não pensou em escrever *Já não existe dinheiro para ninguém*… Segundo Vanderlei essa opção não era tão *simples*. Até a estranha tradução do título faz-nos pensar.

Para mim, nascido e criado em Bibliopolis, foi uma escolha muito ambivalente. Mas tentei aprender mais com Kiril e Vesela e outros descendentes de antigos *Elysianos* sobre dinheiro e os gestores dos Fundos. Porque os gestores dos Fundos eram hoje os líderes de Marte para onde tinham levado toda a sua forma de pensar. Não te esqueces disso, Liberty. É claro que era para eles um dogma, uma crença inquestionável. Na minha opinião para eles nada mudou. Para quem acredita, o dinheiro existia e existe como o dia e a noite existem. Para eles o dinheiro é natural e não cultural. Intimamente ligado a essa havia aquela outra crença: alguns possuem grandes quantias de dinheiro, outros não, embora gostariam de as ter. O aspecto mais perigoso desse pensamento é que aqueles a possuir grandes quantias de dinheiro partem do princípio que todos que não as têm usarão sempre qualquer meio para adquiri-las.

Grandes detentores posses dificilmente se colocam nos sapatos de outra pessoa. Muitos não conseguem. Se entendi bem os *bitcoins* são um produto de mineração virtual e são hoje o sucessor absoluto do ouro enquanto produto de mineração física mesmo se em Marte ela continua a ser garantia de riqueza, junto com a posse de terras, pelo que ouvi. Contudo a *mineração de bitcoins* promoveu processos de enriquecimento que *Bloomcampers* menos ricos chamavam já então de mineração ilegal. Ilegal aqui significava que aqueles *coins* não eram obtidos através da venda de produtos 'legais' ou do investimento nesses produtos. O que textos e documentos antigos mostram é que havia muita confusão entre dizer e fazer. Kiril e Vesela tentaram explicar-me muito. Procurei um descendente directo de gestores

do Fundo Brandad. Ficou cada vez mais claro para mim que a fé no dinheiro é difícil de discutir. Os crentes da posse ou acreditam ou perdem a fé. Os crentes cultivam o preconceito de que *No princípio o homem criou o dinheiro.* Ele é tão absoluto como *No princípio Deus criou o céu e a terra* dos textos teológicos. 'Mais, 'homem' parece um estranho sinónimo para 'natureza' para os crentes da posse! Pessoalmente, prefiro a versão *No princípio havia o Verbo* sem a continuação escrita pelo apóstolo João. Tudo que foi escrito acerca da crença em Deus é principalmente metafórico. De uma perspectiva da história natural, havia algo no princípio, uma singularidade dizem alguns investigadores. Falam-nos da *Teoria de Tudo* e esperam poder compreender melhor um dia.
Mas autorizam-me de deslocar uma metáfora, dizendo que, por enquanto, o buraco parece muito negro… apesar de Bolhas-Espaciais Rovelli, da propulsão TWIST e talvez WARP de que falámos há dias num futuro não definido ainda.
Um pequeno à parte. Devido a essas conversas Maria e eu visitávamos Kiril e Vesela com muita frequência durante algum tempo. Não ficamos portanto nada surpreendidos de ouvir uma Iris mais nervosa anunciar estar noiva de Milo Takis."

Observei que os meus pais e avós aparentemente tinham uma relação mais próxima com todos os participantes ou dos pais deles a juntar informação para a saga de que muitos deles eram co-autor.
O meu pai soltou uma gargalhada: "Claro que sim. A maioria deles são amigos de longa data. Quem mais iria querer trabalhar num projeto tão maluco como o da tua mãe? Ainda te conto

mais sobre isso num outro dia."
A minha deitou-lhe um olho ameaçador: "Mas nada passa a ser escrito sem o aval da comissão de censura!"
Rimo-nos todos. Parecia que estávamos de repente na Megalissipo dos Oligarcas e dos *GNet-Z* e não em *CC Bibliopolis*.

"Só para continuar a falar *dígitos* e *coins*," disse eu. "Na tua opinião, a economia baseada em posse de símbolos de capital desapareceu completamente da Terra?"
O Avô disse ter que pensar um momento como melhor abordar os próximos anos. Depois de um momento de silêncio retomou: "Na verdade, nunca tivemos a certeza, pelo menos até Dusan e Lupe retornarem de sua viagem ao redor do mundo. Desde então, sei como pelo menos na Terra funcionam algumas das comunidades do tipo 2."
Mostrávamos surpresa.
"Sim, volto a isso de aqui pouco. Em *CC Bibliopolis* iniciámos alguns anos tranquilos, com muitas pessoas da idade dos teus pais a casar ou juntar-se. Nasceram filhos. Debateu-se um projeto no Conselho Interpolis para converter em Magneto todas as conexões VSA, iniciando com as partes entre os trópicos. Por um lado, isso iria tornar a manutenção mais simples e, por outro, tornava a rede mais automatizada. Um comboio de passageiro ou carga já não precisava de ter um engenheiro a bordo. Como dinheiro e tempo para ganhar dinheiro não já não eram um problema optou-se por manter a velocidade ideal em termos de uso ideal da energia. É por isso que as unidades continuem a viajar com uma velocidade de entre 200 e 300 km por hora. Em Alkebulan consideráveis partes da linha cruze

zonas ainda desérticos com fortes ventos de areia e poeira. Nesses sítios os comboios deslocam-se em tubos transparentes para evitar avarias. Mantiveram-se os acordos prévios para não instalar *Convivialis Civitas* junto às linhas VSA e assim evitar hierarquias.

Dusan e Lupe casaram-se em 121.76 e pouco depois partiram em viagem. Nessa altura, o Magneto Norte-Sul estava operacional de 30 graus norte a 25 graus sul em Alkebulan. O ramal sul do eixo Leste-Oeste também estava concluído, enquanto um comboio convencional de alta velocidade servia o ramal norte, a partir de sua intersecção com o eixo Norte-Sul. O plano era de estender gradualmente o eixo Norte-Sul até o Mar Mediterrâneo assim que o clima permitisse, o que levaria mais dez anos, aproximadamente. A travessia oceânica de passageiros até Waçúm era feito com *Embarcações Vela-solar*. Estes navios eram um pouco mais pequenos do que os dois que então conectavam o oeste de Alkebulan com o leste de Anahuac. Havia quatro *Embarcações Vela-solar* em serviço para ligar o arquipélago próximo ao equador em Waçúm com o oeste de Anahuac. Aquela travessia era realmente uma viagem para quem queria ver a vida no oceano e gostava de passar longos períodos no mar…

O eixo norte-sul em Abya Yala estendia-se então até um istmo que circundava um mar interior de Vineland, localizado a aproximadamente 25 graus de latitude norte. Em direção ao sul, a linha VSA estendia-se até aproximadamente 27 graus de latitude sul. Também aqui, a intenção era de continuar mais para sul assim que as condições climáticas o permitissem.

Na época da viagem de Dusan e Lupe, uma linha mais a leste do eixo Norte-Sul existente de Anahuac estava em construção. Estabeleciam-se cada vez mais *Convivialis Civitas* a sudeste da região amazónica.

Maria, talvez não fosse má ideia incluir um pequeno mapa no volume final da saga detalhando a expansão das linhas."

"Vou pensar nisso e falar com o grupo. Estava a pensar também numa introdução com algumas informações práticas." [Ver Livro 00 *Pequeno guia para os distraídos*].

"Continuando à minha história. Dusan e Lupe seguiram para o oeste. A última estadia antes de regressar foi em Arqueopolis, onde permaneceram por cerca de seis meses. Lá, como aqui, a Biblioteca Central expandiu-se rapidamente. Gradualmente, mais material chegou. Aqui o prédio assumiu a forma quem tem hoje entre 121.78 e 121.87. Muitos elogiaram a providência das famílias que aumentaram *Paraíso* antes do Inverno Vulcânico tendo criado um vasto espaço aberto ao redor da Biblioteca Central permitindo a sua expansão. Ao longo de dez anos, o edifício cresceu para os 2,5 quilómetros de comprimento que tem hoje. O parque também assumiu então a sua forma."

Avó Sara continuou: "Os teus pais mudaram-se entretanto para a casa onde ainda vivem. O teu pai sempre gostou muito do parque e passava lá muito tempo. Escolheram-se nomes para os vários hubs. Sempre que havia um acordo, preparava-se um trabalho em realidade aumentada para o hub em questão referindo muitos dos aspectos da capacidade humana associado ao nome do hub. Não tomamos decisões precipitadas, e alguns hubs ficaram ainda muito tempo sem nome. Acordámos não construir mais linhas

subterrâneas. Com excepção de alguns hubs mais antigas perto da Biblioteca Central e nas primeiras ligações do 'spider', optamos deliberadamente por uma rede automatizada de comboios de superfície. Após o Inverno Vulcânico, muitos engenheiros desaconselharam trabalhar no subsolo. Na altura em que regressamos à Terra, ouvimos histórias de terror sobre túneis desabados. Os geólogos preferiram correr menos riscos. As linhas GAV leste-oeste e norte-sul definiam quase toda a superfície de Bibliopolis. Claro, podemos continuar a expandir a Polis por meio de qualquer linha, se esse for o desejo da Biblio-EquivaGente. Mas muita EquivaGente da nossa Polis já lembrou o porque de manter as comunidades abaixo de 100.000 habitantes. Isso não mudará tão cedo, visto que a população mundial não aumentou nas últimas três gerações. Mundialmente esperávamos ficar com aproximadamente 30.000 Polisses com até um máximo de 100.000 habitantes. Este número de Polisses corresponde ao número de cidades antes de *Bloomcamp* aprisionar o planeta em MegaPoleis. Claro, há uma drástica redução de EquivaGente por Polis em comparação com o número de habitantes por cidade. Esperemos assim manter viva a rede de *Convivialis Civitas*. Isso é absolutamente necessário, como aprendemos rapidamente durante esse período. Não é possível considerar três bilhões de pessoas a fazer acordos envolvendo os sempre todos. O Princípio da Partilha gerou gradualmente a confiança necessária. Nem todos querem se envolver em tudo, mas todos têm todos os canais disponíveis para se manterem informados sobre tudo e se envolver se e logo que querem. É a regra básica do Conselho Interpolis. As comissões podem sugerir medidas a nível

planetária, as *Convivialis Civitas* decidem como o fazer a nível local. Isto não mudou desde a década de 70 do hectano passado.
Algo que interessava a sociólogos e psicólogos era a gradual diminuição da pressão para prolongar artificialmente a vida humana. O Princípio do Ecossistema inclui todos saberem que a vida animal é finita e que a nossa imortalidade reside no que transmitimos culturalmente de geração em geração. A extensa investigação biológica conduzida antes da Refundição sempre foi voltada para os ricos e beneficiava portanto apenas aqueles com muito dinheiro e posses. O consumismo contribuía mas em termos práticos só levava alguns a ganhar muito dinheiro com esse sonho de longevidade. Havia toda uma indústria dedicada a dar a ilusão artificial em como manter jovem o corpo, externa e internamente. Durante o inverno vulcânico, a expectativa média de vida baixou rapidamente novamente. Em última análise, isso beneficiou os Sabedores. Separavam melhor a fantasia do possível e podiam cuidar dos seus corpos com mais facilidade simplesmente tomando decisões mais racionais. Também podiam proteger-se melhor como quando minha avó insistiu a pôr-nos na Lua… Hoje admito que isso aumentou minhas probabilidade pessoal de sobrevivência.
Em termos puramente biológicos, o pico reprodutivo e as capacidades mais elevados de desenvolvimento continuam a se situar entre 20 e 30 anos. O hábito de ter filhos cada vez mais tarde no último hectano antes do Inverno Vulcânico era cultural, não era biológico. Além disso continua a se constatar que o corpo humano começa a apresentar maiores sinais de envelhecimento biológico após sessenta anos de vida. Doenças e fenómenos

externos podem atrapalhar um indivíduo mesmo hoje. Alterações genéticas espontâneas fornecem com mais facilidade soluções inviáveis e não uma mutação aprimorada.

Num contexto de fortes hierarquias e demonstrações de poder antes da Refundição o desejo pela vida eterna tornou-se egoísta, até mesmo narcisista. Começou há muito com a promessa da vida eterna após a morte — pense nos mitos antigos e nos desejos de reis e imperadores por volta dos hectanos 60 e 70 para a garantir. Sem grande sucesso, digam-nos os mumificados…

Todas as Polisses têm naturalmente um bom serviço médico garantindo o tratamento adequado de doenças e acidentes. A transplantação de órgãos continua a ser possível mas está a diminuir a pressão de indivíduos para o fazer. Os Princípios do Ecossistema e da Empatia facilitam a tomada de decisões sobre a qualidade de vida pessoal. Cada um decide por si mesmo como se organiza e até como pôr termo à própria vida. Não há tabus. O suicídio por desespero tornou-se extremamente raro. O desespero geralmente resultava de problemas financeiros ou de (menores) disputas de poder ou sentimentos de solidão. Nas Civitas há sempre quem apoia-se quem mostra estes sinais. Há tempo para tudo quando ninguém tem que vender o seu esforço de trabalho para sobreviver… Atualmente, o principal desespero ocorre no caso de um amor não correspondido que a pessoa em questão não consegue controlar. A agressão que pode surgir foi amplamente absorvida pelos grupos de aprendizagem e pelo preenchimento pessoal dado aos princípio sugeridos pelo grupo *RecIN*.

É hoje em dia reconfortante constatar como as pessoas estão a

começar a considerar normal de viver mais ou menos até os 90 anos se não houver contratempos e depois morrer. Curiosamente, também ajuda a encarar a vida de modo mais calma quando alguém vive mais anos ou morre mais cedo por razões biológicas.
Acidentes continuam a acontecer, claro. Mesmo numa *Convivialis Civitas* alguém pode cair de um telhado ou se afogar. Pelo que saibamos desde a Refundição ninguém morreu debaixo de um veículo (automático)."

É novamente a Avó Sara quem diz: "Volto a frisar não te esquecer de falar da pequena história. Nasceu o Manuel em casa de Milo Takis e Iris Morshov e, um ano depois, nós passámos a ser os felizes avós com o teu nascimento Catherine! Naturalmente, houve muitas refeições na casa dos teus pais nos primeiros dias após teres nascido. Estávamos muitas vezes na companhia de Chaytan e Kate. Tinhas algumas semanas de vida quando Aylen Quispe e Mika vieram nos visitar para fazer um jantar em conjunto. Anunciaram que iriam morar juntos. Estavam para vir momentos maravilhosos com muitos bebés e crianças pequenas…"

Os nove princípios

O avô continua: "É verdade. Entretanto à quem insiste em colocar uma data de início de fim para o período de Refundição, podemos sugerir como início o Conselho Interpolis e como fim o ano de 121.80 quando a rede de *Convivialis Civitas* propus nove e não seis princípios como uma espécie de denominador comum para tudo o que o grupo *RecIN* tinha reunido até então."

Quero deixar claro aqui o grupo *RecIN* ao qual a minha bisavó deu contribuições não existe mais da mesma forma mesmo se continua activo. É talvez uma das consequências do próprio Princípio da Empatia, ou talvez do Princípio da Antropogogia. Tudo se resume em estarmos cientes de que as *Convivialis Civitas* são organismos vivos e que de vez em quando mais uma Polis se junta à rede. O grupo *RecIN* é hoje menor do que era naquela época, mas mantém o mesmo carácter muito dinâmico. Reune o que se passa na mente da EquivaGente e apresenta sugestões quando um ou outro princípio precisa de ser ajustado. Isso foi muito importante então e continua a sê-lo hoje. E agora sou eu a fugir a cronologia. Falaremos mais sobre isso quando discutirmos as duas viagens a Marte no último livro da nossa saga.

"Naquele ano,", acrescentou o pai "recebemos muitas informações de Ganímedes. Primeiro uma explicação de como a Terraformação estava a ir naquela lua longínqua. Foram entretanto colocados em funcionamento dois ampliadores solares. Basicamente eram satélites com painéis refletores orientadas para aquela lua. Os moradores de Ganímedes conseguiram aumentar o volume de água liquida e de vegetação resistente. Tinham já iniciado o cultivo de cianobactérias. O rápido aumento hoje elevava os níveis de oxigénio livre. O sucesso deste programa foi uma boa notícia. Pensaram ser-se possível já no início do hectano 123 poderem fazer excursões fora das bases com um mínimo de trajes de proteção. Gostaria de lembrar que Ganímedes tinha os processos de Terraformação há mais tempo. Foram discretamente iniciados na primeira

metade do hectano 120, quando se trabalhava aí como parte da investigação microbiológica. Mas também recebemos dados e histórias em como os habitantes de Ganímedes se organizaram socialmente. Deve-se notar que a hierarquia de *Elysium* sempre mostrou muito mais interesse para Marte do que para Ganímedes. Metade da comunidade nas luas de Júpiter consistia em habitantes vindo da Lua e da Terra e a outra metade eram antigos residentes de *Elysium* e os seus descendentes. Soubemos que a idade média era bastante inferior à da Terra. Por um lado a população era menor e mais recente. Por outro havia simplesmente mais acidentes devido aos perigos associados às actividades fora das cúpulas. Aliás continuava a ser esse também o caso na Lua e em Marte.

A partir dos dados que recebemos pudemos deduzir que as cúpulas de Ganímedes se organizaram como uma espécie de pequenas comunidades independentes e relativamente fechadas. Cada uma tem um sistema de propriedade mínima garantida no estilo das propostas de Bregman. Há uma limitada interação controlada centralmente entre as várias cúpulas. A coesão era garantida por uma espécie de conselho geral composto por membros eleitos de cada uma das cúpulas. No geral, parece que estabeleceram uma forma de gestão geral em governando democraticamente as cúpulas entre elas.

Quando essa informação nos chegou, perguntamos por vídeo a Dusan e Lupe, uma vez que estavam na altura na parte Sul de Waçúm, se conseguiriam uma visita a uma comunidade de tipo 2 na Terra. Sabíamos da existência de comunidades do género na parte Sul habitável do antigo Império do Meio. Afinal foi até

pouco antes do Inverno Vulcânico a único região onde a produção tinha continuado de acordo regras económicas baseadas em *dígitos*. Os sobreviventes das Poleis de produção que chegaram ao Sul a tempo e não entraram em contato com a *Pérola Brilhante* ou outro *Convivialis Civitas* porque não as encontraram ou não as quiserem encontrar, organizaram-se recorrendo a uma espécie de variante das comunidades de Bregman. A razão pela qual o fizeram tem provavelmente a ver com experiências positivas na gestão do micro-crédito e de poupanças e trocas interagindo em pequeno grupo. Às vezes também recorriam a poligrupos. Imagina trinta pessoas a querer um arado agrícola por exemplo. Concordam entre si em juntar mensalmente um trigésimo do preço de tal máquina. Compram uma em cada mês e sorteiam-na entre os participantes. Após trinta meses, todos têm tal máquina. Foi também um método bastante popular entre os moradores mais pobres de Erebúm para comprar um meio de transporte individual por exemplo. Os grupos então consistiam de 24 a 36 participantes, dependendo do modelo desejado. Todos em tal grupo sabiam que iriam receber o seu próprio veículo dentro de dois a três anos. Os ricos não apreciavam muito esse tipo de estruturas organizacionais porque os empréstimos e os créditos bancários tradicionais ofereciam-lhes parte do seu capital em dinheiro ou em *dígitos*.

À medida que algumas comunidades de Waçúm tiveram mais contactos *Convivialis Civitas* próximas entre 121.54 e 121.80 havia sítios onde as práticas de Bregman entraram em desuso. Havia moradores que assumiam a gestão cooperativa de infra-

estruturas partilhadas como um primeiro passo para abolir um sistema mercantil baseado em valores de troca.
Dusan e Lupe visitaram uma comunidade trabalhadora do tipo 2. Segundo o seu testemunho a sua economia baseava-se principalmente em pequenas reservas locais de Terras Raras e de Ouro e que representavam o simbólico valor de troca."

Olhei para o Avô e disse: "Se bem me lembro, já explicaste a origem dos outros seis princípios. Os três restantes foram formulados no ano 121.80?"
"Sim. Naquele ano, a minha mãe e outros que ainda tinham estado a brincar com a ideia da *Teoria de Tudo* para as ciências humanas pareceram finalmente desistir dela. Visto *a posteriori* penso que simplesmente abandonaram a ideia de se poder prever as interações humanas e a origem de padrões culturais recorrendo a fórmulas matemáticas e com uma margem de erro definido. A análise sociológica ignarométrica mostrou-nos gradualmente ser simplesmente mais eficiente e prudente fazer emergir por meio de análise estatística as tendências fenomenológicas. Alberto, talvez queres mexer um pouco mais nisso algum dia. Na altura parece-me ter percebido que os proponentes da *Teoria de Tudo* finalmente consideraram inerentemente perigoso para as ciências humanas de chegar a algum tipo de teoria institucionalizada. Tal teoria poderia facilmente forçar educadores menos atentos de voltar a uma espécie de camisa de forças na educação e na aprendizagem. Poderia levar de volta à crença de que, ensinando a todos tudo da mesma maneira se alcançaria o mesmo tipo de EquivaGente em todos os lugares. Felizmente, parecia ser impossível e

contraditório ao Princípio da Heterogeneidade e ao Princípio da Empatia. Tal teoria poderia mais uma vez dar origem a modelos de instrução dos quais depois todos os desvios seriam forçosamente eliminados por meios médicos, clínicos ou pior. Entretanto o grupo *RecIN* viu mais três convergências pensando poder agrupá-los no Princípio da Antropogogia, o Princípio da Cooperação e o Princípio da Criatividade.

Na verdade considero uma certa graça no facto que o último princípio formulado tenha sido o da Antropogogia. Isso talvez também mostre o quão cautelosos se tornaram os facilitadores de grupos de aprendizagem. O Princípio da Antropogogia só é plenamente compreendido por aqueles que vivem numa comunidade ou sociedade sem propriedade. A propriedade inevitavelmente dá origem à hierarquia. E o próprio conceito de hierarquia não comporta o conceito de antropogogia. Um professor-guiador que ouve o que os outros dizem e dai deduz e assume um papel de orientação opera de forma antropogógico. Um facilitador adulto que ajuda a formular perguntas "por que" atua como um mediador entre o assunto em estudo e a pessoa com um projeto de aprendizagem. De uma perspectiva antropogógica, os orientadores fazem também eles as perguntas "por que" acerca daquilo que fazem. Eles nunca são detentores de dogmas; eles duvidam no sentido Popperiano da palavra. O Princípio da Antropogogia permite interligar a aprendizagem e autoria. O trabalho antropogógico é instituinte, não está instituído. Uma consequência da aprendizagem dialógica é que a antropogogia desaparece assim que as pessoas dentro de um grupo de trabalho não estão mais dispostas a reexaminar as

coisas. O Princípio da Antropogogia cuida do equilíbrio na *Convivialis Civitas*. Sem esse princípio as Civitas se tornariam rapidamente cidades onde EquivaGente rapidamente se tornavam habitantes havendo uns a 'servir' outros subordinados a eles. O Princípio da Antropogogia baseia-se no altruísmo empático e na necessidade de manter a autoconsciência em equilíbrio.

Permitam-me voltar por um momento à autoria. Numa sociedade sem propriedade, a motivação para investigar e fazer coisas é somente definido pelo prazer que uma pessoa nisso encontra. Gradualmente e durante os quarenta anos depois da Refundição e dentro de cada *Convivialis Civitas* toda a EquivaGente tornou-se co-autor de algo com alguém. Isso continua. O número de co-autores de diferentes Civitas não pára de aumentar. Sentem-se cada vez mais os laços comunitários ao nível planetário. A co-autoria criou uma base ainda mais universal englobando o Princípio da Cooperação. Sem hierarquia e sem propriedade era muito mais fácil desenvolver projetos de co-autoria amplamente divergentes e por isso pluralistas. Mais. Em quase todos os lugares, os projetos cooperativos conectavam-se facilmente entre si com base no diálogo. Qualquer pessoa interessada num campo específico de investigação pode hoje sem grande dificuldade encontrar na Rede de *Convivialis Civitas* uma comunidade de aprendizagem adequada ou criar uma nova. A partir da década de 80 do último hectano, ficou bem claro quão natural era realizar reuniões presenciais e digitais em cooperação sobre todos os possíveis projetos.

Como outros o Princípio da Antropogogia e o Princípio da

Cooperação estão intimamente ligados. Cooperativismo é um conceito complexo. Os cooperantes têm uma obra colectiva em permanente construção. A obra colectiva abrangente máxima é hoje a própria rede de *Convivialis Civitas com* seres auto-conscientes. O que vimos a acontecer foi como esse trabalho colectivo foi verdadeiramente feito por e para todos os EquivaGente sem que todos tenham que estar em tudo. A obra é uma rede complexa, uma teia de inúmeras atividades e projetos, concebidos e desenvolvidos pelos iniciadores, em cooperação. Cada nova iniciativa, ou qualquer ajuste a uma existente, é discutida com base na confiança que surge da aprendizagem dialógica fazendo parte do Princípio da Antropogogia e do Princípio da Partilha. Já nos anos 121.80 evitávamos com muita eficácia potenciais armadilhas, como a falsa ideia de unanimidade. Ainda pior para a Rede seriam decisões de uma maioria sobre uma minoria originando o regresso da dicotomia. A cooperação e a partilha protege contra o surgimento de hierarquias baseadas na demonstração de poder e propriedade.

Por fim o grupo *RecIN* também prestava muita atenção ao Princípio da Criatividade. Ignorantes podiam ser arrogantes. Mas também os Sabedores, como *Bloomcampers* os chamavam, podiam o ser e agir com excessiva superioridade. Esses arrogantes Sabedores frequentemente viam o trabalho manual, a arte e o artesanato como inferiores à investigação intelectual. Os *Bloomcampers* criaram restrições económicas para essas atividades. Os produtos só eram considerados se receber um valor monetário para lhes dar prestígio. Com o Princípio da Criatividade, o trabalho manual, a arte e o artesanato são hoje

as atividades que combinam imaginação e habilidade da cabeça e das mãos simplesmente pelo puro prazer de criar. Dentro disso existem os EquivaGente que lideram com trabalho altamente técnico em grupos de trabalho que desejam ou criam como outros o fazem.

A minha mãe fez um ajuste na estrutura ignarométrica e sugeriu a estrutura 105/121 [*ver anexos*]. Ela acrescentou uma série de tipos-ideais fáceis de reconhecer nas últimas décadas antes da Refundição sem terem sido explicitamente mencionados por Sérgio Mestre. Por o que soubemos ele não introduziu nenhum novo tipo-ideal, nem mesmo após a sua chegada em *Paraíso*.

Como a minha mãe podia ser bastante teimosa penso às vezes que sem o dizer ela voltou à sua fantasia de estrutura preditiva de uma *Teoria de Tudo* para as ciências humanas transformando-a numa estrutura descritiva ou analítica ampliando-a. A análise revela tendências. Ela deve ter pensado ser mesmo impossível de fazer previsões sobre cultura, comportamento humano e relações sociais e capturá-las em equações matemáticas, como se pode fazer com a trajetória de um meteoro. O que por si já é uma tarefa bastante difícil. Em última análise, só é possível porque uma série de forças gravitacionais demasiadas fracas não influenciam essa trajetória pelo que são negligenciadas nas equações preditivas.

A maneira como vemos a natureza influencia também a maneira como a descrevemos matematicamente? A maneira como buscamos regularidade influenciou como escrevemos a matemática? A matemática é uma linguagem ou um fenómeno natural para o qual inventamos uma linguagem que descreve o

fenómeno? Dito por outras palavras, a matemática existe fora dos humanos e pode ser descrita de uma maneira não humana de modo que a incompletude de Gödel não surge?
Sabem todos como eu adoro as margens... Tinha Fermat uma maneira simples para demonstrar o seu teorema depois do seu comentário provocativo no livro de Diofanto? Terá ele seguido uma linha de raciocínio diferente da de Wiles? Mesmo assim ambas as linhas de raciocínio continuariam a ser raciocínios humanas. Existem raciocínios matemáticos não humanos?"

Vi a minha irmã olhar atentamente para o nosso Avô. Percebi naquele instante como as suas palavras lhe inspiraram [ver volume 13 *O retorno do papel impresso*].

O Avô parecia estar convencido de que os nove princípios foram formulados, foram 'fixados' de alguma forma apesar das muitas e constantes pequenas mudanças. Coloquei 'fixo' entre aspas porque não gosto da palavra.
Há na rede de *Convivialis Civitas* um acordo para abordar os nove princípios nos grupos de aprendizagem para crianças e adultos mas no sentido de discuti-los e de juntos encontrar exemplos enquanto o grupo trabalha com eles.
Os princípios não são distribuídos sob forma de resumo escrito. Não existe um livrinho dos princípios. Eles não foram cinzelados na pedra. Com outras palavras o acordo é de não criar um cânone com nove princípios. Eles devem ser capazes de evoluir com o *Projeto Dinâmico Social Colectivo*. Listamo-los aqui por ordem alfabética. Claro, qualquer leitor deste livro ou visitante de qualquer Biblioteca Central de uma Civitas poderá encontrar o que levou a formulação do princípio na sua primeira versão e

nas versões subsequentes. Os nove Princípios são os da Antropogogia, da Circulação, da Cooperação, da Criatividade, do Ecossistema, da Empatia, da Heterogeneidade, da Partilha e da Refeição.

Voltei a focar a minha atenção para a conversa e observei: "Um ano notável então esta ano 121,80."

"Sim," concordou o avô imediatamente, "houve outro momento importante naquele ano. Deixou de se usar o termo Comunidades Tropicais (*CoTrop*) para se referir a uma parte do Conselho Interpolis. Já havia várias comunidades estabelecidas acima e abaixo dos trópicos. Foi sobretudo uma simplificação e novamente a preocupação de não criar hierarquias. O Conselho Interpolis deixou de o CoTrop mais as bases lunares. Passou simplesmente a ser todas as comunidades que quisessem se juntar ao Conselho. Ao fazê-lo aceitavam o diálogo em andamento em torno do *Projecto Dinâmico Social Colectivo, o projecto DiSoCol*. O grupo *RecIN* passou a ser um grupo que reúne pessoas sempre que assim o desejam para discutir um ou mais aspectos do projeto. O projecto DiSoCol e o grupo *RecIn* são implementações práticas de um ideal para uma rede mundial de ***Convivialis Civitas*** dado que a ideia de estados ou cidades-estado foi abandonada. Segundo a minha mãe, *Convivialis Civitas* em si é uma realização prática da Utopia tipo *Paraíso dos Livros* por ela descrito na sua interpretação do 121º hectano [*ver anexos*].

O teu pai também falou disso comigo recentemente. Ele gostaria de reformular um pouco a leitura sociológica da minha mãe e simplificar um pouco a análise, agora que temos mais

informações sobre a situação nos locais do nosso sistema solar com presença humana. Ao todo, os humanos hoje já estão em cinco espaços diferentes do nosso sistema solar. Sim, eu sei, já estou novamente a falar de hoje. Não vou falar mais sobre isso. Aconselhei-o a desenvolver as suas ideias e discuti-las por meio de Neo-Ignarysis." [Ver Livro 13 *(nota de Maria Liber)*].

Após uma pausa a minha mãe disse: "Nos dois anos seguintes, estivemos menos ocupados com assuntos da Civitas. Tinham muito para conversamos de crianças e bebés com os nossos amigos Zoungrana, Takis, Cheboi e Quispe, mas também com outras famílias com bebés já nascidos ou a caminho. Tu tinhas três anos quando nasceu Liberty. No ano anterior Aylen e Mika tiveram a filha Sayen. Poucos meses depois a mulher do meu irmão deu à luz aos gémeos Wolfgang e David. Houve muitos momentos de casa e de jardim repletos de crianças a cantar, chorar e brincar na primeira metade dos anos 80. Conversávamos muito dos grupos de aprendizagem nos quais queríamos que participassem logo que começassem a fazer perguntas 'por quê'. Tu já o fazia e a Halona também conseguia manter ocupados Milo ou Iris por longos tempos com séries sem fim de perguntas 'por quê'. Depois de uma ausência de quase sete anos Dusan e Lupe voltaram da viagem à volta do mundo em 121.83. Também começaram a pensar em filhos…"
Então o Avô disse: "Por que não os convidamos para vir contar a sua história? Têm mais ou menos a tua idade, não é Alberto? Dusan é meio distraído, mas Lupe tem a memória dum elefante!"

Alguns dias depois, estávamos juntos sentados no jardim. Expliquei que estava a registar as memórias do Avô, da Avó e

dos nossos pais para a nossa saga. Contei que o meu pai já tinha falado de Dusan e Lupe terem vivido algum tempo numa comunidade Bregman no sul de Waçúm. Sabia que tinham viajado de leste para oeste visitado entre outros Culturopolis, Perolapolis, e Arqueopolis pelo caminho. Acrescentei que adoraríamos ouvi-los falar sobre essa viagem.

De seguida perguntei: "A propósito, quantos *Convivialis Civitatis* visitaram ao todo? Lembram-se?"

Lupe disse: "Deixe-me falar Dusan, e acrescentas o que me posso esquecer e consideras importante referir."

"É uma maneira simpática de dizer que me esqueci de muita coisa daquela viagem," riu-se Dusan. "Mas Lupe tem razão. É melhor deixá-la ela contar a história."

E Lupe começou: "Estamos a falar dos anos 121.76 até 121.83. Eu diria que a consagração do Conselho Interpolis estava em velocidade de cruzeiro. Havia debates muito animados no grupo *RecIN* onde os pais de Dusan e eu estávamos quase sempre presentes. Eu tinha sugerido a Dusan para encarar a nossa viagem como uma espécie de jornada *RecIN*, pois poderíamos juntar histórias nos vários lugares pelos quais passávamos. Surgiu-me a ideia depois de encontrar parte de um relato de um jornalista do ano hectano 120 na Biblioteca Central. O jornalista em questão chamava-se Paul Salopek. Tinha empreendido uma jornada a pé a partir do que era então a Etiópia e queria alcançar a Terra do Fogo. A ideia era de percorrer parcialmente o êxodo do Homo Sapiens a partir da Zona 1 na pré-história. As histórias do jornalista testemunhavam um enorme humanismo. Naturalmente, não pretendíamos refazer a sua proeza a pé.

Queríamos usar os Magnetos existentes nos eixos VSA e estávamos especialmente entusiasmados com a ideia de cruzar de Embarcação Vela-solar o oceano depois de deixar Culturopolis em direção à Perolapolis. Não fixamos marcos de 100 milhas como fez há mais de 150 anos quem nos inspirou. Contudo, visitamos cerca de trinta Convivialis Civitas e uma comunidade Bregman durante nossa jornada. Em regra ficamos pelo menos um mês em cada comunidade, às vezes um pouco mais. Ficámos mais tempo na comunidade tipo 2 e em Arqueopolis antes de voltar. Na última estivemos a procurar possíveis localizações de bibliotecas em Poleis de antes do Inverno Vulcânico tanto acima quanto abaixo dos Trópicos e ainda soterradas por neve, gelo, lama e, às vezes, lava solidificada. Também passamos alguns meses em Culturopolis, pois Dusan precisava recuperar antes da travessia de Culturopolis para Perolapolis. Tornamo-nos bons amigos de Diego Márquez e da sua esposa, Elena Mendonça. Pouco depois de continuar a nossa viagem, Elena engravidou de Pablo. Mais já vos digo algo sobre nossa estadia.

Decidimos viajar de leste para oeste porque as travessias são um pouco mais rápidas nessa direção. As rotas seguem de perto o equador e como sabem as embarcações recorrem a energia solar e velas.

Além de Bibliopolis, havia na altura mais dez Civitas no ramal Magneto até a linha VSA Leste-Oeste em direção à costa atlântica. Ficamos hospedados em duas delas.

O uso da ligação era bom e *simples*. Bom para Vanderlei, Lev. Ao embarcar, bastava indicar onde queria desembarcar. Bibliopolis

era na altura o terminal daquela linha, logo só precisávamos de ir até o hub depois de consultar os horários e pedir um lugar. Querendo embarcar numa das outras estações antes do hub da VSA bastava solicitar um lugar eletronicamente. Se alguém afinal abdicava da viagem os lugares eram logo libertos. As linhas VSA funcionavam da mesma maneira. Aliás penso que continua a ser assim em todo lado.

Então decidimos ficar por um mês numa das casas de hóspedes em cada uma das duas Civitas a caminho da linha VSA. Correu muito bem. Uma casa de hóspedes pode acomodar até cerca de dez casais ou viajantes individuais, e a casa raramente fica cheia como é o caso em Bibliopolis também. Muitos visitantes ficam com amigos, conhecidos ou familiares a morando na Civitas claro. Ou não seria fazer visitas a mais importante razão para viajar. Tal como em Bibliopolis, os EquivaGente de esperam de ti que plantas na horta da casa que utilizaste aproximadamente a mesma quantidade de vegetais que consumiste. À chegada informaram-nos sempre do serviço de entrega automática de comida distribuída centralmente com o convite para referir o que queríamos receber e durante quanto tempo. Nesse aspecto, a rede Convivialis Civitas já funcionava tão bem naquela época como agora. A nossa primeira paragem ficava a apenas uma hora de comboio de Bibliopolis. Os EquivaGente do sítio até faziam com alguma frequência visitas à Biblioteca Central de Bibliopolis. Hoje, há lá também uma biblioteca bastante grande. Como em todo lado, os EquivaGente da Polis apresentavam uma grande heterogeneidade. Quem participava regularmente nos diálogos do conselho local disseram-nos que 121.75 foi o

primeiro ano que não precisaram mais agendar serviços comunitários essenciais para serem distribuídos. Há quem está disponível para tudo o que for necessário para assegurar o bem estar da comunidade. Quando voltámos seis anos depois e por curiosidade pedimos se havia serviços para serem agendadas naquela Polis disseram-nos que todos os serviços continuavam a serem prestados por interessados. Parece ser uma tendência geral. Poderíamos falar de uma forma de auto-regulação em quase todos os lugares. Pedir pessoas para conceder um certo horário para serviços comunitários é sobretudo necessário em Civitas mais pequenos ou mais recentes. As vezes aplica-se a algumas atividades envolvendo algum risco. A comunidade como um todo precisa intervir de vez em quando por haver escassez de bombeiros por exemplo. Há momentos em que se pede alguém para conselhos individuais.

“Que tipo de conselhos individuais?” perguntou Liberty.

“Ouvimos falar de um em particular em vários lugares por onde passamos. Talvez tem a ver com a natureza humana. É claro que roubos e crimes cometidos para encobrir outro crimes são praticamente inexistentes. Mas pontualmente há crimes resultantes de problemas românticos. Nos anos 70 do hectano anterior eram um pouco mais difíceis de evitar ou de remediar do que hoje. O Princípio da Empatia parece ter ajudado culturalmente para passar da agressão para um modo mais dialogado de resolução. Na primeira Civitas onde ficamos Dusan até ofereceu-se por duas semanas para acompanhar alguém que estava de luto e revoltado porque a mulher com quem ele estava a viver já algum tempo decidiu escolher outro parceiro. O ciúme

existe e leva à agressão. Nalguns casos, a natureza sobrepõe-se à cultura. Neste caso em particular foi necessária acompanhar a pessoa para evitar que impulsivamente prejudicasse ou magoasse fisicamente a ex-namorada ou o seu novo namorado.

Um bom mês depois viajamos para a nossa segunda estadia. Eu queria falar pessoalmente com dois engenheiros com quem tinha iniciado recentemente um projeto a distância tendo como objetivo de melhorar o *machine learning* de determinadas unidades electrónicas usadas na época para extrair minério em meteoros. Podes encontrar muita coisa sobre o que continuamos a designar por *machine learning* na seção de engenharia da Biblioteca Central.

Chegando à costa, marcámos um lugar no barco de Alkebulan para Anahuac numa época do ano em que a travessia era relativamente tranquila segundo os entendidos. Não sei quem de vocês já usaram as *Embarcações Vela-solar*, mas já então eram bastante confortáveis. E ao que parece foram significativamente melhoradas para se tornarem ainda mais confortáveis. Durante a viagem, todos os passageiros têm uma cabine e existe uma área central onde todos se reunem quando quiserem. Na altura as refeições lembravam muito as das naves para a Lua. Os navios já eram totalmente automatizados, enviando um sinal de posição para o satélite de rastreamento duas vezes por minuto. Há sempre um pequeno grupo de praticantes de vela a bordo para aproveitar ao máximo os ventos favoráveis. Todos os navios funcionavam também com energia solar. Não eram muito rápidos. A travessia para Anahuac levava cerca de um mês.

Mas o mês voou. Se não estou confundindo com as outras duas

grandes travessias, éramos naquela viagem quarenta no total incluindo os habituados de vela. De volta à terra firme, instalámo-nos na linha VSA Leste-Oeste, que liga a costa leste com a costa oeste de Anahuac numa distância de pouco mais de 5.200 km. O Magneto foi construído usando uma linha de alta velocidade já operacional na metade do percurso quando o projeto de construção começou. A linha de alta velocidade em si era uma adaptação de uma rodovia dos últimos vinte anos antes do Inverno Vulcânico disseram-nos em Culturopolis. Levaram cerca de quinze anos para endireitar a restante antiga rodovia e entre os dois trechos de linhas de alta velocidade já existentes. Aqui e ali a via teve que ser totalmente reconstruída. Depois, foram necessários mais cinco anos para ligar os dois terminais por Magneto. Reparámos o maior fluxo de passageiros até o ponto onde a linha VSA Leste-Oeste cruza a linha VSA Norte-Sul do que no resto do percurso e também da linha VSA Leste-Oeste de Alkebulan. Soubemos no Magneto que a maioria dos pontos de interligação com as ramais locais estavam naquele eixo Norte-Sul e eram servidos por comboios de alta velocidade. No cruzamento, a linha VSA direção sul desdobra também por si.

Ficamos mais tempo do que inicialmente previsto em Culturopolis. Informaram-nos ser melhor de esperar até o próximo equinócio para a travessia para Waçúm e Dusan preferia repousar antes da grande travessia. Isto, porque antes de seguir em direção a Perolapolis, tínhamos que ir mais para sul. O eixo norte-sul da linha VSA de Waçúm parte de um ponto 5 graus à sul do equador onde o Magneto na direção norte se conecta à conexão de navios do eixo leste-oeste VSA. Contudo,

antes de chegar a essa conexão a cerca de 105 graus leste, é preciso viajar com um Magneto por terra num outro arquipélago de Waçúm situado entre cerca de 142 graus e 137 graus leste.

Mas primeiro Culturopolis. Aquela *Civitas* tinha alguma semelhança com Bibliopolis. Tinha um traçado urbano bastante simples, com ruas perpendiculares, como a maioria das Polisses construídas recentemente. Havia um bom equivalente do GAT de Bibliopolis e de veículos elétricos menores para ir até os hubs dos comboios automáticos. Sentimo-nos rapidamente em casa e verdade seja dita, naquele final dos anos 70, a Biblioteca tinha muito mais literatura e poesia do que a Biblioteca Central de Bibliopolis na altura mais centrada sobre as ciências.

Na primeira visita à Biblioteca procuramos as pessoas que estavam num projecto para reunir toda a documentação relacionada a Illich incluíndo documentos resgatadas de Cuernavaca do hectano 119. Optou-se por reunir todo o material original em Culturopolis incluíndo o proveniente de Erebúm. Abarcava o quer ainda existia do espólio de uma organização privada que tinha estado ativa no que era então Viena com o nome de *Centre For International Development*. O Centro funcionou até o desaparecimento dos Estados, quando o planeta foi dividido em distritos de Megapoleis por *Bloomcamp*. A biblioteca de Culturopolis tinha cópias digitais e alguns fac-símiles de documentos que se salvaram e chegaram à Bibliopolis. O grupo *RecIn* sugeriu juntar em Culturopolis umas quantas obras originais escritas por Illich e publicadas em alemão. Havia também alguns livros de teólogos da libertação

não originários de Anahuac dos 120º e 121º hectanos. A rede de Convivialis Civitas estava de acordo em deixar tudo na Biblioteca Central de Culturopolis. Antes da Refundição, a teologia da libertação desempenhou um papel importante nos *GNet-Z* especialmente em Anahuac. A tua bisavó Emmy recomendou-nos contactar a família Márquez. Diego e Elena oferecerem-nos imediatamente um espaço, não apenas na biblioteca, mas também na casa que habitavam. Ficamos a viver com eles por pouco mais de cinco meses. Como os teus pais sabem reuníamos duas vezes por semana com a grupo *RecIN* a partir de lá. Aproveitamos para transmitir nas reuniões mais ideias e práticas que tínhamos observado nas Civitas onde tivemos hospedados até então. O nosso objectivo era de facilitar o diálogo com os EquivaGente acerca de práticas locais e às vezes com sugestões para contextualizar o conjunto de princípios que como vocês já sabem iria receber uma primeira descrição geral em 121.80."

"Quando finalmente saímos de Culturopolis," começou Dusan, "Miguel e Elena tinham se tornado amigos próximos. Pediram para manter contacto. Alberto, o filho mais velho deles, está envolvido naquele projeto teu de escrita, não está?"
Lev começou a rir. "Catherine, faço observar que não fui eu a atrapalhar a cronologia desta vez…"

Lupe olhou para Dusan e disse: "Deixe-me continuar a contar a história, querido. Durante aqueles meses, trabalhámos principalmente com uma equipa de antropogogos de Culturopolis, mas também tivemos muito contacto com um grupo que tinha como projecto de facilitar a comunicação entre

investigação humana e não humana. Na prática significava a interação entre inteligência biológica e uma electrónica. Frequentemente presumimos haver duas inteligências, uma biológica, humana e uma electrónica, não humana. Mas em última análise, a análise de dados feita por inteligência electrónica tem na Terra uma base humana. Essa inteligência foi originalmente desenvolvida por humanos. Investigação não humana seria então aquela feito por espécies diferentes da espécie humana. Se realmente há permanece uma questão em aberto, tanto na Terra como no Universo no sentido lato. Continuamos a fazer um uso extensivo de modelos de trabalho recorrendo a Máquina de Habermas para analisar e interpretar dados da forma mais abrangente possível. Embora a máquina de Habermas tenha sido, é claro, desenvolvida por humanos.
Abordagens deste tipo influenciaram o olhar sobre capacidades de auto-aprendizagem. Após a Refundição, as notícias falsas e a contra-informação divulgada por todo tipo de grupos de interesse desapareceram quase completamente. Já ninguém estava interessado em espalhar informações falsas, porque o conceito de ganhar algo com isso havia se tornado um conceito sem conteúdo. As pessoas só tinham de ficar de olho para a fofoca quando se tratava de relacionamentos românticos. A Máquina de Habermas geralmente poderia excluir mais facilmente o elemento emocional ao analisar informações.

Com o aproximar do momento de equinócio continuámos para oeste, com a intenção de cruzar o Oceano Pacífico até as ilhas de Waçúm do Sul. A *Embarcação Vela-solar* na qual seguimos tinha um pouco menos de pessoas a bordo do que a do Atlântico. Com

pouco menos de trinta pessoas, incluindo seis velejadores experientes, partimos para o oceano. Embora desta vez a distância fosse cerca de três vezes maior do que a anterior travessia, ficando em pouco mais de 15.000 km esperávamos estar de volta na terra firme depois de aproximadamente dois meses se tivéssemos alguma sorte com o vento. Caso haver o desenvolvimento de tempestades era mais prudente procurar águas calmas mais perto do equador. Isto faria progredir mais lentamente porque neste caso usava-se apenas energia solar.

Fizemos a travessia em 63 dias o que nos encaixava bem na média. Assim que soubemos quando iríamos chegar em Waçúm Sudeste, garantimos um lugar no próximo comboio no eixo VSA leste-oeste e um dia depois depois de desviar para uma via lateral chegamos a uma Civitas em Waçúm. Foi muito divertido de partilhar experiências com descendentes de EquivaGente, vindos principalmente do Império do Meio. Foi ai que soubemos de várias comunidades em Waçúm Sul, descritas por analistas pré-Refundição como comunidades do tipo 2 ou comunidades Bregman. Estávamos ansiosos para visitar uma delas e participar na sua organização em primeira mão. Perguntamos como poderíamos nos preparar melhor para tal. Alguns responsáveis de grupos de aprendizagem explicaram que esse tipo de comunidade geralmente consistia em grande parte de filhos de Ignorantes que tinham estado envolvido no sistema de produção económica do Império do Meio. Isso significa que os seus pais ou até eles próprios tinham aprendido a vender a sua força de trabalho, muitas vezes por pouco dinheiro, até o momento em os *Elysianos* darem fim a tudo. Muitos dos seus camaradas não

sobreviveram ao Inverno Vulcânico, e aqueles que sobreviveram tinham tendência a evitar as *Convivialis Civitas*. Muitos pregadores e criadores de mitos culparam os Sabedores que viviam nestes lugares pelo Inverno Vulcânico.

Por norma os habitantes das comunidades não eram muito agressivos a nãos er que se sentiam ameaçados nos locais onde se instalaram, geralmente em regiões férteis e montanhosas. Algumas das Terras Raras e o ouro eram os metais de valor simbólico. Mas, no geral, eles possuíam muito pouco. Na *Civitas* onde estávamos hospedados fomos aconselhados a viajar primeiro para o hub da linha VSA leste-oeste norte-sul no próximo arquipélago (que continua a ser o único hub oceânico a ligar a linha leste-oeste da VSA que atravessa o globo com uma linha norte-sul). Daí podíamos viajar para Perolapolis. Lá seria possível entrar em contacto directo com as comunidades Bregman conhecidas e perguntar quem tivesse tempo e espaço para nos receber enquanto visitantes interessados.

Em Perolapolis procurámos famílias que vieram de *Elysium* para a Lua e a Terra após o inverno vulcânico. Perolapolis é um lugar interessante para aqueles que preferem viver mais perto da água. A conexão com os eixos VSA é um pouco mais difícil e lenta do que de outras Civitas, mas os EquivaGente a viver aí parecem ter menos necessidade de viajar depois de se estabelecerem lá. A idade média da população parecia ser um pouco mais elevada do que em Bibliopolis. Os moradores locais explicaram-nos que era comum pessoas mais velhas mudar-se para Perolapolis porque se sentiam mais protegidas. Contactamos Keanu e Meava Southpath e sua filha Moana claro

até porque tiveram a experiência inversa. Os pais de Keanu mudaram-se para Bibliopolis há anos. Os três mantinham em aberto a possibilidade de fazer uma viagem para Bibliopolis num dos próximos anos. Eles sabiam que os pais de Keanu estavam bem. Mas claro que os avós ficariam muito felizes em abraçar a sua neta depois de tantos anos. Keanu ajudou-nos nos contactos com uma comunidade Bregman que concordou em nos hospedar por um período. Depois de ouvir a Civitas o conselho local deixou-nos levar uma pequena quantidade de Terras Raras para esse projecto. Dessa forma, não dependíamos das reservas da comunidade tendo que solicitar o mínimo garantido para financiar a troca de atividades, produtos e serviços enquanto estávamos lá. Estimamos que tínhamos um valor suficiente para viver cerca de seis meses na comunidade e ainda deixar parte como presente. Deixámos na linha VSA no hub do ramal levando a uma outra Civitas e à comunidade Bregman. No fim do ramal f um pequeno carro solar operado por um humano esperava por nós. O nosso conductor explicava que era o seu trabalho de leva pessoas de um sítio para outro ganhando alguns *coins* com isso. Para a deslocação de hoje tinha sido pago pelo Conselho da Cidade. Ao chegarmos, perguntou-nos se tínhamos recursos próprios ou se queríamos solicitar o mínimo garantido. Explicamos que éramos visitantes e que trazíamos uma pequena quantidade de Terras Raras para deixar na comunidade em troca do seu valor em *coins*. Não tínhamos certeza se estávamos a expressar-nos corretamente. O nosso interlocutor deixou-nos no Banco Central. Disse-nos ser o local onde poderíamos depositar o que trouxemos connosco.

Chegando lá, explicamos não pretender levar de volta o que havíamos trazido. Percebemos das conversas na Civitas de onde viemos que o que trouxemos correspondia a um meio de subsistência — seria essa a maneira correta de dizer? — e queríamos doar o excedente. O responsável — apresentava-se como gerente de banco — disse então que o que trouxemos serviria de depósito e ia ser trocado em *coins* fornecidos por ele. Poderíamos então escolher doar — ou seja, devolver — imediatamente parte desses *coins* contribuindo assim para criação de novos grupos de microcrédito. Toda a série de cálculos que fez a partir daí eram na nossa opinião semelhantes aqueles cálculos feitos por astrólogos no passado para definir a expectativa da vida de um bebé. Mas o gerente do banco explicou-nos com cara séria de quantos *coins* precisaríamos aproximadamente para passar seis meses na comunidade sem nos metermos em 'problemas'. Por problemas ele queria dizer não ter *coins* o suficiente para tudo o que tínhamos que 'pagar'. Se realmente quiséssemos doar o resto, disse ele, então essas Terras Raras que trouxemos seriam garantia suficiente para pelo menos cinco grupos de microcrédito. Não entendemos muito bem o que ele queria dizer com isso mas ele próprio pareceu bastante satisfeito com o resultado. Deu-nos um número, uma ligação privada e uma senha para consultar um site que podíamos utilizar a partir de qualquer computador e um cartão. Com o cartão, disse ele, poderíamos pagar tudo e acompanhar as flutuações do nosso saldo, o que nos soou algo misterioso. Ele também aconselhou-nos a visitar mercados onde era possível fazer trocas. Assim, gastaríamos menos *coins* desde que

tínhamos algo para oferecer em troca.
Nas comunidades de Bregman não existem casas Civitas como nós as conhecemos. Elas oferecem diversos tipos de acomodações chamado hotel ou motel e cujo 'valor' é determinado pelo serviço prestado, que pode ser mais humano ou mais mecânico. Portanto, diferentes acomodações obrigam a trocar mais ou menos *coins*. Percebemos que havia uma espécie de organização concêntrica. Quem tiver mais *coins* morava mais perto do centro, aqueles com a menor quantidade de *coins* disponível moravam nas áreas de transição entre a cidade e os terrenos baldios. Ainda com a ajuda do gerente do banco para decidir como passar os seis meses que planejamos, decidimos abdicar de hotéis ou motéis e de nos instalar num pequeno apartamento de duas assoalhadas a meio caminho entre a saída da cidade e o centro. Tendo todas informações necessário procuramos um escritório para alugar o nosso poiso durante a nossa estadia (ou seja um lugar pago com *coins* para usar como casa). Procurámos a zona adequado praticando os preços sugeridos pelo gerente do banco. Descobrimos imediatamente que é preciso tempo para negociar. Tínhamos bastante tempo e, felizmente, o gerente também tinha nos falado do conceito de negociação. Na prática, isso significa não simplesmente aceitar uma proposta. Faziam-se contrapropostas. Depois de cerca de meia hora de propostas e contrapropostas, conseguimos um 'contracto' para um apartamento de duas assoalhadas por bastante 'menos' do que o 'preço original' pedido. Em troca de cerca de metade do que tínhamos em nosso saldo de *coins* recebemos a chave do apartamento podendo usá-lo por seis

meses. A nossa reação inicial foi que isso não ajudou em nada para perceber qual era então o 'valor' daquele imóvel. Era o que os proprietários estavam a pedir ou era o que nos tínhamos pago? Mais tarde, aprendemos que valores dependiam de vários fatores e que isso era normal numa economia baseada no capital. Estranho, não? O valor parecia-nos muito ser uma espécie de acordo cultural não vinculativo.

Depois de nos instalarmos, fomos procurar comida. Logo no primeiro dia, descobrimos que era possível comprar ou trocar (se tivéssemos algo para trocar) frutas e vegetais em mercados ao ar livre. Isso geralmente custava muito menos do que ir aos lugares cobertos que eles chamam de 'lojas' ou 'centros comerciais'. Nesses primeiros dias não tínhamos frutas ou vegetais para trocar logo tínhamos que comprar o que precisávamos, pagando com *coins*. Para o fazer tínhamos que encostar o cartão que nos foi dado numa maquineta e a tela da máquina exibia o valor que tínhamos que 'pagar'. Ao confirmar o valor que pagávamos a quem oferecia os vegetais ou frutas, este valor era descontado do nosso saldo. Davam o nome de 'extracto bancário' ao conjunto de flutuações no número que podíamos consultar no site por computador.

Passamos pouco tempo no centro da cidade, que consistia principalmente em casas maiores e muitas 'lojas'. Rapidamente percebemos que não podíamos 'comprar' nada lá, simplesmente porque não tínhamos *coins* em quantidade suficiente. Conversamos bastante com aqueles que viviam na partes mais afastadas do centro da cidade. Muitas vezes, eram artesãos e artesãs. Explicaram-nós que tinham que trabalhar e 'vender' o

que faziam ou consertavam para assim conseguirem *coins* com os quais podiam 'comprar' outras coisas.

Um artesão explicou que precisou em tempos de uma nova máquina de costura para o seu trabalho, mas que não tinha os *coins* para isso. Ele contou-nos ter procurado outros nove artesãos que também precisavam de uma nova máquina de costura. Entre eles contribuíam com um décimo do valor da máquina dez vezes. Compravam uma máquina e a sorteavam quem ainda não tinha a máquina nova. Assim, após dez compras cada um deles tinha uma máquina nova que, de outra forma, não teriam condições de comprar.

Não podes pegar em *coins* dados pelo banco, como nós fizemos, perguntei. O artesão riu. 'Vocês tinham valor de troca sob forma de Terras Raras. O meu valor de troca são as roupas ou reparos que faço e para os quais me pagam *coins*. Quando vou ao banco pedir *coins* tenho que os pagar; chamam isso um crédito ou pedir dinheiro emprestado. Dinheiro emprestado custa muito mais do fazer dez compras com outros nove colegas. Normalmente, é preciso de um quinto a um terço do valor emprestado para pagar esse tipo de crédito!' disse ele.

Então esses bancos ganham mais *coins* apenas por fazer um empréstimo de *coins*? Sim, foi a resposta, por isso a garantia que forneceram foi tão importante. Em última análise vocês concordaram em obrigar o banco a usar uma parte da garantia disponível para fornecer microcréditos. Isso é uma consequência das propostas de Bregman de prever dinheiro grátis para todos. Sobre estes empréstimos não há pagamento a fazer. O banco só concede esse microcrédito se quem pede não tiver meios para

fazer a compra de outra forma, como eu fiz por exemplo. São pessoas que têm muito pouco mas não desaparecerão com o *crédito gratuito* sem o reembolsar. A garantia destina-se a casos de força maior. Por exemplo, se alguém com um microcrédito deste tipo falecer repentinamente.

De que outra forma a vossa comunidade difere de uma comunidade do tipo 1 como na época dos *Bloomcampers* no fim do hectano passado e o início deste? perguntei mais.

O artesão explicou-nos que havia duas outras diferenças importantes: primeiro tudo podia ser trocado gratuitamente, ou seja, sem estar sujeito a impostos nas trocas. Segundo tudo o que envolvia *coins* numa compra tinha um imposto associado que aumentava em função do valor pago. Esses impostos eram então distribuídos de acordo com regras rígidas entre aqueles que recebia menos *coins* ou não tinham a capacidade para trabalhar e ganhar *coins*. Algum dinheiro grátis para todos que precisavam mesmo…

Não seria mais simples fazer como nós então e organizar uma Convivialis Civitas, perguntei novamente. O artesão abanou a cabeça e disse: '*Nenhum de nós acredita que se possa viver verdadeiramente sem possuir coisas, sem propriedades, mesmo que seja apenas uma máquina de costura para consertar roupas e uma cabana onde viver e dormir. Essa é simplesmente a nossa crença. Também acreditamos que, combinando trabalho com sorte, qualquer um consegue alcançar um status em que outros trabalhem. Neste caso podemos viver do que os outros fazem… ou podemos viver dos lucros, como possuir uma parte dum banco, por exemplo*', foi a sua resposta."

Olhei um pouco incrédula para Lupe. “Ainda existem pessoas na Terra que pensam assim? Ter posse de algo é tão importante para essa crença?”

“Possuir nem é o mais relevante”, respondeu Dusan. “Mas a crença em si acerca de posse é praticamente indestrutível. Essa é a parte mais relevante nessas comunidades. Foi desde cedo incutido nas pessoas todas. Foi posto na cabeça delas por quem já tinha poder há mais de cem hectanos ou dez quilanos, por aqueles que davam valor absoluto aos símbolos de troca. Nem a ideia absurda dos *Bloomcampers* que eram donos do mundo inteiro, nem o inverno vulcânico abalou essa crença, mesmo entre aqueles que não possuem nada. Continuam a acreditar que um dia serão eles os donos. É mais forte do que eles mesmos. Vê o que se passa em Marte hoje.

Na Terra algumas comunidades Bregman fizeram mais cedo ou mais tarde a transição para uma organização sem propriedade como a nossa. Viram durante as poucas interações que também éramos felizes. Talvez o facto de todos os residentes de comunidades do tipo 2 poderem usar ‘gratuitamente’ como dizem as conexões VSA tenha fomentado conversas informais. Hoje no início do ano do hectano 122 já são muito pouco os Vagantes a se organizar enquanto comunidade. Mas não sabemos o que o futuro reserva. Irão mais crentes na propriedade regressar à Terra vindo de Marte, Ganímedes ou Europa? Não sabemos se eles irão conquistar crentes entre os EquivaGente dos *Convivialis Civitas*. Converse com o teu pai sobre isso. É algo que-lhe ocupa a mente…”

Lupe começou a falar de novo: “Ficámos na comunidade

Bregman por seis meses inteiros. O mais difícil para mim foi ver como quase ninguém questionava a crença em si ou a indução da crença pelos mais ricas proprietários de *coins* nos programas de instrução. Não ouvi perguntas do tipo "por quê" e pouquíssimas perguntas do tipo "como". Todos simplesmente consideravam normal vender a força de trabalho para aqueles que lucram com ela, sem oferecer nada em troca além da crença em *coins*.

Repara no entanto como continuámos a respeitar os princípios da Empatia e da Heterogeneidade. Queríamos, certo, falar sobre o nosso modo de vida, mas não queríamos convencer os outros de que vivíamos melhor. Apenas pedimos os outros de não nos pregar a obrigação de nos converter à crença em *coins*. Aprendi com a mãe de Lev que nunca devemos forçar os outros a ver a sua crença em dinheiro como nada mais do que um padrão culturalmente imposto. Observámos que é possível viver lado a lado no mesmo planeta. As comunidades Bregman são relativamente raros. Nas Polisses onde nós vivemos a propriedade deixou de existir. Mas antes da Refundição falar do fim da propriedade era um problema agudo, difícil, talvez impossível. Os *Bloomcampers* arrogantes forçaram todos a aceitar o dinheiro como se fosse uma verdade natural e absoluta na qual todos tinham que acreditar. Além disso, alegavam que qualquer pessoa sem dinheiro representava automaticamente um perigo para o resto da humanidade. Acreditando que o próprio *Bloomcamp* era solução para tudo simplesmente tornava-os incapaz de ver que eram exatamente as suas próprias vidas opulentas a ser o perigo para si mesmos e para os outros.

Eles estavam no grau zéro no que se refere à empatia."
"E seis meses depois deixaram a comunidade", disse Liberty.
"Sim, seis meses depois seguimos para sul para voltar ao hub oceânico. Usamos pela última vez uma *Embarcação Vela-solar* e o VSA regressar a Alkebulan. Uma vez no eixo leste-oeste do VSA-Magneto de Alkebulan apanhámos o ramal para Arqueopolis. Naquela época, essa *Convivialis Civitas* era o que talvez mais parecesse a cópia fidedigna de Bibliopolis. Aliás, ouvi dizer que muita EquivaGente ai já havia ficado ou vivido em Bibliopolis. No início do Inverno Vulcânico a pressão sobre *Paraíso* tornou-se quase insuportável apesar da migração para a Lua. Foi quando um grupo significativo de EquivaGente começou a construir Arqueopolis. Entre eles, é claro, estavam muitos arqueólogos ansiosos para fazer um novo mapa do mundo à luz do que parecia ser uma nova era glacial. Quando visitamos este grupo, eles estavam principalmente interessados em encontrar antigas Poleis soterradas por cinzas e gelo, com o propósito de procurar bibliotecas contendo conhecimento e ciência armazenados. Testemunhamos o momento em que as duas Bibliotecas Centrais de Bibliopolis e Arqueopolis estabeleceram ligações permanentes entre certos sectores de ambas as instituições para garantir um melhor fluxo de informações. Como sabes bem muitas outras *Convivialis Civitas* têm hoje ligações permanentes entre as suas bibliotecas."

"Então depois disso tudo, voltaram para Bibliopolis. Ficaram satisfeitos com os resultados da viagem? Ou planeavam partir novamente?" perguntou o Avô.
Dusan e Lupe se entreolharam e sorriram para todos.

“Não,” disse Lupe. “Quisemos partilhar toda essa experiência que adquirimos com os outros e ver em quais projetos de Bibliopolis ou projetos de Bibliopolis com outras Polisses, poderíamos participar.”

Dusan e Lupe não viajaram mais até hoje. Um ano e meio depois da viagem tiveram um projeto bem pessoal dando luz às gémeas Nadia e Nídia. Alguns meses antes, Ondjoy e Erika tiveram os gémeos Wolfgang e David. Talvez passaram o bichinho da viagem para as gémeas tendo elas por sua vez ‘infectado’ os outros dois. Mais sobre isso no décimo terceiro livro da saga.

Por enquanto, é importante de saber ter havido uma longa conversa após o regresso para casa. A conversa envolveu Ahanu Quispe, Diego Márquez, Dusan e Lupe Morshov e tinha a ver com os princípios que o grupo *RecIN* deduziu. Esta conversa mais uma vez com a observação de Dusan e Lupe de que toda a família Marquez seria sempre muito bem-vinda na casa deles em Bibliopolis.

Naquela mesma noite, perguntei: “Será que temos realmente bem a certeza de que podemos proteger o nosso modo de vida dos que acreditam na posse e no dinheiro? Entendo tanto pela história como pela ignarometria que dinheiro, posses, poder e arrogância estão intimamente relacionados e são produtos culturais tipicamente humanos.”

O avô então disse quase imediatamente: “Já referimos como o número relativamente estável de pessoas no planeta é hoje é um factor a tomar em conta. Também falámos da finitude biológica da vida.

Segundo a minha mãe foi muito mais importante que, junto com o desejo mórbido de poder e riqueza, o desejo mórbido de viver eternamente diminuísse drasticamente e frequentemente desaparecesse. Vemos hoje que os indivíduos da espécie humana lidam com o ciclo de vida colectivo de forma saudável. Integram nessa linha colectivo a sua linha de vida pessoal de vida e morte. Há uma aceitação colectiva de que a expectativa de vida biológica é finita. Foi quando ela introduziu a ideia de *século da reviravolta* com o fim quase fatal de todas as sociedades humanas na primeira metade do hectano 121. Segundo ela apenas os grupos ocasionais, fortemente empáticos, com a uma estrutura organizacional próxima da estrutura do Paraíso dos Livros [*ver anexos*] e que na história recente demos o nome de *Convivialis Civitas,* puderam evitar o pior. Já mencionei que a população mundial caiu para pouco mais de um terço e a hierarquia emigrou para planetas exteriores. Atualmente, mais da metade da superfície terrestre da Terra continua inadequada para habitação permanente. O inverno vulcânico parece ter acabado, mas as consequências são visíveis da base lunar. Geólogos continuam atentos ao manto terrestre.

Ainda não se sabe se as rachaduras que se solidificam lentamente voltarão a abrir-se ou se continuarão fundido e fechado fazendo o movimento das placas tectónicas retomar seu curso normal.

As ruínas de Megalissipo

Em 121.90, Avô Lev tinha 63 anos e o meu pai tinha 37. Na altura o Avô preenchia os seus dias principalmente com leituras e arquivo de documentos do período da Refundição. Ele gostava especialmente de ler as anotações nas margens. O pai estava a tentar de completar a série *Ignarysis* de antes do Inverno Vulcânico. A partir dessas revistas, ele já tinha reunido bastante informação em relação às irmãs Demeester.

"Podem falar um pouco do ano 121.90?", perguntei aos dois. Eles entreolharam-se e o Avô disse: "Começas tu. Já falei muito nesses últimos dias."

O meu pai começou: "Era pouco depois do segundo equinócio de 121.89 quando recebemos as visita de um arqueólogo com interesse antropogógico. Chamava-se Amadeus. Veio visitar-nos na Biblioteca Central. Perguntou se havia algum membro da família Auctor por perto. Respondi já ter encontrado dois: Lev e Alberto, aqui presentes. Ele olhou-nos por um momento e então disse talvez ter feito uma descoberta que nos pudesse interessar. Ouvimos. Amadeus contou fazer parte de uma equipa que a cada ano explorava o lado norte da bacia do Mediterrâneo entre o primeiro equinócio e o solstício de verão do hemisfério norte. No ano anterior tinham estado novamente em de Erebúm subindo pouco a pouco para norte. Nas mapas antigos essa parte de Erebúm ficava com o nome de Península Ibérica. Tinham explorado alguns distritos do que era então Megandalusalgarb e estavam agora a mapear o que foi Megalissipo. Havia planos para lá voltar no ano a seguir.

O centro-sul de Erebúm e Megabarça mais a Norte daquela antiga península estava por enquanto inacessível. Eles conseguiram fazer alguns scans de Megalissipo no ano passado. Sob a crosta de cinzas e gelo mais achatada o terreno era bastante acidentado. Havia várias zonas onde apenas deveriam escavar dez a quinze metros para alcançar o antigo solo. Fizeram scans em vários sítios e quando voltaram a Bibliopolis após o último solstício a sua equipa ocupou-se em comparar os scans com antigas fotografias disponíveis. Estavam bastante convictos terem encontrado a Biblioteca Paulo Demeester dentro de um complexo de edifícios cujos fundamentações e caves estavam em boas condições.

Podes imaginar como o nosso entusiasmo aumentou enquanto Amadeus falava. Olhamos para as fotos e os resultados dos scans e perguntamos-lhe se podíamos continuar a conversa no dia seguinte envolvendo Aylen e Mika Quispe, o segundo sobretudo enquanto geólogo.

Assim fizemos. A equipa de Amadeus estava principalmente interessada em continuar a digitalizar a Poleis no próximo ano. Mas ele pessoalmente gostaria de penetrar num repositório de documentos antigos para verificar se e como a proteção usada na época tinha sido eficaz contra os ataques eletromagnéticos. Como jovem pai, ele interessava-se para a antropogogia e leu que a Biblioteca Paulo Demeester tinha protegido um cave dessa forma. Em suma, ele estava interessado em desvendar a Biblioteca subterrânea e descobrir ao mesmo tempo se era útil abrir espaços semelhantes em Megalissipo.

O meu pai e eu ficamos encantados por Amadeus saber que até

novas evidências parecíamos ser os descendentes mais próximas das irmãs Demeester a viver em Bibliopolis. Dissemos logo que estávamos interessadas em acompanhá-lo para Megalissipo.
Aí Amadeus ficou um pouco preocupado. Ele perguntou-nos se tínhamos alguma experiência de escalada ou de espeleologia. O teu avô disse que a última atividade de espeleologia na qual participou terá sido na Lua quando ele tinha uns dezesseis ou dezessete anos. Eu disse nunca ter escalado.
Para estar em condições e acompanhar a equipa de Amadeus até Megalissipo no próximo equinócio, ele sugeriu organizar exercícios de escalada e descida em corda entre Bibliopolis e a comunidade de Bukoba nas majestosas árvores de quinze metros de altura. Logo, nas semanas seguintes o teu avô e eu aprendemos a subir por uma corda para depois descer. Descer exige menos dos músculos dos braços do que subir obviamente. Mas depois de apenas alguns dias começámos a duvidar das nossas capacidades. Amadeus e os Quispes encorajaram-nos. Precisávamos treinar mais para que os músculos dos braços e pernas se acostumassem ao esforço. Além disso, lá íamos subir no frio (mesmo perto do solstício de verão, a temperatura na área de Megalissipo ficava ainda por baixo de zero). Segundo eles o frio relativo tornava o esforço um pouco menos difícil. Aylen acrescentou que era mais fácil subir num tubo de gelo com grampos nos sapatos usando as paredes como apoio. Onde era possível um guincho também ajudava na subida. Anda assim tínhamos de estar bem preparados.
Alternámos os dias de escalada e 'desporto' na natureza com a consulta de documentos e plantas. Pensávamos saber

aproximadamente onde cavar para chegar à Biblioteca Paulo Demeester. O meu pai optimista dizia que a empreitada só podia dar certo… ou não. Brincadeiras à parte, confirmamos mais uma vez que Megalissipo havia sido atingida pelo mais significativo de uma série de terremotos menores mas somente após a primeira queda de cinzas. Foi há 51 anos e cinzas poderiam ter actuado como uma espécie de amortecedor se a cave escondida realmente existisse. Sabíamos que Greta Campos e a neta Fernanda Mestre falaram pelo menos uma vez daquela cave depois de ter chegado a *Paraíso*. E a neta Fernanda era, como sabes, a avó do teu avô. Já na altura tinha apenas vagas lembranças da história da cave. Mas havia também um documento entre os papéis de Ignarysis que se referia ao esconderijo supostamente construída naquela biblioteca há 100 anos."

O Avô continuou quando o pai ficou em silêncio por um momento. "Mas conseguem entender o nosso entusiasmo, não conseguem? Parecíamos crianças excitadas com um novo brinquedo. Dois dias antes do equinócio, estávamos no comboio de ligação para o hub no eixo VSA Norte-Sul do Magneto de Alkebulan.

Chegando ao extremo norte de Alkebulan, onde começava o pântano ainda congelado do antigo Mar Mediterrâneo, mudamos para uma espécie de esquis planadores. Havia espaço para quatro pessoas em cada veículo.

Mika explicou-nos que enquanto não soubessem como terá ficado todo o subsolo entre Alkebulan e Erebúm — que em cerca de cinquenta anos poderia ser um mar interior ou um

pântano raso sobre uma superfície de basalto — era muito cedo para decidir como estender a linha VSA Norte-Sul para Norte. Estava em estudo um projecto para estender essa linha mais a leste, em direção à antiga área de Megasul evitando as montanhas que separam o Erebúm Central das penínsulas a sul, tanto a leste quanto a oeste.

A viagem de esqui planador até Megalissipo levou três dias. Como cada veículo só transportava quatro pessoas, a viagem foi mais monótona do que a primeira parte de Magneto. Usamos principalmente dados de GPS para nos orientar. Durante a viagem, voltámos a consultar os nossos próprios mapas e comparamo-los com documentos históricos.

Amadeus e eu supervisionamos as etapas para descer nas perfurações. Imagina uma perfuração como o negativo de um tronco de árvore. Em vez de subir pelo tronco, desces por um buraco como se fosse dentro da casca oca da árvore congelada cerca de dez a doze metros. Uma vez lá em baixo, precisas de garantir que chegue oxigénio suficiente. Em seguida começas as estudar como romper o solo no qual assentas os pés. E 'romper' é a palavra-chave aqui. Pode ser necessário recorrer a explosivos, o que pode colocar em risco todo o longo corredor de descida. Estamos a falar de mais de dez metros de gelo e cinzas. Não é o mesmo que implodir uma estrutura de betão."

O pai retomou: "Megalissipo era uma enorme ruína naquela época como ainda hoje o é. Há sítios onde os esqueletos de betão de prédios na altura com mais de dez metros — para simplificar, digamos, mais de cinco andares — se destacavam como testemunhas silenciosas acima do gelo. Noutros lugares

parecia não haver nada porque a massa congelada ficava mais alto do que as construções mas havia também 'buracos' mesmo por baixo do gelo, como acontece num rio. Portanto podia parecer uma superfície plana mas continuava a não ser um passeio tranquilo de esqui planador…

Seguindo as instruções de Mika e Amadeus, optámos por perfurar um quatro locais próximos uma das outras. Uma semana e meia depois, achamos que conseguiríamos descer por quatro túneis suficientemente seguros e com suporte até o fundo e encontrarmos algo que esperávamos ser a Biblioteca Paulo Demeester.

A primeira surpresa foi encontrarmos vestígios de paredes e talvez até parte de uma escada perto do fundo de dois desses túneis de descida. Tínhamos cavado de facto no interior de paredes de um edifício. Foi ainda mais surpreendente encontrarmos uma espécie de mesa de trabalho que parecia bem preservada e encravada entre duas paredes. Ao lado das duas paredes encima da mesa (!) encontramos documentos escritos. Presumimos que fosse escrito em ibérica [ver volume 10 *Arrogância e Ignorância*] Fotografamos os textos e à tarde fizemos uma videoconferência com o grupo de linguistas com quem Maria se reunia regularmente. Pedimos que analisassem os textos e traduzissem a sua essência.

Dois dias depois, uma mensagem da Bibliopolis deixou-nos muito felizes. Os textos mostraram-nos que estávamos a lidar com a Biblioteca Paulo Demeester.

Entretanto os geólogos reuniram esforços para interligar três dos quatro túneis de acesso na sua base. Desse modo escavaram

uma pequena caverna artificial no gelo. A caverna foi escorada enquanto se cavava e soprava-se constantemente ar gelado para dentro da cave artificial para manter o 'tecto' congelado. Na superfície, a área ao redor dos quatro furos foi isolada para evitar a aplicação de peso nos bordos. Os próprios buracos ficaram por baixo de uma cobertura para mantê-los secos durante os muitos dias chuvosos.

A caverna artificial foi iluminada por LEDs. De seguida os dois espeleólogos que nos acompanharam começaram a procurar cavidades sob o que parecia ser um piso de betão. Sabíamos, por outras escavações lideradas por pequenos grupos de trabalho de Arqueopolis, que o *GNet-Z* da época usava certas técnicas para impedir os *Cou-Clib-Clans* de descobrir material armazenado no subsolo. O teu avô tinha trazido dois cadernos que encontrou entre os papéis da avó dele. Da leitura percebeu que a Fernanda devia ter uns vinte anos na altura em que a família decidiu construir o bunker de armazenamento. Mas naquela época ela aparentemente passava a maior parte do tempo no que então era referido por Bradin, um complexo universitário financiado por *Bloomcamp*, algum lugar no centro-norte de Erebúm. Portanto os cadernos não tinham ajudado muito para determinar a natureza e a localização do bunker de armazenamento. Depois de cerca de um mês pensámos ter encontrado o lugar certo para asceder à cave escondida. Ainda dispúnhamos de cerca de quatro semanas antes de ter que regressar a Bibliopolis. Devíamos chegar ao terminal do Magneto com os esquis planadores antes das tempestades de verão na zona. Aumentou um pouco a tensão."

O avô deitou um olhar para o pai e disse: “Certamente aumentou a tensão, mas não pouco! Eu queria ter certezas naquele mesmo ano. Como disse, tinha 63 anos. Agora, aos oitenta, sinto-me ainda de boa saúde. Mas não tinha como saber se iria conseguir fazer a viagem a Megalissipo no ano seguinte. Os geólogos aconselharam-nos para não usar explosivos para abrir o nosso chão que era o tecto da cave. O risco de desabamento era considerável. Por mais delicado que trabalhassem, não se conhecia a cave por inteiro e não se sabia exatamente o que a deslocação do ar poderia causar na própria cave. Também não sabíamos em que condições estariam os documentos em papel armazenados. A deslocação do ar num espaço fechado na sequência de uma explosão podia provocar grandes estragos. Decidiu-se perfurar uma entrada onde um scan indicou haver um espaço oco parecendo ser uma escada logo abaixo do tecto da cave. Amadeus sugeriu o uso de uma serra de diamante refrigerada. Tudo que precisamos foi nos entregue por esqui planador cerca de uma semana depois. Começamos a trabalhar imediatamente. A serragem em si foi rápida, assim como a remoção dos escombros por um dos túneis por onde havíamos instalado, entretanto um sistema de elevação de cestos.

E sim, dez dias antes de partirmos, estávamos na cave! A primeira coisa que encontramos foram caixas seladas de cartão e metálicas. Não continham apenas dispositivos centenários para armazenamento digital, mas também todo o tipo de leitores para visualizar o material armazenado, bem como dispositivos para ligar a computadores, desde cabos VGA até

todos os cabos USB utilizado até o fim do hectano 120.
E aquelas primeiras caixas, queridas netas, despertaram muitas emoções. Olhámos directamente para a colecção completa de *Ignarysis* em papel e digitalizado, armazenado em quatro tipos de suporte diferentes, desde o primeiro número de 120.25 até o último número antes de ser enterrado em 120.90. Conseguem imaginar? Dos 75 anos de edição tinha de repente a minha frente 65 anos completos de *Ignarysis*. Assim o teu pai iria poder preencher muitas lacunas ainda existentes na Biblioteca Central de Bibliopolis.
Passámos os últimos dias a cuidadosamente fechar tudo de novo. Decidimos levar apenas os suportes electrónicas, os leitores e todos os cabos de ligação para Bibliopolis, esperando que estivessem em boas condições. Fizemos uma espécie de inventário fotográfico do que encontramos no primeiro dos quatro espaços da cave. E depois tínhamos que sair."
O pai continuou: "Tirando a emoção, lembro-me de pouca coisa daquela primeira viagem de regresso. No esqui planador o teu avô e eu recorremos às traduções de Maria e tentamos fazer uma lista do que queríamos ler primeiro… ou seja todo os números desconhecidos de *Ignarysis* anteriores a 120.90 e que não se tinham lidos desde o inverno vulcânico! Durante a viagem de Magneto estudamos as informações técnicas dos leitores e suportes. Alguns pareciam ser meros antecessores dos modernos leitores de disco e de cartão de memória.
De volta em Bibliopolis, mal vi o teu avô uma semana inteira. Ele passou a maior parte do tempo com dois arqueólogos de informática que não só fizeram funcionar a maior parte dos

dispositivos mas também lhe ensinaram como visualizar os documentos.

E claro, voltámos a Megalissipo no ano seguinte, e desta vez a avó Sara acompanhou. Naquele verão, passamos mais tempo no subsolo do que na superfície. Conseguimos explorar um espaço e meio da cave e embalar a maior parte dos achados para transporte até Bibliopolis.

Em seguida, discutimos a utilidade de ter um espaço de trabalho maior para armazenar e examinar documentos dos primeiros anos da ignarometria e da antropogogia institucional. Como sabem este espaço tornou-se a base para o que será oficialmente inaugurado como espaço JCD no próximo ano quando, assim esperemos, o projeto da saga toma a sua forma final.

Mas voltando a 121.91. Logo após o Solstício de Verão do Hemisfério Norte, trouxemos inúmeras caixas de diários, documentos datilografados e documentos escritos. Livros e materiais eletrónicos continuariam a chegar nos meses seguintes. Considerei retornar a Megalissipo mais uma ou duas vezes para estar presente durante os trabalhos de escavação.

O avô concluiu: "Naqueles primeiros anos, liamos sobretudo as notas mais pessoais. Gradualmente, toda a família falava e lia bastante bem o ibérico.

O pai da minha avó, Sérgio parecia com frequência minimizar a agressão de certos grupos de ignorantes e dos oligarcas locais. Por isso, não terá saído para Paraíso com a esposa e a avó decidiam viajar para cá. Isso é corroborado por outras fontes.

É fácil entender que aqueles achados na cave de Megalissipo contam parte da história da família até cem anos atrás. O que

sabemos sobre o período entre 2090 ou 120.90 e 121.90 baseia-se sobretudo em histórias e informações complementares com alguns documentos escritos aqui e ali.

Encontramos num livro mais artístico de Francisco N'Kondo observações sobre o talento musical da sua neta Alberta. Esta Alberta era ainda nova quando Greta Campos e o irmão de Francisco, Alexandre, aparentemente decidiram proteger a biblioteca. O nome Alberta aparece em *Paraíso* nalgumas notas da família. Pensamos tratar-se da mesma pessoa mas (ainda?) não temos certezas."

Convivialis Civitas Consolidatus?

A minha irmã Liberty insistiu em escrever este pequeno posfácio como uma espécie de homenagem à mãe de Avô Lev. Ela faleceu no dia 10 de dezembro de 121.92, pouco antes de completar 92 anos.

Um ano antes de morrer, Emmy Lehrman escreveu uma breve nota para o grupo *RecIN* em que fala do *século da reviravolta* ou *a reviravolta do hectano 121*. Com essa nota ela tentou esclarecer o que significado para ela. Na véspera do Inverno Vulcânico a humanidade parecia ter chegado numa encruzilhada em relação aos modelos sociais. Alberto Auctor reflete frequentemente acerca dessa encruzilhada e hoje tenta mapeá-la. Voltaremos mencioná-la no décimo terceiro livro da saga. Trata-se como bem entendem de três tipos de comunidades. A minha bisavó ampliou a estrutura ignarométrica com a matriz 105/121. Ao adicionar certos tipos ideais, ela também expressou a sua preocupação com as novas hierarquias que podem surgir no futuro.

Emmy não ficou tão feliz como outros quando ouviu dos *Descritores da simplicidade dos problemas* como mais de três quartos dos *Elysianos* e quase todos os descendentes dos gestores dos Fundos preferiram ir a Marte em vez de regressar à Terra quando a cidade espacial chegou ao fim de sua vida útil. A Terra mostrava sinais de melhora após o Inverno Vulcânico.
Quinze anos depois de nos ter deixado podemos nos fazer uma imagem da visão de futuro da Emmy. Há mais de quarenta anos, ela alertou que a ida voluntária de muitos *Elysianos* para Marte não era uma solução inteiramente satisfatória. Ela previu a

possibilidade de uma ruptura com as comunidades na Terra que entretanto se organizavam formando a rede de *Convivialis Civitas*. Ela sempre viu a separação como uma potencial dificuldade contrariando o elogio da heterogeneidade. E havia um perigo também. Não tinham ouvido os descendentes da primeira geração de *Elysianos* que iriam regressar para a Terra onde iriam encontrar uma espécie de Paraíso quase despovoado? Descobriram rapidamente que continuava a haver dezenas de milhares de comunidades. E o que lhes pareceu um pesadelo era que em quase todos essas comunidades os habitantes tinham renunciado à sua fé no dinheiro e na posse!
Vemos a maneira de pensar de Emmy na forma como aborda o grupo *RecIN*. Durante algum tempo procurou elaborar uma espécie de teoria abrangente porque o seu declarado desejo pela sustentabilidade passa por uma ética cosmopolita. No final esse desejo descreve-se principalmente com os Princípios de Refeição e Empatia que caracterizam nossas comunidades hoje. Não trata mais de diretrizes de compaixão, como nas antigas religiões, mas de novas regras éticas e códigos de conduta. A ostentação de riqueza foi desde o início considerada uma grosseira forma de irreflexão. Afinal, os excessos de poder estavam muitas vezes directamente relacionados com esta por vezes obsessiva atitude.

Desde o início da Refundição e durante o todo o resto da sua vida a Emmy não apenas facilitou *Think tanks*, comunidades de aprendizagem e grupos de produção local participando ativamente deles. Ela contribuiu para o desenvolvimento de unidades de produção mais artesanais mesmo para objetos

altamente complexos. São os serviços ou produtos que exigem EquivaGente com extensos estudos especializados para serem concretizados. Ela contribuiu significativamente para a compreensão em como a industrialização tem tudo a ver com acumulação de capital e pouco com uma maneira eficiente de produzir certos produtos quando requer máquinas extremamente complexos. Sem dinheiro e sem a ansia pelo poder, a competição torna-se supérflua. Competição alimenta a ideia de pagar para possuir. Não significa simplificar na criação e no uso de objetos criados colectivamente pela inteligência humana e electrónica.
É em parte graças ao esforço colectivo e cultural de pensamento do uso em vez do pensamento da posse que hoje é possível propor qualquer projeto desde que exista um grupo de pessoas interessadas e que esses mostrem ou encontrem capacidade técnica para realizá-lo.
O código geral de ética exige uma avaliação preliminar de impacto para cada projeto. Essa avaliação visa determinar se o projeto pode prejudicar pessoas desinteressadas.

Hoje, compreendemos plenamente as vantagens da forma como um comité de ética se perfila no seio do Conselho Interpolis. Lançaram-se as bases para a natureza *ad hoc* de cada comité sempre aberto a qualquer pessoa que deseje participar nele. A consolidação dessa forma de pensar, como o Avô Lev nos contou neste livro foi em parte o resultado da introdução de uma abordagem cultural com as crianças nos grupos de aprendizagem inicial nos quais experiência, pesquisa e conhecimento convergem.

Foi essa mesma experiência que nos fez perceber que para

crianças como para adultos, ler e escrever são igualmente importantes para interagir com quem é hoje e quem era ontem. Falaremos sobre isso em *O retorno do papel impresso*.

Fim do livro 12

Uma estranha carta

Caro Pascal

Aproveitámos uma pequena falha no contínuo do espaço tempo para te fazer chegar uma saga dinástica de educadores, pedagogos e antropogogos que foi publicado pela primeira vez em 122.15 (calendário holoceno), o que corresponde ao ano 2215 segundo a contagem do calendário que vocês usem no vosso século XXI.

A dinastia percorre 20 gerações, desde 1630 até 2222. Quando pesquisámos o teu século encontrámos o teu nome e sabemos do teu interesse pela aprendizagem dialogada, razão pela qual te solicitamos a disponibilização dos documentos à medida que te os conseguimos fazer chegar.

Fica descansado. A falha no contínuo não irá provocar nenhuma alteração ao passado e ao futuro das pessoas. Só permite o envio de documentos.
Em nome da equipa de co-autores,

Maria Liber

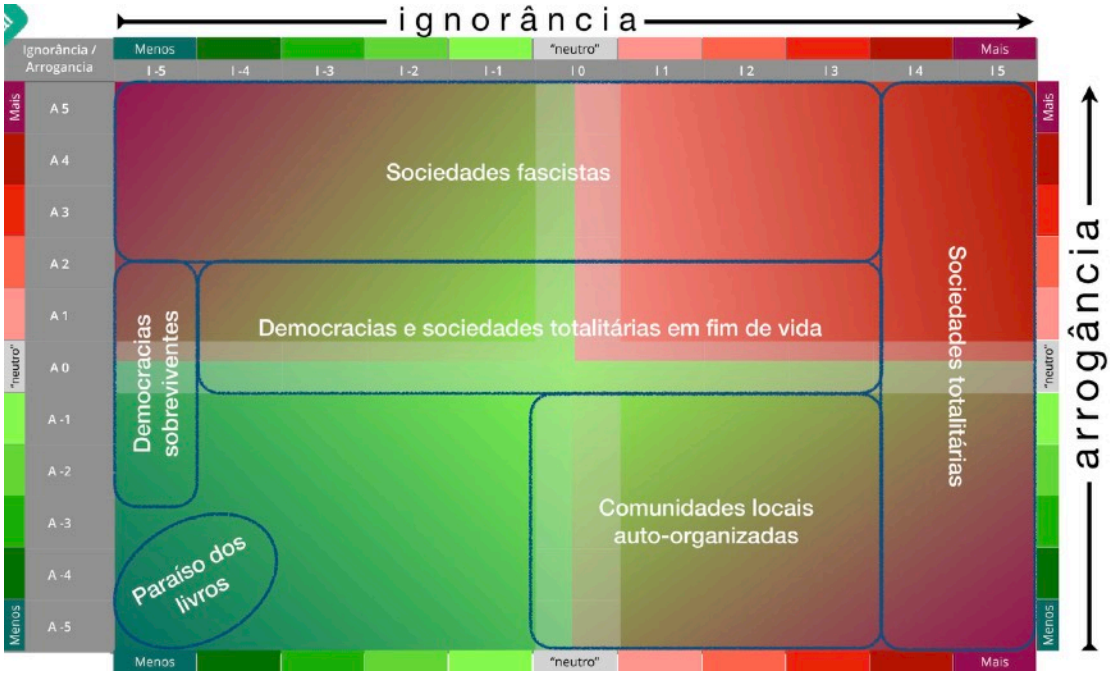
Anexos

Quadro ignarométrico 105/121

Ignorância / Arrogancia		Menos I -5	I -4	I -3	I -2	I -1
Mais	A 5	Líder fascista	Investigador comercial	Autocrata	Colonizador espacial	Líder presunçoso
	A 4	Líder de seita	Beligerante estratégico	Inquisitor religioso	Carrasco	Arruaceiro
	A 3	Líder em partidocracia	Criador modas consumistas	Beligerante agressivo	Mercenário	Tradicionalista militante
	A 2	Líder democrata liberal	Financiador		Morre pela pátria	
	A 1	Líder democrata occidental	Ambientalista tolerante		Votante crítico	Seguidor crítico
"neutro"	A 0	Líder democrata	Líder de transição	Líder mediocre	Votante disciplinado	
	A -1	Líder consensual	Ambientalista compreensivo	Protetor legitimo	Votante informado	Tolerante à integração
	A -2	Intelectual anti-poder	Bregmanista	Cientista antropomorfo	Defensor ativo da integração	
	A -3	Intelectual generalista	Consumidor consciente	Pluralista paternalista	Objetor de consciência	
	A -4	Investigador ético	Pluralista Consensual	Cientista baseado em exobiótopo		Mistico dialogante
Menos	A -5	Pluralista com ética cosmopolita	Diplomata negociador	Universalista	Pacifista	
		Menos				

"neutro"					Mais	
I 0	I 1	I 2	I 3	I 4	I 5	
Lider populista	Arrivista	Teórico conspirações	Braço direito lider populista	Braço direito lider fascista	Anarco bombista alfa	Mais
Líder popular efémero	Conspirador	Atacante da cultura	Crente religioso dogmático	Beligerante dogmático	Anarco populista alfa	
	Seguidor líder populista	Discípulo militante	Nacionalista xenofóbico	Vendedor oportunista	Queimador de livros	
Nacionalista Mediocre	Xenófobo	Nacionalista	Xenófobo, homófobo	Omnífobo e rascista	Anarco intolerante	
	Intolerante a integração	Votante de partido fixo		Ambientalista fundamenta-lista	Produtor de "fake news"	
Cinzentão	Tradicionalista mediocre	Votante passivo	Seguidor mediocre	Seguidor saltitante	Anarco inofensivo	"neutro"
	Seguidor hesitante	Votante "do contra"	Espiritista	Ambientalista intolerante	Anarco omega	
		No man plesbicite	Tradicionalista pacífico		Ignorante anti-poder	
Conciliador mediocre		Yes man plesbicite	Seguidor de teorias de conspiração	Consumidor compulsivo	Leitor de "fake news"	
Seguidor ingénuo	Crente religioso dialogante	Discípulo respeituoso		Cordeiro do poder	Ignorante seita	
Diplomata consensual	Integrado	Integrado resignado		Dá se bem com todos	Bobo da festa	Menos
"neutro"					Mais	

Interpretação do hectano 121 por Emmy Lehrman



Evolução do quadro ignarométrico em **Ignarysis**

A Liberty escolheu a etologia e a inteligência electrónica (IE) como áreas de estudo.
Escreveu com Zainabu Cheboi uma série de artigos sobre a influência do pensamento não pluralista nos códigos de conduta de pessoas, depois de se ter voluntariado para um comité comunitário.
Catherine é analista e documentarista. Ela interessa-se particularmente pela história pós-Reconstrução, e participa também nos contactos com os descendentes dos Elysianos que optaram por não regressar à Terra.

Esta é o décimo segundo e penúltimo livro da Saga Magister-Auctor.
Catherine e Liberty entrevistam os pais e os avós para nos fazer conhecer a sua visão sobre a Refundição, que, segundo o avô Lev, ainda está em curso.
Muitos associam o período de Refundição entre o regresso à Terra após o Inverno Vulcânico e a apresentação dos nove princípios que orientam os EquivaGente das *Convivialis Civitas* numa rede mundial.